

CONTRA A AUSTERIDADE PAGA PELOS TRABALHADORES

CGTP-IN diz não ao "pacote dois"

As medidas de austeridade que se encontram largamente preanunciadas «não visam resolver os problemas económicos do País» — assevera a CGTP-IN, num comunicado emitido pelo seu Secretariado. O comunicado refere-se também ao que alguma imprensa tem vindo a divulgar — aparentemente em campanha preventiva contra o Governo, mas de que o Governo está entretanto a tirar algum benefício porquanto aí se prepara, pode dizer-se, a população portuguesa para o que o Governo entretanto vier a anunciar. As medidas em questão (desvalorização da moeda, maiores aumentos de preços, agravamento das condições de vida dos trabalhadores) visam — diz a Inter — «atenuar os efeitos da política económica do Governo».

No mesmo passo, a CGTP «avisa» que «não pactuará com tal política de miséria» — expressão em que resume não só as perspectivas para que as novas medidas de austeridade deverão apontar mas também, e

desde já, a realidade que as medidas em vigor (articuladas com as condições de vida existentes) já criaram, entretanto. Em vésperas, pode-se calcular, de as novas medidas serem divulgadas, a (forte) reacção da

CGTP assume uma importância maior, se se tem em conta o que a Inter significa como lugar de convergência e dinamização do movimento sindical português (de parte certas franjas de acção restrita e pouco conse-

quente), e sobretudo o que, mercê disto, a Central representa no contexto político do País — onde, pode-se por certo dizer, uma esmagadora maioria das classes trabalhadoras se encontra talvez mais do que descontente com a orientação pelo menos da política económica do Governo.

(Pág. 2)

Esclarecido o caso Frutuoso de Brito

(Pág. 4)

TAP: só a nacionalização defende interesses do País



A Constituição assegura a irreversibilidade das nacionalizações, que constituem parte importante dos passos a dar rumo a uma sociedade mais justa, que se deseja cada vez mais de nós todos e cada vez menos de alguns ou de um número restrito de famílias.

O «caso TAP» tem chamado ultimamente a atenção da opinião pública. Trata-se de uma das mais importantes nacionalizações do sector dos Transportes. A avaliar por certas notícias ultimamente divulgadas, algumas de certo especulativas, estaríamos perante um «concerto» não só contra a TAP nacionalizada, mas também contra outras nacionalizações do sector.

Ignorando as dificuldades de todas as empresas neste período da conjuntura, em que lhes foi retirado o «tapete sustentador», alguns invocam a questão da falta de rentabilidade para propor as desnacionalizações das empresas públicas, e a TAP não foge à regra. Ora a verdade é que o argumento (muito discutível) não colhe em relação à nossa empresa pública de aviação civil. A TAP é uma empresa nacionalizada, não só viável, como ainda indispensável, no seu actual estatuto, à infra-estrutura do nosso país.

(Pág. 6)



Navio norueguês polui margem sul

Desde manhã que o barco norueguês Berge Tasta, ancorado ao largo do Porto Brandão está a queimar nafta poluindo a outra banda e o rio, à espera de ordens para entrar na doca da Margueira para reparação e pintura de fundos.

A poluição que em casos semelhantes os barcos provocam, é uma das razões por que muitos países não aceitam ter estaleiros de reparação de navios de perto de grandes cidades. O peixe vai desaparecendo e as nuvens negras expelidas pelos barcos começam a fazer parte do quotidiano do rio do nosso quotidiano cada vez mais poluído.

NEGÓCIOS DE CARNE COM A RODÉSIA

Governo confirma notícia do "DL" e vai aplicar decisões da ONU

A Junta Nacional dos Produtos Pecuários, que ontem se recusou a prestar informações ao «DL» acerca da compra de carne à Rodésia, confirmou posteriormente à ANOP a veracidade da nossa notícia ao admitir que o Governo Português tem vindo, efectivamente, a comprar carne ao regime racista e ilegal de Ian Smith.

Contactado a este propósito, um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirmou à mesma agência noticiosa que a decisão do Conselho de Ministros de aplicar as decisões da ONU contra o regime de Salisbúria só entrou em vigor no passado dia 4 de Agosto.

O mesmo porta-voz do MNE

procurou justificar as compras referidas, ainda que concretizadas no princípio de Agosto, com a justificação de que teriam sido decididas «muito antes», tendo ainda salientado que «de qualquer forma, o Governo Português está a tomar todas as providências para que se cumpram as disposições das Nações Unidas».

OUTROS NEGÓCIOS?

Acerca ainda desta nova intenção do Governo, é de referir que um representante da JNPP, além de ter confirmado a nossa notícia, fez questão de dizer que «Portugal também

exporta produtos da indústria metalomecânica» para a Rodésia.

A guisa de comentário, é de estranhar, por um lado, a demora do Governo em aplicar as sanções da ONU contra tal regime condenado pela própria opinião pública mundial sabendo-se que tais medidas tinham sido determinadas há bastante mais tempo, e por outro, é de perguntar o que pensa o Governo destas afirmações do representante da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, que refere a existência ainda de trocas comerciais de Portugal com Salisbúria, através, nomeadamente, da metalomecânica.

Em que ficamos?



TISSOT

Black & Decker



RENAULT

INDUSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

Av. Liberdade 233
Tel. 536 121
Lisboa 2

Europa

Reportagem nas páginas de desporto

Pelo enviado especial Neves de Sousa

Política de A a Z

A PROECIA

Texto esquecido mas verídico este que oferecemos aos leitores: «Em vertiginosa carreira nos aproximamos do absolutismo. Se fosse ilustrado e se tivesse meditada orientação, assente em uma ampla base de economia, de moralidade, de justiça, de fomento agrícola, industrial e comercial — nestas condições, seria, talvez, a única solução racional e oportuna. Mas não o caminho é outro. Iremos, provavelmente, precipitar-nos em um ecletismo político, formado de fragmentos de instituições híbridas e anómalas acervo de elementos heterogêneos que constituirão uma autocracia militar, o socialismo de Estado, e a última expressão do cesarismo com uma longa cauda de demagogia. Um regime heteróclito e inominável, como este promete ser, terá de se apoiar na oligarquia ascosa do capitalismo».

Quem terá sido o autor do texto? Uma ou outra das expressões usadas soam estranhamente. Mas a situação tem os traços da modernidade, tem um acento actual. Porém surpreendam-se os leitores — estas palavras proféticas foram escritas pelo visconde de Ouguella. Datam do ano de 1896.

Não queremos insinuar que, no «tempo longo» da História, as situações se repetem ou reproduzem. Apenas queremos dizer que o tempo é lento e 1896 foi... ontem.

A CERTEZA

Quando de Abril estamos tão distantes, dá gosto, e faz saudades, lermos as palavras de um general Vasco Lourenço, teimoso «Capitão de Abril», de si seguro e animado de certeza quanto ao futuro. Com chamada na capa e três páginas interiores com fotografias — é a ANOP que informa que a este exílio estival a revista espanhola não chegou — Vasco Lourenço, do alto das suas estrelas e forte dos apoios com que conta ou das recuperações com que sonha, diz-nos das suas certezas revolucionárias, democráticas, socialistas e portuguesas. Para Vasco Lourenço, «Capitão de Abril», o socialismo define-se como «uma sociedade mais justa, onde se acabe com a exploração do homem pelo homem, onde haja efectiva igualdade de direitos e oportunidades, mas onde também haja liberdades». Para Vasco Lourenço o seu socialismo implica o socialismo: a socialização dos meios de produção. E implica a democracia: a liberdade do cidadão e o pluralismo das opiniões.

Mas para Vasco Lourenço o processo de transformação da sociedade portuguesa, em liberdade, sem constrangimentos ditatoriais ainda que ditos progressistas, é irreversível. Nas suas palavras de certeza (e tão ingenuas): «Só poderia haver reversão, se se produzisse um golpe de Estado direitista».

Esquece o sincero «Capitão de Abril» que existem forças políticas apostadas em deter o processo revolucionário, em contrariar a transformação estrutural da sociedade portuguesa, em provocar a revisão da Constituição da República.

O general Vasco Lourenço sabe, e proclama, que: «Nas Forças Armadas o espírito do 25 de Abril preserva-se essencialmente na prática, defendendo a Constituição...» Sim. Certíssimo. Mas acrescenta-se: esta Constituição. E evita-se, alarmando e mobilizando o povo do Minho ao Algarve, que esta Constituição seja modificada, ou diminuída no seu alcance político, económico e social, pelo vesgo expediente legislativo de adoptar leis que não correspondem ao projecto constitucional de constituirmos uma sociedade em transição para o socialismo.

A LEITURA

Não exageramos perigos, concessões, transigências, negociações claras e negócios escuros. Afirmamos: esta Constituição — a Constituição da República Portuguesa que foi elaborada, aprovada e promulgada como projecto nacional de construção de uma sociedade em transição para o socialismo — está ameaçada. Não temos o exclusivo de o compreendermos e não temos o exclusivo de o denunciar. No editorial do semanário «O Jornal» de 12 de Agosto, comentando os trabalhos da Assembleia da República e os tormentos à Constituição infligidos, lia-se:

«Por outro lado, assistiu-se a algo que nos parece bem mais grave, por apresentar nítida distorção do papel de uma Assembleia incumbida de funções legislativas e, portanto, não constituintes. Com efeito, propagandeada mercedamente como progressista, foi a Constituição Portuguesa, sendo revista, na prática, através da própria mecânica parlamentar da aprovação das leis. E, desta forma, eis que uma Assembleia Legislativa se tornou «constituente» facto que parece ter passado despercebido a muitos dos representantes com lugar em S. Bento. A não ser que tenham preferido guardar um silêncio prudente sobre o «facto consumado», o que não deixa de provocar bastantes interrogações.

«Vivemos contudo, felizmente, num Estado de Direito, democrático, onde a opinião pública pode pedir contas e sancionar por métodos civilizados e ordeiros. O futuro não deixará, portanto, de lançar a devida luz sobre o que foi a primeira sessão legislativa da Assembleia da República».

E a «Comissão Constitucional» organismo de conselho do «Conselho da Revolução»? E o Presidente da República?

Vasco Lourenço tem razão quando afirma que, a prática, no seio das Forças Armadas — e, também, no seio do povo — o espírito do 25 de Abril se defende, defendendo a Constituição. Mas é preciso acrescentar e sublinhar: defendendo esta Constituição, o general Vasco Lourenço e o general Ramalho Eanes têm que ter presente que também a de 1933 era «uma Constituição». Contra ela, ou apesar dela, se fez o «25 de Abril». Contra ela, ou por causa dela, foi necessária a «Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974».

Chegou o momento de reconsiderar, de reflectir, de optar: ou por esta Constituição ou contra esta Constituição.

A Constituição é uma fronteira. Cada um de nós, como cidadão consciente, tem que se decidir e proceder coerentemente com a sua opção. Não podemos continuar, divididos por rótulos, separados por fórmulas e ambiguidades, quando o problema de fundo se define pela fidelidade, ou pela infidelidade, à Constituição da República. Uma Constituição que é democrática. Uma Constituição que é socialista. Uma Constituição que prega como valor supremo a Independência Nacional.

NOVAS MEDIDAS DE AUSTERIDADE

A CGTP-IN diz que "não pactuará"

O Secretariado da CGTP-Intersindical emitiu ontem um comunicado acerca das medidas de austeridade que se anunciam o governo vai tomar dentro em breve. O texto é uma tomada de posição daquela central sindical sobre o chamado «Pacote 2», a divulgar, e uma perspectiva antecipada das suas implicações e consequências, articuladamente com as implicações e consequências constantes e decorrentes das medidas de austeridade adoptadas pelo Governo desde 25 de Fevereiro último. Sumariamente, a posição da CGTP-Inter é desfavorável às medidas que se anunciam, tal, como as anteriormente adoptadas pelo que elas representam de agravamento para as condições de vida dos trabalhadores. O texto põe em relevo o contraste entre os sacrifícios que as medidas exigem aos trabalhadores e a atitude do Governo perante as forças do capital traduzida, por exemplo, e nos concreto pelas indemnizações.

A CGTP-IN começa por alertar para a campanha que — diz — «anda a ser desenvolvida nos órgãos de comunicação social, especialmente na RTP,

que — acrescenta — visa preparar psicologicamente o povo português para aquilo a que o Governo designa por «necessidade de aplicação de medidas de austeridade» ainda mais gravosas do que as já tomadas». Seguidamente, lembra — «como sempre tem defendido, a situação económica do país justificava a adopção de medidas de austeridade entendidas sob o princípio de os maiores sacrifícios serem suportados por aqueles que mais têm e com o carácter transitório que a realização do projecto socialista consagrado na Constituição garante».

«FAZER PAGAR

AOS TRABALHADORES»

«As anunciadas medidas de austeridade, como as decretadas em 25 de Fevereiro deste ano têm como objectivo fundamental precisamente o contrário: fazer pagar essencialmente aos trabalhadores a grave crise económica e financeira que o país enfrenta» — diz a Inter.

Para a Central, «o Governo vir falar de austeridade, quando colabora na lei que visa o pagamento de mais de cem milhões de contos àqueles que foram os principais instigadores e beneficiários da política de exploração desenfreada que caracterizou a economia nacional durante o fascismo» e «só pode ser considerado como um acto de hipocrisia» — quando — acrescenta — o Governo «permite que o patronato sabotador lance impunemente no desemprego milhares de tra-

balhadores, quando se prepara para aplicar uma lei que visa destruir a Reforma Agrária, tirando a terra e o pão a quem trabalha».

A CGTP-IN «NÃO PACTUARÁ»

Lembrando que «sempre tem pugnado por reivindicações salariais realistas que tenham em conta as dificuldades económicas», a CGTP-IN «avisa que não pactuará com tal política de miséria, não só porque é socialmente injusta, mas também por considerar que aquelas que agora se anunciam (desvalorização da moeda, maiores aumentos de preços, agravamento das condições de vida dos trabalhadores) não visam resolver os problemas económicos do país (como os decretos em 25 de Fevereiro não resolveram), mas somente atenuar os efeitos da política económica suicida do Governo, a favor dos piores inimigos do nosso povo, os monopolistas, os latifundiários, o imperialismo, através da repressão dos trabalhadores, da submissão dos interesses nacionais aos interesses estrangeiros, que levarão inevitavelmente a um cada vez maior atropelo da Constituição, e que poderão criar condições para o regresso do fascismo».

«A crise económica do país — assevera a CGTP-IN — só será resolvida se tiver em conta os interesses, o apoio e o empenhamento dos trabalhadores. E esse não se conseguirá reprimindo-os e não respeitando a Constituição».

Felipe González e Senghor

ausentes da "onda socialista"

Felipe Gonzalez, secretário-geral do PSOE, e Leopold Senghor, presidente do Senegal, não participarão, ao contrário do que foi anunciado, no convívio organizado pelo Partido Socialista no próximo domingo, na Figueira da Foz, e designado de «onda socialista».

A ausência é explicada por um telex da Anop, que refere «compromissos anteriormente assumidos» pelos citados convidados da «onda socialista».

Leopold Gratz, do PS austríaco, Reyuls, Sten do PS norueguês, Lamine Bae, representante do presidente Senghor e Anselmo Sule, do PS chileno, são, entretanto, alguns dos convidados da festa, que inclui uma sardinhada grátis aberta à população local.

Manuel Alegre no Maputo

Manuel Alegre, secretário de Estado para os Assuntos Políticos, que em representação do Primeiro-Ministro e do PS se encontra de visita a Moçambique e Angola, decidiu prolongar a sua permanência no Maputo, devendo chegar amanhã a Luanda.

Em entrevista à Rádio Moçambique, Manuel Alegre declarou que «serão brevemente postos em prática acordos de cooperação entre Moçambique e Portugal» assinados em 1975, depois da independência do novo país africano, afirmando, designadamente, que a sua visita se destinava «a criar um clima de melhores relações entre dois povos irmãos e amigos».

Na capital moçambicana, Manuel Alegre fez entrega ao presidente Samora Machel de uma mensagem pessoal de Mário Soares.

Entretanto, uma delegação do Ministério dos Negócios Es-

trangeiros, chefiada por José Matos Parreira, director do Gabinete Coordenador para a Cooperação do MNE, seguiu esta madrugada para Luanda com o objectivo de estudar problemas relacionados com os funcionários públicos portugueses que ficaram a prestar serviço na República Popular de Angola depois da independência deste país.

Noticiário breve

VITAL MOREIRA

Vital Moreira, vice-presidente do Grupo Parlamentar do PCP, orientará esta noite, a partir das 21 e 30, na Casa da Cultura, em Lagos, uma sessão de esclarecimento sobre a actual situação política.

COSTA BRÁS

O ministro da Administração Interna, tenente-coronel Costa Brás, conferenciou, no decorrer da sua visita à Roménia, com o ministro romeno do Interior, Teodor Coman. O responsável português assistiu, ontem também, às cerimónias comemorativas do 33.º aniversário da libertação da Roménia do domínio nazi.

MINISTRO VENEZUELANO

O ministro da Coordenação e Plano da Venezuela, Azpuru Marturet, chega no domingo a Lisboa em visita oficial, devendo manter conversações com membros do Governo Português.

HOMENAGEM A JOSÉ LIMA

Centenas de pessoas associaram-se, há dias, em Ponte de Lima à homenagem prestada a José da Costa Lima, militante comunista morto a tiro quando em Agosto de 1975 se encontrava nas instalações do Centro de Trabalho do PCP, naquela vila minhota, defendendo-o de um assalto comandado por reacconários.

MEDEIROS FERREIRA

O titular do MNE, Medeiros Ferreira, recebeu ontem em audiência, a embaixatriz de S. Tomé e Príncipe, Graça Amorim, tendo sido debatidos assuntos respeitantes à cooperação entre os dois países.

EMBAIXADOR DA ZÂMBIA

O embaixador da Zâmbia no nosso país encontra-se no Porto em visita de cumprimentos, tendo-se avistado ontem com o presidente da Câmara, com Pires Velloso e com Cal Brandão, governador civil.

CÔNSUL EM ESTRASBURGO

Farinha Fernandes, adjunto de João Lima, secretário de Estado da Emigração, vai ser nomeado cônsul-geral de Portugal em Estrasburgo.

NO FUNCHAL

Fogo posto noutro automóvel

FUNCHAL, 24 Servindo-se de duas vasilhas de plástico com desperdício embebido em matéria inflamável, terroristas lançaram esta madrugada fogo ao carro do eng. Joel Ferreira, técnico de importante firma construtora na Madeira.

Na circunstância os aubres deste fogo posto colocaram uma das vasilhas sob o porta bagagens e outra sob o motor da viatura, um «Renault» com a matrícula DE-68-80, estacionada na estrada Conde Carvalhal.

Alertado por um vizinho, o proprietário do automóvel conseguiu com a ajuda daquele debelar o incêndio. Quando chegaram os bombeiros o fogo estava praticamente dominado. Os estragos são de pouca monta.

Refira-se que Joel Ferreira é um cidadão progressista tendo sido, por isso mesmo, várias vezes ameaçado.

AMBIENTE

Serge Antoine regressou a Paris

Regressou ontem a Paris o secretário-geral do Alto Comissariado do Ambiente de França, Serge Antoine.

Serge Antoine esteve em Portugal durante três dias, a convite de Correia da Cunha presidente da Comissão Nacional do Ambiente.

Enquanto em Portugal, o responsável francês pelo Ambiente visitou o Garês, o Cachão e a zona das Beiras, onde observou empreendimentos em curso no âmbito das actividades da CNA.

MOBÍLIAS USADAS

Salas de Jantar e Quartos desde 7900\$00, Rusticas, Modernas, Século XVII, Queen Anne, D. Maria, Roupeiros, Estantes, Jogos de Maples, Sofás-cama, etc.

RUA LUÍS PINTO MOITINHO, 7, R/C ESQ.
(DEFRENTE IGREJA DOS ANJOS)



post-scriptum

Exílio e oportunismo

Durante 48 anos de fascismo muitos portugueses foram forçados a exilarem-se, sofrendo a maior parte grandes privações e necessidades. Os verdadeiros antifascistas lutaram muitas vezes em condições precárias para solverem a sua sobrevivência. Entretanto, houve alguns que aproveitando-se da situação e sempre com o sentido do oportunismo em vista, conseguiram ganhar boas situações, usando alguns até processos, ilícitos, não olhando a meios. Não vamos apontar nomes, pois a carapuça servirá para quem a enfiar e estamos certos que muitos a enfiarão.

Quando corremos a lista do elenco governamental, encontramos nomes que, nunca supusemos terem o arrojo de aceitarem tais cargos, devido às suas proezas e façanhas em proveito próprio, mas, como há homens cujos ideais se cifram apenas no interesse pessoal, compreendemos.

Aparecem certos senhores na televisão apregoando certas teorias e exprimindo-se de uma maneira tão estranha e totalmente oposta às suas anteriores ideias, que somos muitas vezes forçados a fazer desaparecer dos nossos olhos, semelhantes criaturas. Pergunta-se às vezes, como foi possível tão rápida reviravolta, mas com aquilo que sabemos, já não estranhámos e achamos a razão.

Entretanto, não deixamos de prestar homenagem sincera àqueles que nunca deixaram em mau nome o nosso país, demonstrando sempre a sua integridade política e moral, elevando bem alto os seus verdadeiros ideais na sua luta antifascista. São muito poucos, é certo, mas são bons e honestos.

Os verdadeiros antifascistas não se vendem.

A. Garrido
— LISBOA

Na primeira, qualquer cai; Na segunda, cai quem quer

As notícias dos jornais são dia a dia, mais preocupantes. Estão-se a passar coisas, neste País, que, mesmo há um ano, não se podiam imaginar sequer.

Será que, efectivamente, os socialistas não traíram em Portugal?... Se não traíram, como se compreende a política dum Governo, dito socialista, afinal mais preocupado com a situação dos ricos do que com o destino dos pobres? Os pobres, esses, podem passar fome, porque os ricos em circunstância alguma admitirão ver diminuídos os seus lucros. O sr. Soares, durante algum tempo após o 25 de Abril, inspirou-me confiança e simpatia. Votei no Partido Socialista, sensibilizada pelas bonitas palavras do seu «leader». Pensava eu que o «Socialismo em Liberdade» tinha fundamentalmente o objectivo de atenuar as desigualdades das classes sociais, no sentido de uma sociedade mais justa, em que o respeito pela dignidade da pessoa humana estivesse acima de interesses mesquinhos. Mas o que se está a ver é que continuam os interesses económicos a sobrepor-se (e de que maneira!) aos interesses sociais, em detrimento das classes mais desprotegidas.

Ousa-se falar em determinados valores que é mister preservar. Não falando já de uma situação de puro fascismo em muitas empresas e instituições; pensamos, por exemplo, que são indeclináveis os direitos de um cidadão ao trabalho, ao sustento e à habitação. E a que assistimos nós?

A despedimentos em larga escala; à subida de preços que naturalmente, implicam a diminuição do poder de compra dos trabalhadores que, assim, se vêem privados de adquirir alimentos em quantidade e qualidade que lhes garantam o equilíbrio da saúde. E o preço proibitivo das rendas de casa que leva a que os menos favorecidos vivam em barracas e em quartos acanhados, em situações precárias, se não mesmo de promiscuidade?

Nestas circunstâncias, como podem tais pessoas viver com dignidade, sem desprezo por valores tão caros à burguesia?

Pensando, pois, que se passam estas coisas com os socialistas no Governo, não poderei deixar de interpretar como pura demagogia os discursos das cúpulas do PS.

Seguramente, o PS enganou muita gente; mas para a próxima vez, estou certa disso, os seus expedientes de caça ao voto não irão resultar tão bem. Na primeira qualquer cai; na segunda cai quem quer — sempre ouvi dizer.

H.C.S. — PRIOR VELHO, SACAVÉM

A Social-Democracia introduz o fascismo

Pedro Ramos de Almeida

1. A recente conferência de Imprensa do actual secretário-geral do actual PS, dr. Mário Soares, faz data. É um acontecimento político de primeira grandeza.

É de facto, claramente, o prelúdio de um grave, desesperado e violento ataque das forças de direita, das forças conservadoras e reacçãoárias às principais conquistas da Revolução, desde já constitucionais — liberdade política; democracia de largas camadas da população; substituição de uma política colonialista, de guerra colonial e de submissão imperialista por uma clara e diversificada política de paz e cooperação com todos os povos e, designadamente, com as ex-colónias portuguesas; forte acção de protecção anti-imperialista; independência nacional; Reforma Agrária democrática e patriótica, com definitiva extinção dos latifúndios e reduzindo a dependência do campesinato português relativamente ao capital externo; nacionalização antimonopolista das principais riquezas e serviços do País; «controlo operário»; amplo desenvolvimento da via de produção não capitalista; etc, etc.

É de facto, claramente, o prelúdio de um grave, desesperado e violento ataque das forças de direita, das forças conservadoras e reacçãoárias, à utilização das liberdades democráticas (e portanto às próprias liberdades democráticas) por aqueles que sobretudo as conquistaram e a quem elas principalmente se destinam: movimento sindical unitário; unidades colectivas de produção e cooperativas camponesas; pequenos e médios rendeiros e proprietários da terra; colectividades populares, associações juvenis, femininas e outras; militares democratas e patriotas; partidos e forças políticas realmente de esquerda, etc, etc.

É de facto a demonstração de que o actual PS, com a sua actual direcção, actual submissão imperialista e antipatriótica e a consequente actual política de dependência ou «convergência» reacçãoárias, deixou (não se sabe por quanto tempo) de poder ser considerado uma força de esquerda, uma força que está e age à esquerda, uma força democrática e nacional. É de facto a prova de que,

apesar dos inúmeros trabalhadores sérios que lhe deram a sua esperada adesão, ele é hoje a força política burguesa que mais descaradamente serve o imperialismo, na hora actual o inimigo principal do nosso povo; que o seu carácter democrático é apenas uma forma política cedida que hoje já mal se ajusta (ou já não se ajusta) a um conteúdo

caetanismo.

Promulga-se um código de investimentos estrangeiros, que consagra o nosso povo e volta a dar lucrativas facilidades ao grande capital imperialista.

Cresce permanentemente o endividamento português ao estrangeiro, que já hoje condiciona a independência e bem estar nacionais.

Procura-se fazer redu-

ro-Ministro?

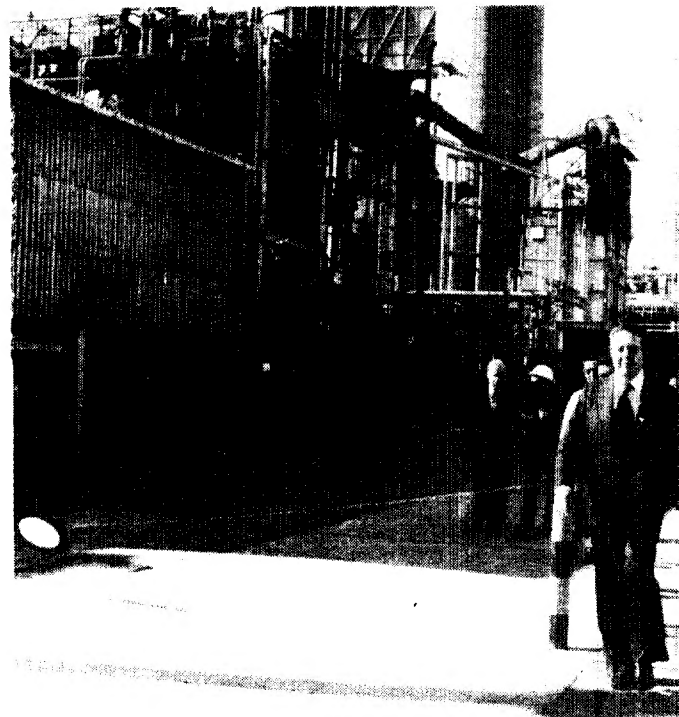
É essencialmente, a «preparação» da opinião pública nacional (e também internacional) para graves medidas restritivas da liberdade, ou mesmo repressivas, que venham em breve a ser tomadas contra as organizações trabalhadoras e populares, e designadamente contra o PCP, de forma a que possa vir a ter êxito o ataque projectado, em diversos planos, às conquistas da revolução democrática e nacional!

E se não, veja-se: Que pode pretender o actual secretário-geral do actual PS quando afirma: «O PCP, e o dr. Álvaro Cunhal, em especial, não podem continuar perpetuamente, como fazem há três anos, a incomodar o povo português»? Ou que «o PCP tem a nostalgia da clandestinidade (leia-se da luta na ilegalidade) e a sua direcção central parece ter grande vocação para lá voltar»? Ou ainda que «já num comunicado recente avisei o dr. Álvaro Cunhal que não deve brincar com o fogo, e que o povo português não suportará mais nenhum Verão quente»?

É evidente que com tal intervenção o actual secretário-geral do PS e actual Primeiro-Ministro visa, com toda a desfaçatez, agir, servindo-se do Estado, para intimidar e conter a resistência popular em defesa das conquistas revolucionárias de Abril. A tal resistência popular, legal e constitucional, chama ainda o actual secretário-geral do PS, «o início de uma outra campanha de desobediência civil» (...)

É também por isso que afirma que a proposta de realização de novas eleições que permitam aclarar e fazer assentar democraticamente a situação política portuguesa «é um acto de verdadeira chantagem antidemocrática» (!), e que se for necessário «o PS mobilizará de Norte a Sul em defesa da Constituição e da Assembleia da República» (sic), que procura desinformar e intrigar junto do Presidente da República, etc.

4. Na presente situação portuguesa, alguns objectivos parecem ter grande importância para a defesa e desenvolvimento da democracia. São objectivos vivos, unindo desde já na acção um largo número de patriotas e democratas portugueses, são afi-



Até a conservadora revista britânica «The Economist» já chama «social-democrata» ao Governo PS

de autêntica corrupção e traição nacional.

2. Que isto assim é, documenta-o trágica e multifacetadamente o que se está a passar em inúmeros campos da vida nacional.

Por mera pressão ou exigência dos Estados Unidos (já hoje bastante preocupados, em pleno fluxo democrático, com o crescimento e a consolidação, num país da Europa Ocidental, da invencível aliança operário-camponesa) prepara-se uma anticonstitucional e pré-monopolista contra-Reforma Agrária, que apenas serve os grandes capitalistas, sabota as unidades colectivas de produção da terra e trai aqueles que a trabalham.

Delimita-se o sector público e o sector privado, ameaçando as nacionalizações, desgovernando as unidades de produção do Estado; restituem-se empresas aos seus comprovados sabotadores económicos, indemnizando, com milhões de contos que faltam ao País, os Mellos e outros parceiros monopolistas que foram uma das principais bases e um dos mais importantes beneficiários da opressão nacional cultivada pelo salazarismo e pelo

zir as liberdades populares e dos trabalhadores, fazendo-se nomeadamente publicar, três anos mal passados após o 25 de Abril, não uma lei anti-exploração, mas uma lei restritiva do direito de greve.

Os «Pides» estão quase totalmente libertos. Os assassínios de Alex, de Ferreira Soares, de Bento Gonçalves, do general Delgado passaram à história. O terrorismo continua, no essencial, impune.

Não há um único responsável pelos crimes da guerra colonial de Salazar e Caetano que ameace vir a ser sentado num banco de réus: os Kaulzas vestem ainda de louros. Não há, aliás, uma só prisão (Aljube, Caxias, Peniche, Porto, etc), uma só actividade fascista, que tenha sido convertida em museu, em escola de aprendizagem do que foi o fascismo, para que o nosso povo jamais o esqueça, o entenda, o odeie, e para que ele nunca mais possa repetir-se na nossa terra.

3. Perante esta situação de que o actual PS é largamente responsável, qual é o sentido essencial da conferência de Imprensa do actual secretário-geral do actual PS, e actual Primei-

Continua na pag. 4

DE-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 320272

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

POR ALERTA DOS MORADORES

Suspensa construção do gasómetro de Benfica

Por pressões e alerta dos moradores da zona de Benfica, o Ministério da Indústria e Tecnologia mandou suspender os trabalhos de construção do gasómetro do Calhariz de Benfica.

«Averiguando os factos», afirma a nota daquele Ministério, «apurou-se que a tramitação do processo de licenciamento da obra não se encontra completada, não estando, por conseguinte, ainda concedida a autorização da construção do gasómetro no local em questão.»

Nestas condições, «o Ministério da Indústria e Tecnologia ordenou a suspensão dos trabalhos até conclusão do respectivo processo de licenciamento».

Assim, «o prosseguimento da construção do gasómetro fica, como é óbvio, subordinado aos resultados do processo de licenciamento em curso».

Esta posição oficial vem na sequência da posição firme tomada pelos moradores da Estrada de Benfica que, ainda no último plenário, realizado no passado dia

18, exigiram das autoridades, num prazo de oito dias, uma decisão sobre o assunto.

Situando-nos nos antecedentes: «Em plena zona verde do Parque Florestal de Monsanto, mais concretamente na zona dos viveiros da Câmara Municipal de Lisboa, situados na Quinta do Fonte, em frente à Rua Carolina Michaelis de Vasconcelos, foram iniciados, há cerca de dois meses, os trabalhos de terraplanagem e levantamento da base de apoio de um grande reservatório de gás, com capacidade de 40 000 metros cúbicos mandado construir pela EDP-Electricidade de Portugal, EP.

Para além de construção do gasómetro numa zona verde constitui flagrante violação à legislação de Agosto de 1974, na qual expressamente revogada legislação do tempo do fascismo que permitia, em certas condições, a alienação, pela Câmara Municipal de Lisboa, de terrenos verdes naquela zona, a população insurgiu-se e alertou as auto-

ridades para a insegurança em que ficariam, com a construção do gasómetro.

A propósito comentam documento enviado ao director-geral dos Combustíveis: «Acontece que a construção do citado gasómetro a uma pequeníssima distância do aglomerado habitacional que se encontra mesmo em frente do referido reservatório põe em sério risco a segurança de todos os habitantes da zona, pois por mais cuidada e segura que possa vir a ser a sua construção é sempre possível que, por acção de um sismo ou outra acção violenta (explosão, incêndio etc.) ou mesmo não violenta (caso do acidente do depósito da «Esso» em Porto Brandão), ele seja total ou parcialmente destruído, com a consequente libertação e derrame da gigantesca massa de gás nele contida. Independentemente disso, é certo que os residentes na zona ficarão permanentemente sujeitos aos gases e cheiros libertados, altamente tóxicos, prejudiciais e incómodos.»

Mas não seriam somente os habitantes da zona do Calhariz de Benfica os prejudicados com a construção do gasómetro, cujas obras, em boa hora foram suspensas, após a pressão e alerta das populações mais directamente atingidas. Seriam também prejudicados «os milhares de passageiros da via férrea, vulgarmente chamada Linha de Sintra, cuja segurança ficaria enormemente prejudicada com a referida construção, agravada com a constante trepidação dos comboios». E seriam ainda «os milhares de utentes do complexo escolar de Benfica (ensino primário, preparatório, técnico e liceal) sito a menos de 500 metros do referido reservatório».

De momento, as obras foram suspensas, os moradores ouvidos e as suas exigências satisfeitas. A nota oficial, afirma contudo: «O prosseguimento da construção do gasómetro fica, como é óbvio, subordinado aos resultados do processo de licenciamento em curso.»



A construção do gasómetro de Benfica, cujos trabalhos tinham começado há dois meses, foi embargada pelo ministro da Indústria e Tecnologia, após o alerta e a insegurança demonstrada pelos moradores da zona

SEM MALAS SUSPEITAS

Esclarecida a morte de Frutuoso de Brito

O «Diário de Lisboa» publicou na sua edição de 21 de Julho passado, a duas colunas, na primeira página, uma notícia subordinada ao título «Morte de um 'pide' no Sud-Guarda Fiscal apreendeu dez malas suspeitas». Na altura não foram prestados mais esclarecimentos mas hoje já é possível explicar completamente o caso, responder às interrogações que levantámos e desmentir, inclusive, dados então tidos como certos.

Em primeiro lugar, o cidadão morto no «Sud-Express», no dia 9 de Julho não era agente da PIDE. Chamava-se Frutuoso Brito e pertencera, sim, aos quadros administrativos daquela extinta corporação, de onde saiu em 1967, ao que nos dizem elementos da família, exactamente por

não concordar com o que se passava na polícia política.

A credencial da Comissão de Extinção devia-se a esta antiga vinculação administrativa. Aliás, Frutuoso Brito nunca foi incomodado quer pelas autoridades militares quer pelas autoridades judiciais que têm tratado da extinção da PIDE/DCS.

Quanto às malas de que as autoridades suspeitavam, pelo seu número e volume, tal como dizia a nossa notícia — conhece-se hoje o seu conteúdo. Tanto as duas malas que acompanhavam o falecido como as dez despachadas continham roupa, gira-discos, amplificadores e outro material de alta fidelidade, que estão, ainda na Alfândega para serem levantadas.

Frutuoso Brito destaca-

va-se frequentemente à Suíça para consultar um especialista em cardiologia pois há muito tempo que sofria de doença grave no coração. Teve até um enfarte há anos atrás.

A causa da morte foi, ainda, um novo ataque cardíaco. Em Avignon, quando viajava no «Sud-Express», de regresso a Portugal, sentiu-se mal e foi atendido pelo médico da estação que rapidamente mandou chamar uma ambulância para o transportar ao hospital local. Já chegara sem vida ao banco do hospital.

Este caso e as ligações que foram atribuídas a Frutuoso Brito causaram naturais prejuízos morais à sua família — deixou viúva e sete filhos, dos quais seis menores — sendo justo que a verdade dos factos seja reposta nas nossas páginas.

Câmara de Amarante cria prémio Teixeira de Pascoaes

O Departamento Cultural da Câmara Municipal de Amarante criou prémios no valor de trinta e vinte contos que serão distribuídos a dois ensaios escritos em língua portuguesa sobre a obra de Teixeira de Pascoaes.

Os trabalhos devem ser enviados para a entidade promotora até 15 de Outubro com cinco cópias de cada ensaio, sob pseudónimo, acompanhados de uma carta lacrada que inclua elementos de identificação dos autores e respectivas residências.

No âmbito das comemorações do centenário de Teixeira de Pascoaes a Câmara procederà à realização de vários colóquios, à emissão de uma medalha comemorativa e à recolha de documentação

Trabalhadores de Campo Maior contra presidente da Câmara

Já há algum tempo que se manifestava entre os trabalhadores de Campo Maior um certo descontentamento em relação ao comportamento instável de certos vereadores da Câmara Municipal.

Anteontem o choque, tantas vezes adiado, rebentou. Tendo os trabalhadores sabido que havia uma tentativa no sentido de alterar o horário das reuniões quinzenais que se realizavam às 21 e 30 horas decidiram, em número significativo, assistir à reunião embora a nova mudança de horário (para as 18 e 30 horas) fosse incompatível com o seu trabalho. A sala da Câmara abarrotava de gente quando o trabalhador agrícola Farinha, da UCP «Unidade de Trabalhadores» pediu explicações a um vereador do Partido Socialista, perguntando se era verdade que ele andava a dizer que a UCP tinha uma proposta na Câmara respeitante à construção de um prédio no valor de 800 contos. De início o vereador socialista negou ter feito tal afirmação, mas depois de instado e, já com um grande barulho na sala, acabou por admitir a verda-

de. Então o dirigente da UCP convidou-o a ir à polícia para provar o que tinha dito.

Os ânimos exaltaram-se. Na rua, o presidente da Câmara Municipal, que tomou a defesa do vereador, foi rodeado pelas mulheres. Chamaram-lhe «lacaio» e «fascista». Entretanto outro dirigente da UCP, o João Favita, que com os representantes da FEPU tentou acalmar as pessoas dirigiu palavras duras ao sr. Rui Naveira presidente do Município. Este considerou-se ofendido e mandou a polícia a casa do referido trabalhador.

Enquanto João Favita e Manuel Caldeirão, emigrante no Luxemburgo, eram identificados, o povo concentrou-se junto ao posto da Polícia. Os detidos saíram passados quinze minutos. Mais tarde outros trabalhadores foram chamados ao posto. «O problema é que os vereadores do PS nunca mantêm aquilo que fica acordado nas reuniões. Dizem uma coisa e depois fazem outra. Muitas vezes aprovam-se determinados pontos na Assembleia Municipal que não chegam sequer a ser discutidos na Câmara...» salienta João Favita.

TURISMO

Foram raros os casos de "Overbooking" verificados em Portugal

Os casos de «Overbooking» verificados em Portugal durante a presente quadra turística revelaram-se insignificantes e, de um modo geral, foram satisfatoriamente resolvidos, sem prejuízo de maior para os turistas por eles afectados — apurou a ANOP em fontes ligadas à Direcção-Geral do Turismo.

A região onde tiveram maior incidência foi naturalmente a do Algarve, zona turística por excelência, para onde se encaixa grande parte do fluxo turístico que demanda Portugal.

Os casos de «Overbooking» são prática corrente nos países turísticos. Quando, porém, nas suas consequências se reve-

lam prejudiciais para a reputação turística do país, são passíveis de sanções, que podem ir desde a reprimenda ao encerramento do estabelecimento responsável pela quebra das condições do contrato firmado.

Em relação aos casos de «Overbooking» detectados este ano — revelaram ainda as mesmas fontes — está neste momento a ser feito um inquérito oficial para o apuramento da responsabilidade.

Conselho da Europa

Uma das catorze bolsas atribuídas pelo Conselho da Europa ao domínio da Jurisprudência foi ganha pelo jurista português, dr. Eduardo dos Santos, que abordará o tema do divórcio e separação de pessoas e bens na legislação de vários estados europeus.

Foram apresentados 61 pedidos de bolsa pelos comités nacionais dos dezasseis países membros sendo a primeira vez que se regista a candidatura de juristas portugueses.

Dragagens no rio Douro

PORTO, 24 — A Administração dos Portos do Douro e Leixões (APDL) iniciou ontem, as obras de dragagem na barra do Douro. Assim, e com vista a alargar de 80 para 150 metros a boca daquela barra cujos fundos ficarão a cinco metros, uma draga começou já a remover 50 mil metros cúbicos de areia. Os trabalhos prolongar-se-ão até ao próximo mês de Setembro.

A social democracia

Continuação da pag 3

nal o próprio sangue da revolução portuguesa:

Dar vida real, e não apenas formal, à defesa e aplicação populares da Constituição, síntese suprema das conquistas revolucionárias de Abril;

Tudo fazer para que se criem, existam, se desenvolvam e se unam as forças políticas, sociais e partidárias que melhor correspondem às classes e camadas revolucio-

nárias do Portugal de hoje e não àqueles que a contra-revolução exige;

Alargar e reforçar profundamente a consciência e a acção nacionais anti-imperialistas. Consagrar em todos os planos a projecção patriótica da democracia portuguesa. Entender completamente o profundo sentido histórico que enforma a comunidade nacional na actual fase da sociedade portuguesa.



Fogo na Praia dos Pescadores

Um violento incêndio, suspeita-se que ateuado por mãos criminosas, colocou em pânico, cerca das 18 horas de ontem, os campistas de um parque improvisado a algumas centenas de metros da Praia dos Pescadores. A falta de água e de meios fez com que estivessem em risco de ser completamente devorados pelas chamas algumas dezenas de tendas e de carros estacionados no itinerário seguido pelas chamas que, de minuto a minuto, galgavam grandes espaços de mata seca. Valeu na emergência a intervenção oportuna dos Bombeiros da Costa da Caparica que, após um combate ao sinistro que durou cerca de duas horas, conseguiram dominar as chamas, evitando assim a consumação de vultuosos danos materiais.

Fogo num porão do "Beira"

Um incêndio deflagrou ontem à tarde a bordo do navio «Beira» da Companhia Nacional de Navegação. As chamas irromperam na parte superior do porão número um, consumindo algumas dezenas de sacas de copra.

O navio encontrava-se atracado ao cais de Alcântara Norte, de regresso de uma viagem a Moçambique.

O fogo foi prontamente atacado, primeiro pelo fecho do porão e ventiladores adjacentes, injectando-se um gás inerte (CO₂) e, depois, pela acção dos bombeiros.

Não são ainda conhecidos os prejuízos em toda a sua extensão mas admite-se que não sejam de grande monta, já que o incêndio nunca chegou a assumir proporções alarmantes.

MES contra "política do cassetete e da mordaca"

PORTO, 24 — «O isolamento do PS depois de instalado no Governo mostra a sua verdadeira opção de classe: transformar-se no executor da política do imperialismo e que tem levado à sua incapacidade de debelar a crise que hoje é já notória mesmo para os seus membros mais ferrenhos, colocado recentemente na passada da reacção a través da plataforma da Convergência. Todo o seu esforço tem sido em demonstrar ao PPD e CDS que cumpre o mais subservientemente as suas directrizes, desde que estes colaborem em manter-lhe a máscara do Governo». Lê-se num comunicado que nos foi enviado pela organização regional do Porto do

Movimento de Esquerda Socialista.

O documento depois de referir o saneamento de seis trabalhadores do Ministério do Trabalho, adianta que isso «vem confirmar o PS como servidor do Patronato e dos seus interesses».

O comunicado do MES aponta depois «A todos os trabalhadores a todos os antifascistas e revolucionários o «combate à política do «cassetete» e da mordaca, o combate à política de recuperação capitalista, que por representar a fome, a miséria e a exploração para o povo, só pode ser imposta pela força e pelo constante reforço do autoritarismo burguês».

GRANDE EMPRÉSTIMO

Dez milhões da Noruega quarenta da Suíça

A Noruega participará com dez milhões de dólares (400 mil contos) no empréstimo internacional a Portugal anunciado ontem o Governo de Oslo. O empréstimo será garantido pelo Estado e prevê-se o reembolso para o prazo mais largo de dez anos com um «período de tréguas» de cinco anos.

As negociações sobre as modalidades do crédito norueguês realizaram-se recentemente em Oslo e, da delegação que aí esteve, fazia parte Silva Lopes, governador do

Banco de Portugal.

Entretanto, parece que não foram ainda atingidos resultados definitivos. Efectivamente diz Silva Lopes ao «Diário de Notícias» na sua edição de hoje os resultados definitivos estão ainda dependentes de um segundo encontro a realizar brevemente, talvez em Lisboa.

Ao mesmo tempo, também as negociações com a Suíça se encontram dependentes de reunião a haver. Houve uma em Zurique e semana passada e foi divulgado o número de

40 milhões de dólares (cerca de um milhão e duzentos mil contos) como participação da Suíça no chamado «grande empréstimo» a Portugal.

Não se conhecem mais pormenores.

De qualquer modo, assinale-se, tanto a contribuição norueguesa (10 milhões de dólares) como a suíça (40 milhões) representam muito pouco em relação aos 750 milhões em que o «grande empréstimo» se cifra. A parte mais substancial deve provir dos Estados Unidos e da RFA.

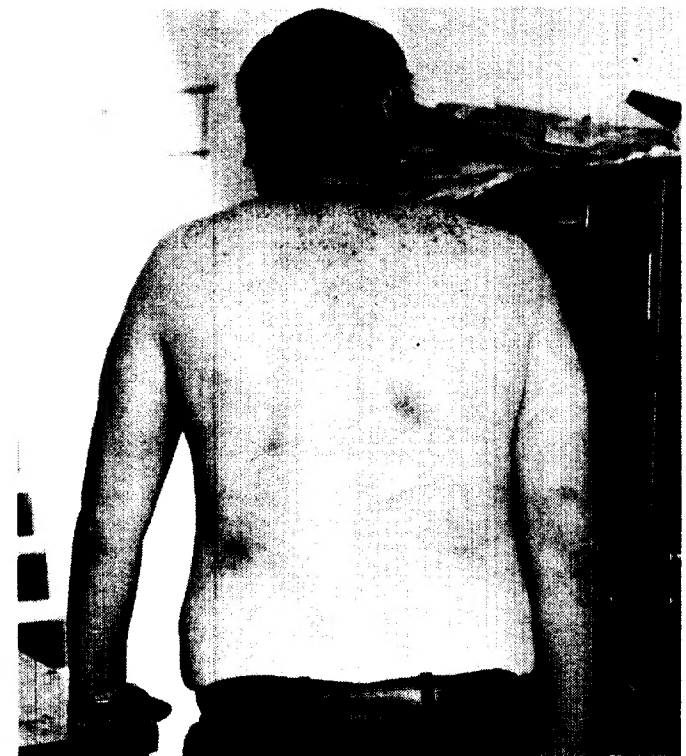
Júlio Galinha acusa a Polícia

Júlio Galinha conta: «Eu parei o carro na 24 de Julho e saí para fazer «chichi» junto à urna, quando apareceu um sujeito que me apontou uma pistola e me mandou entrar imediatamente para o meu próprio automóvel. Fiz-lhe a vontade, e o tipo ordenou-me que avançasse a toda a velocidade. Tratava-se de fugir de um Volkswagen da Polícia que vinha atrás dele».

Segundo Júlio Joaquim Salgueiro Galinha, homem de 35 anos por sinal cadastrado mas «desde 1969 que trabalho honradamente», os factos passaram-se às quatro da tarde da última quinta-feira. O fulano da pistola entrou-lhe pelo carro adentro com uma máquina fotográfica, duas garrafas de vinho e três mil pesetas e ameaçou-o de morte se não abandonasse, e depressa, aquele sítio. «Passámos pelo Cais do Sodré, foi uma chatice, havia muito movimento... demos a volta por dentro e, ao chegar ao Cais da Rocha ele gritou-me «Pára!» Depois, saltou a linha do comboio e desapareceu».

Foi assim que Júlio Galinha narrou à Polícia o que se passou, quando o «VW» alcançou o seu automóvel após a movimentada perseguição a alta velocidade. A Polícia não acreditou na história e «engalinhou» com ele.

Júlio Galinha prossegue: «Queriam que eu dissesse que o conhecia. Levaram-me para a Secção de Justiça no Gover-



Nódos negros nas costas de Júlio Galinha. «Na Secção de Justiça, eram quatro a bater-me», diz ele

no Civil. Em tenho cadastro, não o posso negar, está escrito. Mas desde 1969 que não tenho quaisquer complicações com a Polícia. Até ao 25 de Abril trabalhei na Estiva e actualmente trabalho na Ribeira, onde os compradores de peixe me dão trabalho todos os dias. No Governo Civil, começaram a bater-me. Levei pontapes durante duas horas. Perdi os sentidos quando estava a apanhar de quatro. Não sei se houve mais alguém a «molar a sopa» porque às tantas dormi».

Depois de ser apresentado ao Juiz de Instrução na sede da Polícia Judiciária, Júlio Galinha foi mandado em paz. Ali não lhe fizeram mal. O homem agradeceu...

Investigação Urbana e Regional

Foi criada a Comissão para a Investigação Urbana e Regional, «no seguimento das propostas apresentadas no relatório da delegação portuguesa à III Conferência da CEE/ONU sobre Investigação Urbana Regional».

A Comissão são conferidas por resolução do Conselho de Ministro, publicada no «Diário da República», diversas atribuições no campo da coordenação dos programas nacionais, da representação externa, da documentação, etc. Funcionará na dependência da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e será integrada por representantes dos Ministérios do Plano, Administração Interna, Finanças, Agricultura e Pescas, Indústria, Transportes, Obras Públicas, Habitação, das Secretarias de Estado da População e Emprego e do Ambiente e dos Serviços Cartográficos do Estado-Maior do Exército.

Crianças de Miragaia contra o lixo

PORTO, 24 — Cerca de uma centena de crianças de Miragaia desfilarão ontem pelas ruas daquela freguesia ribeirinha ostentando cartazes a chamar a atenção «daqueles que ainda não estão conscientes dos perigos que apresenta para a saúde de cada a falta de limpeza».

«Limpeza sim, sujidade não», «Não deites lixo da janela para a rua», eram algumas das frases escritas pelas crianças nos cartazes. Esta iniciativa integra-se na campanha de higienização promovida pela Associação de Moradores de Miragaia e que conta com o apoio da Câmara municipal através de um subsídio mensal que permite empregar seis pessoas como encarregadas da limpeza da freguesia com um vencimento de 4600\$00.

DE 15 A 30 DE SETEMBRO

"Soldadinho de Chumbo" no Palácio Foz

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, vai ser convidado pelo Centro de Coleccionadores a inaugurar no próximo dia 15 de Setembro no Palácio Foz a exposição «O Mundo Maravilhoso do Soldadinho de Chumbo — 200 anos do costume militar em Portugal».

Esta mostra é a segunda que se efectua em Portugal e trata-se duma iniciativa do Centro de Coleccionadores (Antiga Casa do Cavaleiro à Porta), com a participação da Secretaria de Estado da Comunicação Social.

Alberto Cutileiro, do Centro, disse à ANOP que a exposição

está avaliada em mais de 600 contos e cobre um período rico da evolução histórica do uniforme militar português. De destacar, segundo o mesmo especialista, o referente ao reinado de Maria II.

Ao mesmo tempo que aquela exposição, outra, ainda no Palácio Foz: «Modelismo de Viaturas Blindadas».

As peças da mostra «O Sol-

dadinho de Chumbo» pertencem ao Centro, são da ordem dos milhares e em chumbo policromado. As «viaturas blindadas» pertencem a vários coleccionadores particulares. Ambas estão abertas de 15 a 30 do mês que vem.

O convite ao general Ramalho Eanes para a inauguração vai ser formulado brevemente em Belém.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

super
LONDRES
2000
férias-negócios

Partidas às QUINTAS e DOMINGOS de Maio a Outubro e às SEGUNDAS de Julho a Setembro

Fim de Semana 4 dias
Mini-Semana 5 dias
Semana 7 dias
Maxi-Semana 8 dias

de 6.500\$

LONDRES e EDIMBURGO - 8 dias
INGLATERRA e ESCÓCIA - 11 ou 15 dias

programas reservas

VIAGENS RAWES

Lisboa - Correspondência R. Bernardino Costa 47
Expediente Trav. do Corpo Santo, 15 Tel. 370231
Faro - Rua Conselheiro Bivar, 72 Tel. 231956

QUINTA de SANTA CLARA
* Lumiar *

Resolva seu problema de habitação...
Compre na SPOC - é como você gosta!

1ª FASE 2ª FASE
120 fogos, totalmente vendidos e entregues 310 fogos, em construção, entregas programadas

(Amplas facilidades de pagamento)

UM JARDIM SÉCULO XVIII
MONUMENTO NACIONAL

Um dos mais belos conjuntos habitacionais do país construído em termos de futuro * 2,3 e 4 assoalhadas com garagem e jardim. **visite andar modelo**

SPOC

Informações
Exposição de maquetas

Habite e conviva com a natureza...

SOC. PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA.
SEDE: Av. da República, 21-21A - Tel. 571351-573850-48307 - LISBOA

VIABILIDADE ECONÓMICA DAS EMPRESAS NACIONALIZADAS

O "caso TAP"

O que verdadeiramente interessa saber é se a TAP, como empresa nacionalizada, constitui um «luxo ideológico pago pelos portugueses» ou se ela, e, portanto, todos os seus trabalhadores, são úteis ao País, isto é, são rentáveis segundo um ponto de vista social, já que também somos de opinião que não podemos olhar para as empresas públicas «segundo critérios exclusivos ou predominantemente de rentabilidade financeira». Isto quer dizer que o défice das empresas estatais não é motivo, nem pode servir de argumento, para a sua desnacionalização sem olhar a outros valores determinantes, pois poderá suceder que o benefício social, obtido pela sua existência e actividade, seja mais que compensador em relação ao custo social que lhe é imputável.

Com isto não se pretende defender que as empresas nacionalizadas devam ser, por norma, cronicamente deficitárias, apenas porque são nacionalizadas, pois somos de opinião que, a bem da situação económica do País, todas as empresas terão de se reger pela racionalidade económica, e isso implica o seu equilíbrio económico e financeiro. Mas também não podemos deixar de denunciar as pressões que grupos monopolistas exercem sobre os governos e a opinião pública no sentido de desprestigiar o sector nacionalizado, em especial se o mesmo for rentável, para subsequentemente se apropriarem da sua exploração. O que não costuma acontecer é apropriarem-se daquilo que não permite a acumulação de capital. É a lógica do princípio, claro...

De igual modo, e quaisquer que sejam as razões que assistam a um grupo de trabalhadores, não há o direito de destruir o conjunto social que é uma empresa, já que para além deles próprios estão interesses que os ultrapassam e que não são de índole egoísta. As empresas devem ir para a frente (e as nacionalizadas com mais razão) independentemente do direito (dever) que os trabalhadores têm de lutar pela melhoria das suas condições de vida, contra a acumulação parasitária, contra a exploração e por uma justa distribuição funcional dos resultados obtidos.

VIABILIDADE ECONÓMICA

A TAP atravessa uma crise financeira que, aliás, tem sido uma constante nos últimos anos. Já em 1972 havia um défice de tesouraria da ordem dos 500 mil contos. Essa crise financeira, porém, é agora mais grave que nunca, já que o seu capital social é muito baixo e há receitas que não entram nos cofres da empresa por ficarem retidas em Angola e Moçambique, para além de um sistemático recurso ao crédito, tanto no mercado interno como no externo, e pelo qual em 1975 se pagaram 400 mil contos em juros e, em 1976, no externo, e pelo qual em 1975 se pagaram 400 mil contos em juros e, em 1976, 450 000 contos. Neste ano, o prejuízo foi de 1148 mil contos, contribuindo o Estado com um subsídio a fundo perdido de 800 mil contos, havendo, portanto, uma degradação na situação patrimonial da empresa de 348 mil contos. Torna-se, por isso, necessário proceder ao saneamento da estrutura financeira da TAP. Quanto à elevação do seu capital estatutário, é praticamente uma imposição.

Isto, contudo, não obsta a que se comprove a sua viabilidade económica. De facto, esta empresa correspondeu ao esforço que lhe foi exigido no sentido de alterar o seu tráfego, de cariz predominantemente doméstico (Angola, Moçambique, etc.) e de onde provinham cerca de 50 por cento das suas receitas, para o tráfego internacional, conforme se pode ver no quadro anexo.

A reforçar este objectivo conseguido (era-lhe, implicitamente, imposto) vêm, ainda, aumentos de 11 por cento no número de passageiros transportados e de 15 por cento na carga, em 1976, relativamente a 1975 (e é de notar que 1975 foi um ano de ponte aérea), o que significa que a TAP está a concorrer e a expandir a sua actividade, agora, basicamente, no mercado internacional.

A previsão para 1977 é de um prejuízo de exploração da ordem dos 300 mil contos, o que equivale a uma drástica redução em relação ao ano anterior, sendo esperados aumentos de 7,5 e de 17 por cento, respectivamente, no número de passageiros transportados em Serviço Regular e Não Regular (cremos que com um esforço dos serviços no sentido de uma eficiência maior, ainda se poderiam transportar mais passageiros e, logo, aumentar as receitas). Quanto às receitas, espera-se um aumento de 23 por cento relativamente a 1976; e nas despesas também um aumento de 10 por cento no mesmo período.

período de 1975/81 é de uma taxa anual média de 8,7 por cento enquanto que a de transporte de carga aérea, em certas condições de apuramento tecnológico e eficiência, poderá atingir 16 por cento.

PERSPECTIVAS ANIMADORAS

Poder-se-ão, assim, considerar animadoras, se bem que condicionadas, como à frente se refere, as perspectivas para o transporte aéreo a nível mundial, o que ajuda a responder à questão da viabilidade económica da transportadora aérea nacional, embora no caso desta a muito mais se tenha que atender, como, por exemplo, à descontinuidade geográfica do nosso território, o que nos tempos que correm nos obriga a ter uma companhia de aviação, ainda que com um grande custo social (a menos que se compreendam esses serviços no estrangeiro). São de ter em conta, também, as responsabilidades políticas e económicas de um país como o nosso (na verdade, uma empresa de aviação civil faz hoje parte da infra-estrutura de qualquer país em vias de desenvolvimento) e, essencialmente, terá que se olhar ao que ela representa como geradora de dívidas, quer directamente, quer como indutora de turismo (não se pode esquecer o esforço de promoção turística do nosso país que à TAP se deve). Num balanço de divisas, verifica-se que a sua existência é muito favorável sob este aspecto, pois ultrapassa em muito os dois milhões de contos anuais, o que lhe confere grande importância no contexto da nossa Balança de Pagamentos.

Embora sob reserva, mas baseados em dados seguros, adiantamos que podemos chegar ao fim deste ano com uma Conta de Resultados apresentada pela TAP que constituirá, para os que acreditam na empresa, uma agradável surpresa (pena foi que se introduzissem tão grandes custos não controláveis, nestas últimas semanas, devido ao conflito que surgiu com o pessoal navegante).

Parece-nos, pois, poder-se afugentar o espectro da crise generalizada para esta empresa. E dizemos isto por dois motivos: porque se pode assegurar a viabilidade económica e também porque a sua actual crise financeira já vem de longe, necessitando apenas, para ser debelada, da terapêutica adequada, aplicada por quem de direito.

De qualquer modo, e raciocinando em termos de viabilidade ou de crise, que dizer, por exemplo, do Complexo de Sines? Ou do nosso ramo automóvel?



REVOLUÇÃO DAS MENTALIDADES E IMEDIATA REESTRUTURAÇÃO DA EMPRESA

Já se disse há tempos, e terá que se continuar a dizer, que a TAP possui meios de produção e pessoal cuja utilização deveria ser otimizada. Esta otimização tem tudo a ver com uma análise profunda dos interesses económicos, políticos e sociais que a uma

empresa deste género estão ligados. Logo, é necessária uma definição da política aérea nacional (territorial, interna, e internacional) e uma planificação objectiva e coerente. E, também, que os princípios dimanados dessa definição e os primeiros responsáveis pela sua concretização, ou gestores, saibam, activa e democraticamente, repudiando os «apadrinhamentos» de qualquer «cor», estimular a competência, o dinamismo, a imaginação criadora, a disciplina, o sacrifício e, acima de tudo, a unidade dos trabalhadores no essencial, isto é, a produtividade do conjunto social que é a empresa (qualquer empresa).

Até 25 de Abril de 1974, cerca de 50 por cento das receitas provinham das linhas de África (consideradas domésticas). E a «fonte» permitia tal despreocupação que não se procurou racionalizar a sua estrutura interna com base em achegas de ideias novas e força criadora, visando a eficiência. Agora, impõe-se-lhe a racionalização da sua gestão, quer no aspecto técnico, quer no humano; terá de deixar de ser estática e mal servida em lugares-chave, por mentalidades deformadas ou acumuladas de erros-vícios; terá, em contrapartida, que ser dinâmica, fazendo corresponder, ao esforço já realizado para diversificar a sua actividade, de predominantemente doméstica a internacional (o que conseguiu), outros esforços, como por exemplo: previsões de horas de voo vendáveis em serviços não regulares de carga ou passageiros, e cálculo do preço apropriado, entrando organizada e eficientemente neste tipo de transporte; prospecção muito intensa dos locais no mundo onde temos emigrantes, oferecendo-lhes tarifas especiais; incremento das possibilidades da venda de serviços a partir das elevadas tecnologias da Manutenção e Engenharia, do Serviço de Formação Profissional, da Informática, etc.

O FUTURO DA TAP DEPENDE MUITO DO GOVERNO

Em comparação com um passado recente, 1976 foi um bom ano para as empresas da IATA. As receitas cresceram 13 por cento em relação a 1975. Ao mesmo tempo também as despesas aumentaram, mas

menos que as receitas, pelo que os resultados líquidos foram positivos. De qualquer modo, os resultados das empresas da IATA nos últimos 6 anos foram maus, pelo que os bons agora obtidos de forma alguma servirão de terapêutica radical.

As perspectivas para a aviação civil não são más, pelo contrário, são até animadoras, conforme já se referiu, mas exigem o cumprimento de certas condições. Por exemplo, estudos recentes indicam que as empresas membros da IATA terão de se sujeitar a reequipamentos e a modificações dos seus programas de exploração durante a próxima década. Como estas medidas envolvem enormes investimentos, a capacidade financeira da indústria

aeronáutica, em geral, terá de ser aumentada a fim de permitir às empresas de transporte aéreo resolverem os seus problemas e compromissos. Também a concorrência (guerra de preços) entre o serviço regular e o charter (ou entre o programado e o não programado), isto é, uns preços sob estrito controlo, proveniente de acordos mútuos, e outros em completa descoordenação, bem como a ausência de adequada legislação para este efeito por parte de muitos Estados, terão de ser devidamente estudados e regulamentados, a bem da melhoria de rentabilidade do transporte aéreo.

Sobretudo para as empresas que desenvolvem a sua actividade nos países de sistema económico capitalista, e são a maior parte, a sua pujança está directamente dependente da evolução desse sistema económico. E assim é que Mr. Hammarby, director-geral da IATA, afirmou que nos anos 70 os factores dominantes para a aviação civil foram a inflação e a recessão que, por um lado fizeram aumentar muito os custos, e por outro reduziram a metade as taxas de crescimento. Claro que se faz sentir, de imediato, um abaixamento do volume de negócios e do turismo, com a consequente diminuição das deslocações de

pessoas e de carga.

NECESSIDADE DE INVESTIMENTOS

Entretanto, para além destes, puseram-se subitamente à TAP outros problemas, para os quais, a fim de lhes dar adequada resolução, é necessário continuar a trabalhar. Isto não significa que a empresa não disponha de potencialidades para superar as dificuldades, pois tem pelo seu lado importantes factores (determinantes) como sejam:

- a) o elevado número de emigrantes portugueses no estrangeiro e que, tratados com a dignidade que merecem, preferem viajar na TAP (eles têm orgulho na TAP, o que não deve ser frustrado);
- b) o facto de sermos um País importador de turismo;
- c) o enorme «peso» que o tráfego aéreo apresenta no tocante ao tráfego exterior de passageiros. Enquanto em 1970 o tráfego aéreo representou 71,8 por cento do tráfego exterior de passageiros, esse valor em 1975 já se cifrou em 86 por cento. O tráfego marítimo, por sua vez, passou de 28 por cento em 1970 para 14 por cento em 1975, em relação ao mesmo tipo de tráfego.

A TAP é uma empresa que, a nosso ver, ultrapassa já a importância económica e territorial do nosso país, mas que para melhor aproveitar os recursos disponíveis necessita de se expandir. E isso implica investimentos em novos equipamentos e estruturas, em formação e reconversão de pessoal, etc., que são responsabilidades cometidas, necessariamente, ao Governo português.

Para finalizar e no que respeita, ainda, ao Governo, a TAP precisa da sua confiança em termos de financiamentos (investimentos), visando a recuperação da empresa. A nível político, é necessário que não ceda a eventuais pressões para a dividir ou que, simplesmente, a desejem usar como «moeda de troca»...

SOUSA MONTEIRO

Andanças dos tecnocratas

«Porque, nas nossas andanças, assistimos ao desmontar de certos tecnocratas, muito ligados a teorias já desgastadas pelo uso e cuja prática demonstra a sua inocuidade, nesta linha, continuam estas pessoas a propor redimensionamentos a torto e a direito, numa descarada apologia do equilíbrio das empresas (e da economia nacional) por via do gastar menos com a mão-de-obra. Isto é: há que mentalizar no sentido de que o trabalho é o maior onerador, logo, há que pôr pessoas na rua e depois «conceder» o subsídio de desemprego. Assim as empresas apresentarão balanços muitos prósperos e tudo começará a marchar lindamente. Depois é só desacreditar as «inoperantes» nacionalizações, criar empresas paralelas, em actividade, às nacionalizadas, propiciar a «ajuda» do investimento político estrangeiro, pôr o Estado a investir em toda a infra-estrutura, sempre útil mas não lucrativa e... a Recuperação a fazer-se-á».

(IN «Vamos permitir a recuperação monopolista?»
Revista do Sindicato Nacional do Pessoal de Voo da Aviação Civil)

Vasco Lourenço visita EUA e Cuba

O comandante da Região Militar de Lisboa e membro do Conselho da Revolução, general Vasco Lourenço, foi convidado a visitar os Estados Unidos e a República Socialista de Cuba.

Interrogado acerca dos citados convites, Vasco Lourenço, confirmou que tencionava visitar os dois países, mas não precisou a data em que espera fazê-lo. Admitiu, no entanto, que a primeira viagem ocorrerá aos Estados Unidos.

ALONDROAL Desemprego ameaça 300 chefes de família

Uma delegação de trabalhadores, representantes dos desempregados do concelho do Alandroal no distrito de Évora contactou na passada sexta-feira o delegado distrital do Serviço Nacional de Emprego no sentido de se resolver o problema do desemprego que, na zona, atinge a quase totalidade das mulheres.

Durante a entrevista propôs-se como solução a entrega das terras abandonadas aos trabalhadores. Por outro lado, o presidente da Câmara do Alandroal que acompanhava a delegação, apresentou dois projectos de obras que possibilitam a ocupação, embora temporária, de grande parte dos trabalhadores, nomeadamente o arranjo de esgotos e a construção de um bairro de renda económica. Como o Município não dispõe das verbas suficientes para fazer face a tais obras seria portanto, necessário a atribuição de subsídios por parte do Governo.

Entretanto, no Alandroal, estão no desemprego cerca de 300 chefes de família.

RUI VILAR NA POSSE DA CA DA CARRIS:

Vão ser alargados os passes sociais

O alargamento do passe social e uma melhor coordenação entre os vários operadores fazem parte dum conjunto de medidas a anunciar brevemente no âmbito dos transportes urbanos de Lisboa segundo o ministro Rui Vilar disse ontem falando no acto de posse da nova comissão administrativa da Carris.

As medidas em questão estão a ser programadas no âmbito do Ministério dos Transportes e deverão ser lançadas ainda este ano. Outras medidas, mas que ultra-

passam o gabinete de Rui Vilar para implicarem activamente outros ministérios foram igualmente pré-anunciadas ontem pelo titular dos transportes: caso de resolução do problema a volta dos desfasamentos de horários, por exemplo. Esta solução há-de ser encontrada já em Outubro, e diz respeito (o desfasamento de horários) aos vários grupos profissionais. Rui Vilar adiantou que os esquemas a adoptar vai beneficiar o funcionamento dos transportes.

«Prosseguiremos a política

de prioridade dos transportes públicos, reforçando a disciplina do estacionamento e tomando medidas em favor da fluidez do tráfego, designadamente implantando novas faixas reservadas aos transportes públicos», disse o ministro.

Os novos membros da comissão administrativa da Carris, são o eng. José Manuel Consiglieri Pedrosa e dr. Armando Gil Caldeira. Esta comissão foi alargada por decisão do Conselho de Ministros de 27 de Julho, atendendo à complexidade da empresa.

Operários agrícolas de Santarém queixam-se da falta de regulamentação do trabalho

Em comunicado o Sindicato dos Operários Agrícolas do Distrito de Santarém refere-se ao facto da regulamentação de trabalho não abranger os trabalhadores dos distritos de Santarém e Lisboa, responsabilizando por essa situação o Ministério do Trabalho.

O Sindicato sublinha que em Julho de 1976 foi entregue no Ministério do Trabalho um projecto de regulamentação do trabalho rural para os dois distritos, tendo-se constituído uma comissão técnica em 15 de Setembro do mesmo ano, depois de fortes pressões. A partir daí, salienta-se no comunicado, surgiram as justifi-

cações para o entrave. A questão caiu no impasse, umas vezes porque o Ministério não nomeava representantes e outras porque não havia associações patronais para negociar.

Em determinada altura as organizações representativas dos trabalhadores chegaram à conclusão que a culpa era do Ministério «por não ter nomeado o seu representante dos serviços das relações colectivas de trabalho». E apesar das instâncias das direcções dos sindicatos agrícolas empenhados em resolver o assunto o Ministério recusou-se a fazê-lo.

No comunicado aponta-se também o saneamento do eng.

Blasco Hugo Fernandes, ex-técnico de conflitos de trabalho do sector rural e que «por ser progressista e defensor da Reforma Agrária e dos trabalhadores foi afastado do Ministério do Trabalho». Outros despedimentos verificados no Ministério do Trabalho tais como os de Armanda Fonseca, Irene Portela, Zulmira Neves, Fernanda Vila Lobos, da delegação de Vila Franca de Xira e Agostinho Rafael, da delegação do Porto, são referidos no documento emitido pelo Sindicato dos Operários Agrícolas do Distrito de Santarém.

Trabalhadores-estudantes recusam circular do MEIC

Segundo uma circular do MEIC, T/ES-10/77, datada de 21 do passado mês de Julho e emanada da Direcção Geral do Ensino Secundário, os trabalhadores-estudantes do ensino técnico secundário, que terminaram o curso geral e se inscreveram no prazo estabelecido no curso complementar, são obrigados a fazer exames «ad hoc» de Matemática e Francês ou Inglês.

Face a esta disposição reuniu-se no passado dia 22 o Secretariado dos Trabalhadores-estudantes do Ensino Secundário de Lisboa, decidindo convocar todos os trabalhadores-estudantes para uma reunião geral a efectuar hoje, pelas 19 horas, na Escola Industrial Marquês de Pombal; manifestar o seu veemente repúdio por tal circular, exigindo a sua imediata revogação, «pela monstruosidade pedagógica que contém» — afirma o Secretariado dos trabalhadores-estudantes do Ensino Secundário.

E mais: exigem que os trabalhadores-estudantes que tenham acabado os seus cursos gerais, sejam admitidos com plenos direitos nos cursos complementares e que aos trabalhadores-estudantes dos cursos complementares, provenientes dos cursos gerais antigos, lhes sejam leccionadas as disciplinas de Matemática, Francês ou Inglês, em turmas especiais.

Finalmente, decidiram «não participar nos referidos exames, uma vez que isso seria o legalizar dos seus próprios chumbos e consequentemente cortarem a si próprios a possibilidade de prosseguirem os seus estudos».

"Construção civil não está em crise"

Como se sabe, a pretensão das associações de empresários de construção do Sul e do Norte (respectivamente AECOPS e AICCOPN) no sentido de que o governo declarasse «sector em crise» a indústria da construção civil foi indeferida pelo Conselho de Ministros. O despacho foi hoje publicado na folha oficial.

Os empresários baseavam-se no agravamento do custo dos materiais e dificuldades no seu fornecimento, na elevação dos custos da mão-de-obra, na rareficação do mercado de obras públicas, no retraimento das obras particulares, nas dificuldades crescentes da obtenção de crédito e nas contingências da burocracia administrativa. Nos fundamentos da sua decisão, publicados na folha oficial, o Governo, para além de indicar que a declaração de crise só poderia incidir sobre empresas

individualmente consideradas, nega a razão dos argumentos invocados pelos empresários, nomeadamente quanto aos materiais essenciais à execução das obras, «produzidos em quantidades que denotam uma franca situação de recuperação económica», quanto aos custos de mão-de-obra, «resultantes da aplicação das novas tabelas salariais em Janeiro do corrente ano», quanto ao volume do crédito, cujos valores «ultrapassaram largamente os concedidos em anos anteriores» e quanto ao funcionamento da máquina administrativa, considerando que se tem vindo a actuar «no sentido da descentralização e desburocratização».

Em resumo, o Governo «considera que o sector da construção civil não se encontra em crise, muito embora reconheça a necessidade de se prosseguir no esforço» para promover a sua expansão.

IRENE ISIDRO
7 MESES EM CENA NO
TEATRO
LAURA ALVES
NA RUA DA PALMA
TEL. 864756
TODAS AS NOITES ÀS 21.30
MATINEES: DOMINGOS ÀS 16 H.
AS 2ª FEIRAS NÃO HÁ ESPECTÁCULO

UMA COMÉDIA DE
José Vilhena
CALCINHAS AMARELAS
com
IRENE ISIDRO
BARROSO LOPES
MANUELA MARIA
LUIZ HORTA
CARLOS MIGUEL
TEREZA ZILCO
MARIA JOÃO
PAULA LIMA

80.000
ESPECTADORES
JÁ VIRAM ESTAS
CALCINHAS!



COROLLA S.30
o carro certo no nosso tempo

Estamos naturalmente orgulhosos e felizes
O NOVO TOYOTA COROLLA S.30 é um êxito espectacular.
Que ultrapassa todas as expectativas. Mesmo as mais optimistas.
De facto, a NOVA SÉRIE 30 do TOYOTA COROLLA
é a digna continuadora do prestígio e fama conquistados
pela sua "irmã" mais velha — a série 20.
Veja, aprecie e experimente o NOVO COROLLA S.30
com MAIS SETE IMPORTANTES ATRIBUIÇÕES.
Mais espaço. Maior conforto. Maior segurança. Melhor condução.
Melhor equipamento. Maior rendimento. Mais economia.

TOYOTA
veio para ficar
E FICOU MESMO

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: SALVADOR CAETANO, S.A.R.L.
CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS COM SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA E PEÇAS

Manobra concertada dos Melos com apoio claro do Governo

- revelam CTs do Grupo CUF e da Lisnave

Um comunicado conjunto agora divulgado pelas comissões de trabalhadores do Grupo CUF e da Lisnave vem dar mais força aos insistentes rumores, de que a Imprensa se tem feito eco, sobre um possível comprometimento do Governo com os interesses da família Melo, que desenvolve intensa actividade para recuperar o poder económico monopolista que o 25 de Abril lhe retirou no nosso País.

«No que respeita ao Grupo CUF» — lê-se no comunicado — «e atentos aos órgãos de informação, poderemos facilmente verificar a existência de toda uma manobra concertada dos Melos para a restauração do seu poderio económico com apoio claro do Governo». Em abono desta conclusão cita-se, entre outras, uma notícia divulgada em primeira mão pelo nosso jornal, no passado dia 17, aludindo à presença de um membro da família Melo em Portugal como membro da última delegação do Fundo Monetário Internacional. O Governo mantém sobre o assunto um silêncio sepulcral, por razões que este comunicado se propõe revelar.

Assim, «no pacote de austeridade em grau dois do FMI, para além das medidas de carácter económico e financeiro que são exigidas ao Estado Português estão, entre outras,

contidas as exigências dos Melos e dos monopolistas que com eles criaram o MDE/S e a CIP». E as CTs do Grupo CUF e da Lisnave referem, a propósito, «algumas das inúmeras exigências que o Governo terá que aceitar e pelas quais José Manuel de Melo acompanhou a delegação do FMI a Portugal», aliás coincidentes com sugestões apresentadas o ano passado pela CIP:

— «apoio declarado do Governo à proposta de novos estatutos para a Lisnave que possibilitará a reeleição para Presidente do Conselho de Administração da empresa a José Manuel de Melo, por maioria simples»;

— «apoio governamental às medidas que a Administração da Lisnave entender necessário impor na empresa para a 'viabilizar', com sejam entre outras: congelamento ou redução salarial; o ataque directo à organização dos trabalhadores»;

— «pagamento pelo Governo das indemnizações (13 milhões de contos), a entrega de algumas empresas (...) e as necessárias facilidades para a participação dos Melos, associados aos seus aliados internacionais ou não e ao Estado, em novos empreendimentos ainda em fase de estudos», designadamente no sector dos transportes aéreos;

— «facilidades do Governo a uma maior entrada de técnicos da confiança dos Melos e da CIP na Banca nacionalizada, e ao mesmo tempo conceder a criação dos chamados institutos de crédito especializados regionais e sectoriais entre outras medidas, permitindo a colocação de dinheiros públicos ao serviço do lucro do capitalismo monopolista».

O comunicado conjunto deixa ainda algumas questões, que os seus autores gostariam de ver respondidas pelo Governo de forma clara e inequívoca: Procura-se saber, nomeadamente «porquê razão o tempo Governo adjudicado estudos de certa responsabilidade a uma chamada Cooperativa de Técnicos, a Codindústria, criada e formada por elementos de alta confiança dos Melos e Champalimaud, em detrimento de empresas altamente especializadas e de capital quase na totalidade estatal, como sejam a Empresa Geral de Fomento e a Norma».

Perguntam ainda as CTs do Grupo CUF e da Lisnave «por que razão a 'empresa' Confil-Companhia de Financiamento Comerciais, ligada aos Melos, foi mandada encerrar por ordem do Ministério das Finanças com base em ilegalidades cometidas com divisas estrangeiras, e, até agora, continua a funcionar na normalidade».

de». E adiantam: «Terá isto a ver com a gradual requisição governamental de técnicos da confiança dos Melos para o Ministério das Finanças?»

Interroga ainda o comunicado: «por que razão o Governo ainda não clarificou a acção fraudulenta dos Melos no Brasil, que os trabalhadores já denunciaram com dados concretos? Será que o Governo pretende valizar as fraudes ao património nacional como moeda de troca nas negociações Governo-Melos?»

DESPEDIMENTOS NA EFACEC

O Ministério do Trabalho lava daí as mãos

O Ministério do Trabalho, após diversos contactos desenvolvidos pela Comissão de Trabalhadores da Efacec, cujos elementos foram recentemente despedidos, resolveu dar «por encerrado o assunto» recusando a intervenção administrativa que lhe era solicitada.

O afastamento da Comissão de Trabalhadores, que estes consideram arbitrária, deve-se ao facto de os seus elementos pretendem cumprir uma decisão do plenário da empresa no sentido de obstar à reintegração de dois elementos anteriormente saneados por iniciativa do pessoal. No plano legal, os elementos atingidos fizeram já entrega, no Tribunal do Trabalho, do pedido de actuação da Comissão de Conciliação e julgamento competente.

Na sequência dos contactos desenvolvidos junto do Ministério chegou a ser ventilada a hipótese de uma reunião entre a Administração e a CT no Ministério do Trabalho, numa tentativa para superar o diferendo. Tal possibilidade foi agora afastada pelo Ministério, que entende não dever interferir na questão dos despedimentos, considerando, por outro lado, que a anulação do despacho reintegrador dos saneados é inviável.

Comentando este comportamento, a Comissão de Trabalhadores da Efacec (Zona Sul) conclui que o Ministério «se recusa a dialogar com vista à

J. PIMENTA

Os rigores da lei

s inquietos dos andares administrados pela empresa J. Pimenta acabam de receber severa advertência: ou pagam a renda impreterivelmente até ao dia 8, ou vão para a rua. Resta-lhes ainda uma terceira possibilidade, mas só até ao último dia do mês: pagarem a renda com mais 50 por cento do seu valor, a título de «indemnização».

Ao actuarem deste modo os responsáveis pela empresa utilizam, tão-só as prerrogativas que a lei concede aos senhorios. No entanto, há inquietos «acima de toda a suspeita», que desde sempre cumprem as suas obrigações em devido tempo e que por isso não podem ser afectados por tais rigores, que não deixam de estranhar — como nos fizeram saber — que tão grande severidade não comece pela

própria empresa. Na verdade, pudemos constatar que, ultimamente, os Empreendimentos Urbanos e Turismo J. Pimenta vêm passando recibos de renda que nada são perante a lei por lhes faltar a competente assinatura de um membro da administração, ou de quem a represente.

Aj os pruridos legalistas ficaram esquecidos. E isto sem falar das peripécias de que se têm rodeado os processos disciplinares, as suspensões e os despedimentos na empresa, que os trabalhadores consideram flagrantemente ilegais.

Faltará tempo à administração da J. Pimenta para rubricar, como é seu dever, os recibos de renda, empenhada como está em assinar despedimentos entre o pessoal?

Contrato em causa

Marinha Mercante discorda da proposta do Governo

A assembleia geral do Sindicato dos Capitães, Oficiais Pilotos, Comissários e Radiotécnicos da Marinha Mercante repudiou por unanimidade a proposta de regulamentação colectiva de trabalho apresentada pelos armadores nacionalizados e iniciou a apreciação na especialidade de idêntica proposta proveniente dos sindicatos

de trabalhadores ligados à Marinha do Comércio — informa a ANOP.

Segundo o referido Sindicato a proposta do Governo (armadores nacionalizados) «faz tábua rasa de alguns direitos adquiridos pelos trabalhadores do sector depois e até antes do 25 de Abril», como seja o

de pretender retirar o chamado complemento de reforma, cuja validade permite aos trabalhadores do mar reformarem-se com o ordenado por inteiro.

A Direcção do Sindicato dos Capitães, Oficiais Pilotos, Comissários e Radiotécnicos considera ainda que a proposta dos armadores nacionalizados pretende que o horário de trabalho semanal fora do porto de armamento passe das 40 horas actuais para 56, embora já desde 1963 e até 1975 vigorassem as 48 semanas.

Mais de cinquenta por cento dos trabalhadores que integram a frota nacional já contactaram a Federação dos Sindicatos do Mar repudiando a proposta do Governo.

TENDAS DE CAMPISMO

BARRACAS DE PRAIA
GUARDA-SÓIS
MESAS COZINHA
CADEIRAS
CAMAS
BAZAR BEBÉ
ARMÁRIOS COZINHAS

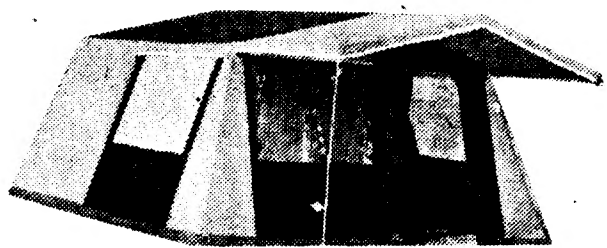
MOTORES TOMOS
MOBILIÁRIO DE CAMPISMO
CAMPING-GAZ
ATRELADOS
TRICICLOS, BICICLETAS
CARAVANAS PLIANTE
COLCHÕES BARCOS REPIMPA

BOM ESTACIONAMENTO

BAZAR CAMPISTA DE

AIRES, CARVALHO & C.ª LDA.

Rua Mouzinho da Silveira, 70 — Telef. 2 02 58 — PORTO



ENTREGAS IMEDIATAS

A C. P. informa

LEILÃO

Em 12 de Setembro e dias seguintes, às 10 horas, na estação de Alcântara-Terra, proceder-se-á à venda, em hasta pública, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos legais, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido procuradas pelos donos.

Avisam-se os Srs. Expedidores e Consignatários das remessas e os donos dos volumes de que podem ainda proceder ao seu levantamento até ao 9 de Setembro, nos dias úteis, excepto aos sábados, das 10 às 17 horas.

Para o efeito devem ser pagos aos Caminhos de Ferro Portugueses os débitos que corresponderem, para o que os interessados poderão dirigir-se ao Serviço Comercial de Mercadorias, Edifício da Estação de Santa Apolónia, em Lisboa.

Nalgumas estações encontram-se afixados Avisos correspondentes ao referido leilão.

Concurso de cartazes sobre Segurança no Trabalho

O I Encontro Internacional para a Medicina do Trabalho vai decorrer em Lisboa, de 9 a 15 de Outubro próximo, na Fundação Calouste Gulbenkian, por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Medicina do Trabalho.

No âmbito do Encontro, o Instituto Nacional de Seguros abriu um concurso de cartazes subordinado ao tema «Prevenção e Segurança no Trabalho», cujos prémios são no valor de 5, 10 e 20 mil escudos.

Os interessados, que poderão apresentar mais que um cartaz de 50 por 35 cm, com um máximo de quatro cores, deverão fazer a entrega do seu material concorrente, até às 17 horas de 20 de Setembro próximo, no Instituto Nacional de Seguros, Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 16. Os cartazes são assinados com pseudónimos, devendo cada um ser acompanhado de um subscrito, contendo o nome e a morada do autor.

ESCOLA DE ENFERMAGEM DE BEJA

R. DR. ANTÓNIO FERNANDO COVAS LIMA
BEJA — TELEFONE 2 39 01

Prevendo-se a abertura dum novo 1.º ano, com limitação de alunos, no próximo ano lectivo na Escola de Enfermagem de Beja, informam-se os interessados que estão abertas matrículas condicionais até ao próximo dia 15 de Setembro.

Pe'la COMISSÃO INSTALADORA.
M. Rodrigues

astrologo sidio

Resolve qualquer que seja o seu problema
Especialista em casos espirituais, amor ou negócios. Tel. 774343

A "EUROPA" NÃO OS QUER

Milhares de emigrantes podem voltar se o Governo não tomar medidas

O perigo de milhares de trabalhadores emigrantes portugueses voltarem a Portugal na situação de desempregados, em consequência da elevada taxa de desemprego que se verifica na Europa Ocidental, foi apontado aos órgãos do Poder, incluindo o Presidente da República, por um grupo de emigrantes a passar férias em Portugal.

Nomeadamente em França, onde o plano Barre está a ser posto em prática, para «aliviar» o Governo francês, muito especialmente, das colónias portuguesas (cerca de 850.000 emigrantes) e da argelina (um milhão), a ameaça de regresso está a concretizar-se diariamente, segundo compatriotas nossos que trabalham naquele país e que ouvimos, juntamente com outros dois emigrantes portugueses, um a trabalhar na Suécia e outro, na Venezuela.

«Quando em 64, começou o fluxo de emigração para França, o Governo francês encontrou em nós a solução para alguns dos seus problemas. Os emigrantes iam fazer os serviços mais humildes, provocando automaticamente a promoção do trabalhador francês. Como agora o desemprego os está a atingir, a mão-de-obra importada é o grande obstáculo ao bem-estar do trabalhador francês. É preciso que o emigrante saia para dar o seu lugar ao francês desempregado. Isto na óptica do Governo, claro. Porque os trabalhadores esclarecidos sabem que estão do mesmo lado da barreira e nada têm uns contra os outros», afirma um dos emigrantes com quem conversámos.

Para correr com o emigrante o Governo francês lançou mão do plano Barre que constitui para o trabalhador desprezado uma «casca de banana». O plano permite que o emigrante desempregado que aceite voltar à sua terra, receba além de uma indemnização e subsídio de viagem, cerca de oitenta contos em moeda portuguesa, que lhe são entregues só quando se encontra já na terra de origem. Para um desempregado, estes falsos aliciantes sobrepõem-se a todas as perdas, sobretudo as que se verificam a longo prazo. O dinheiro descontado para a reforma, por exemplo, ficará em França, nada beneficiando quem vendeu a força de trabalho, geralmente a baixo preço.

Teoricamente trata-se de uma «alternativa», que o emigrante depois de «optar», tem a «liberdade de escolher». Na prática, assume carácter imperativo, de acordo com as informações prestadas pelos nossos compatriotas.

bendo um subsídio mensal correspondente a 90 por cento do vencimento, verba que diminui para 40 por cento no ano seguinte. Durante este espaço de tempo, pode tentar arranjar trabalho ou preparar, se for caso disso, o seu regresso a Portugal.

O plano Barre visa reduzir, como já o afirmou publicamente um parlamentar francês, especialmente as colónias portuguesas e argelinas, as mais numerosas e as mais vulneráveis: a primeira por intervenção do factor racismo e a segunda pela insuficiência dos acordos sobre emigração existentes entre França e Portugal.

QUE O GOVERNO TOME MEDIDAS

«É preciso que o Governo português tome urgentemente

des dos emigrantes. Em toda a França se realizaram assembleias de emigrantes portugueses de apoio a esse documento. Em Fevereiro de 77, no entanto, foram assinados novos acordos para os quais os emigrantes não foram ouvidos. O seu teor não adianta muito, na opinião dos emigrantes, quanto a medidas de protecção aos portugueses. O texto do acordo fica-se muito mais por promessas e «boas» intenções. Quando Mário Soares visitou a França, foi-lhe solicitada uma audiência, a que anuiu. Mas só ao fim do dia marcado para o encontro pôde avistar-se com os trabalhadores portugueses durante cinco minutos. Os trabalhadores emigrantes decidiram então, para se fazerem ouvir, debater mais uma vez os seus problemas e nomear uma comissão para elaborar um caderno reivindicativo. Este foi aprovado por aclamação de cerca de 400 emigrantes portugueses presentes na assembleia de associações e trabalhadores, que se realizou em Paris, a 8 de Maio passado.

O QUE OS EMIGRANTES REIVINDICAM

«Garantia de Emprego» é o título do oitavo ponto do cader-

Emigração», os emigrantes, evocando a garantia dada pela Constituição da República da protecção do Estado aos portugueses que residem no estrangeiro, salientam que os «Acordos de Emigração» deveriam ser o momento privilegiado da discussão corajosa e firme do Governo português com o Governo francês em defesa das reivindicações dos emigrantes, recensados através de múltiplas formas de participação dos principais interessados (...). Precisamente por não terem tido em conta este aspecto, os últimos acordos assinados entre os governos dos dois países não podem satisfazer as reivindicações dos emigrantes portugueses em França. Todavia, o Governo português deveria exigir ao Governo francês a execução das «promessas declaradas» nos Acordos, depois de ouvir as Associações representativas dos portugueses em França.

Sublinha-se ainda no caderno reivindicativo que podem ser satisfeitas pelo Governo português todas as reivindicações apresentadas: escolaridade das crianças portuguesas; isenção das taxas alfandegárias sobre os carros dos emigrantes aquando do seu regresso definitivo a Portugal; transportes gratuitos dos corpos dos portugueses falecidos



A trabalhadora emigrante sofre, no país de emigração, como aqui, a dupla exploração no emprego e em casa. Os seus problemas, integrados nos problemas gerais dos emigrantes, passarão a ser discutidos em reuniões nas terras onde trabalham, por decisão da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional. A iniciativa foi anunciada por Álvaro Rana, do secretariado da Central sindical portuguesa, durante o recente debate sobre problemas da emigração

foi entregue na Presidência da República e na Assembleia da República.

Os trabalhadores emigrantes esperam que as reivindicações apresentadas sejam atendidas a fim de evitar graves problemas não só a si próprios mas também ao País e ao trabalhador português em geral. Esperam mais: esperam ser ouvidos através da CGTP-Intersindical Nacional e

o secretário de Estado da Emigração, João Lima.

SUÉCIA AS DISCRIMINAÇÕES

Cerca de mil e novecentos portugueses laboram na Suécia, uma parte em Malmö, na indústria de Construção Naval, outra em Estocolmo, em serviços domésticos, e hotelaria.

Não têm de momento problemas de desemprego (a Suécia fechou as portas à emigração em 67), embora a taxa de desemprego atinja na Suécia os dois por cento, o que é uma percentagem elevada para este país.

Um dos principais problemas que se põe ao emigrante é a educação dos filhos, visto que entram geralmente nas escolas suecas e perdem o contacto com a língua e cultura portuguesas.

«Já tem acontecido», conta um nosso compatriota «que famílias portuguesas têm tentado regressar ao país mas são obrigadas a voltar para a Suécia, porque os filhos não se adaptam. Língua, mentalidades, formas de viver, tudo é tão diferente que têm de voltar».

EMIGRAR PARA A VENEZUELA É O CORTE TOTAL

Na Venezuela, a nota que sobressai em relação à colónia portuguesa é o abandono. Sem informação sobre Portugal, com apenas um consulado num país que é catorze vezes maior que o nosso (o que significa que o emigrante português que tem de deslocar-se ao consulado para tratar de alguma questão burocrática, desloca-se muitas vezes de avião) sem organização associativa, cem mil portugueses vivem naquele país da América Latina mais ou menos entregues à sua sorte.

«Aqui o pagode tem sempre esperança de voltar a Portugal. Mas a distância é tão grande e as viagens tão caras (50 contos viagem de avião, ida e volta não há desconto nos transportes) que vão ficando, e não voltam», diz-nos um emigrante na Venezuela.

Dos jornais portugueses, só os matutinos chegam duas vezes por semana à Venezuela. Como forma de associação existe uma organização anti-fascista unitária, criada há vinte anos, a Junta Patriótica Portuguesa, que tem um programa de rádio. Isto para cem mil portugueses.



Facilidades nas viagens ao país natal constituem uma das reivindicações das colónias de emigrantes portuguesas, sempre desejosas de rever as suas terras e a sua gente

«METEM-NOS O REQUERIMENTO NAS MÃOS»

Na realidade, a rede aperta-se cada vez mais em redor do emigrante. Por um lado, a discriminação por parte do patronato cresce, aos emigrantes vai sendo cada vez mais difícil arranjar emprego; por outro lado, nos departamentos da Agência Nacional de Emprego, a que o emigrante recorre quando está desempregado, os funcionários «metem-lhes nas mãos» o requerimento de regresso ao país de origem, criando no âmbito do plano Barre.

A grande barreira que constitui a língua, inacessível à maioria dos nossos emigrantes e o seu desconhecimento, na maior parte dos casos, da legislação do país onde trabalha, predispõe o trabalhador a assinar o requerimento, sem medir as consequências.

«A situação de desempregado, o dinheiro em mão e a promessa de mais umas dezenas de contos para quando estiver em Portugal seduzem o emigrante português que não se lembra ou, em muitos casos, ignora que pela legislação francesa pode viver um ano inscrito no desemprego, rece-

medidas que obstem ao regresso de milhares de portugueses desempregados», avisam os emigrantes portugueses autores da mensagem para os órgãos do Poder.

A margem da mensagem, eles acrescentam: num empreendimento siderúrgico da Lorena, 25 mil trabalhadores vão ser despedidos. Grande parte são argelinos e muitos serão portugueses. Também no sector da Construção Civil, onde muitos portugueses encontram trabalho, verifica-se actualmente uma vaga de despedimentos. Não vão os despedidos cair, sem qualquer defesa, nas malhas do plano Barre?

Com o objectivo de levar os governantes portugueses a rever os acordos sobre emigração com a França, de modo a que o emigrante português seja verdadeiramente protegido nos seus interesses e disponha de meios legais que o defendam, os nossos emigrantes em França vêm desenvolvendo luta desde o 25 de Abril.

Em Junho de 75, por ocasião da visita do general Costa Gomes a França, foi entregue ao antigo Presidente da República Portuguesa um documento em que se expunham as dificulda-

no reivindicativo. Nele os emigrantes afirmam: «Face às novas arremetidas do Governo francês contra a emigração, susceptíveis de desenvolver por um lado o desemprego e a expulsão mais ou menos aberta do território francês, e por outro lado o racismo e novas situações difíceis para os emigrantes, os trabalhadores portugueses reclamam a garantia do emprego. Por isso exigimos a reunião imediata da Comissão Mista prevista pelos Acordos de Emigração para a abertura imediata de negociações para a defesa da garantia do emprego dos emigrantes portugueses em França. A parte portuguesa da Comissão Mista deve pôr-se em contacto imediato com as Associações representativas dos trabalhadores portugueses e com a Intersindical Nacional e os sindicatos de classe franceses, criar um conselho consultivo eleito de emigrantes e associações para funcionar junto de si e lançar uma grande campanha de informação sobre as novas medidas anunciadas pelo Governo francês de forma a poder defender junto deste as reivindicações dos emigrantes».

No capítulo 7.º, «Acordos de

em França para Portugal; abolição da taxa militar imposta aos desertores, refractários e compelidos que se recusaram a alimentar a guerra colonial; transportes e condições confortáveis de transporte dos emigrantes para Portugal; relações entre as Associações de emigrantes e os órgãos do Estado português em França; Acordos de Emigração; garantia do emprego, o regresso dos emigrantes e o desenvolvimento económico do país e defesa dos interesses dos emigrantes no próprio país.

A satisfação de todas as outras reivindicações (alojamento, alfabetização, formação profissional, atribuição e renovação das cartas de trabalho e de estadia, igualdade de direitos sindicais, sociais e políticos, direito de associação, direito ao desporto e à sua prática, segurança social em completa igualdade com os trabalhadores franceses, mesmo quando a família dos emigrantes se encontra em Portugal, etc.) deve ser objectivo de diligências do Governo português junto do Governo francês.

EMIGRANTES QUEREM SER OUVIDOS

Este caderno reivindicativo

das organizações que os representam e que em França tomam a forma de associações. De começo, associações desportivas, viradas especialmente para o futebol; depois associações viradas para interesses culturais mas, sobretudo, para a defesa de interesses dos trabalhadores. Esta tem sido praticamente a forma do trabalhador português emigrante em França poder conviver e pensar colectivamente os seus problemas. Existem em toda a França cerca de 300 a 400 associações deste tipo, sobrevivendo em más condições. As suas dificuldades começam com as instalações deficientes, por vezes não têm instalações próprias, funcionam em salas dispensadas com boa vontade por outras associações. E isto passa-se mesmo com associações e clubes prestigiados, como acontece em Fontainebleau, em que a equipa de futebol dos emigrantes portugueses conta já com alguns luros.

Os trabalhadores emigrantes esperam finalmente ser ouvidos para os acordos de emigração que o Governo português vai rever até ao fim do ano, segundo declarou à Anop

Mobilização pelo regresso da democracia

por Yana Mendonza

BRASÍLIA, Agosto (IPS) — Uma mobilização política inédita nos últimos dez anos aumentou nestes últimos tempos as expectativas sobre as próximas alternativas da crise institucional no Brasil.

Um dos episódios mais recentes foi a divulgação de um manifesto assinado por 92 juristas brasileiros, exigindo o regresso imediato ao Estado «de direito» e o fim do regime de excepção, vigente desde 1964.

O manifesto foi lançado publicamente numa concentração realizada num dos centros universitários mais tradicionais do país: a Faculdade de Direito de São Paulo.

O manifesto dos juristas foi divulgado três dias depois de o presidente do Colégio de Advogados do Brasil, Raymundo Faoro, ter declarado a um jornal do Rio de Janeiro que era necessário convocar imediatamente a eleições gerais, a fim de terminar com o que ele qualificou de «perda da legitimidade» dos poderes autoritários utilizados pelo governo.

Na mesma semana, a revista independente «Isto é...» publicou uma «cover story» acerca da inquietação que reina nos meios políticos, empresariais, militares e intelectuais de São Paulo, a maior cidade do Brasil.

Nesta reportagem, a revista inclui uma declaração do deputado federal do partido governamental «ARENA», José Faria Lima, em que este reconhece que praticamente um milhão de paulistas estariam dispostos a sair à rua para protestar contra a inflação.

O desfile de manifestos e de cartas pedindo o regresso ao «Estado de direito» teve um apoio inesperado: documentos enviados por alguns militares. O brigadeiro na reserva Grum Moss, famoso na política nacional pelas suas relações com conspiradores de direita, divulgou uma carta em que pedia que os militares regressassem aos quartéis.

O brigadeiro Moss foi ministro da Aeronáutica e também membro superior do Tribunal Militar.

Três coronéis na reserva acabam de solicitar a formação de uma Assembleia Constituinte que facilite o regresso dos militares aos quartéis.

Em cartas separadas, os coronéis Ruy Castro, Francisco Boaventura Cavalcanti e Helio Lemos afirmam que a opinião pública está cansada do regime de «excepção», e exigem uma Assembleia Constituinte eleita por voto livre e directo sob a vigilância das Forças Armadas.

Os coronéis declaram também que «A Nação não admite donos, a não ser o próprio povo».

Os três coronéis são conhecidos pela sua vinculação à facção mais conservadora do Exército durante os primeiros anos do regime militar brasileiro.

Simultaneamente, começou a circular em vários quartéis brasileiros um documento elaborado pela Escola Superior de Guerra (ESG), escrito em 1972, e que propõe a devolução do Poder aos civis.

A Escola Superior de Guerra é o organismo político de maior prestígio dentro das Forças Armadas, e foi nos seus gabinetes que foram elaborados os planos que em 1964 acabaram por derrotar o presidente João Goulart.

O documento — duzentas páginas, em dois volumes, e com o carimbo «Confidencial» — termina concluindo que «os militares se devem reservar para a sua missão de carácter permanente, reconhecendo que a sua função de tutela só se justifica em situações de emergência, como em 1964».

O estudo da Escola Superior sugere um regime político baseado em três princípios: garantia dos direitos individuais, independência e harmonia dos poderes e voto popular directo como única fonte de Poder.

Um factor comum a todo este leque de pressões recentemente surgidas na cena política brasileira é a filiação conservadora dos autores de cartas e manifestos, pedindo o regresso ao «Estado de direito».

O movimento inclui um ex-fascista, o professor de Direito Gofredo da Silva Telles, autor do manifesto dos juristas, até militantes de tendência nacionalista-liberal.

Todos eles apoiaram com todo o entusiasmo a queda do regime popular de João Goulart, e têm até hoje professado um anticomunismo radical.

Todos eles se mostram também decepcionados com o rumo que tomou o Movimento Militar de 1964, depois de ter decretado a acta institucional número cinco que depositou o Poder em mãos de um reduzido grupo de militares e civis, conhecidos hoje no Brasil como «os sócios do sistema».

As cartas e os manifestos da direita brasileira reflectem o alto grau de insatisfação existente em importantes círculos da sociedade brasileira, num momento em que não se vislumbram novas alternativas para o cerrado processo de decisão política instalado no Palácio do Planalto (sede do Poder Executivo).

Um dos primeiros a compreender este estado de coisas foi um político civil veterano, José Magalhães Pinto, senador pelo partido oficial «ARENA» e considerado um dos mais hábeis oportunistas do país.

Magalhães Pinto surpreendeu a opinião pública ao lançar a sua candidatura para suceder ao presidente Ernesto Geisel.

Os documentos que agora foram divulgados demonstram que o astuto senador procurava capitalizar antecipadamente o descontentamento de vários sectores civis e militares para se apresentar como uma alternativa civil num desgastado processo de secessão presidencial.

Outro elemento que vem juntar-se ao jogo de pressões são as denúncias de corrupção que envolvem importantes personalidades do actual governo, assim como o isolamento em que parece submergir a camarilha governante.

Os nostálgicos conservadores de 1964 não têm nenhuma dúvida de que o «sistema» não poderá ganhar nenhuma eleição, por muito «preparada» que seja, e consideram que o «sistema» irá enveredar por formas cada vez mais cerradas e isoladas, próprias de um sistema ditatorial clássico.



«Vai uma porção mínima de leite para o UHT...»



MIRA: A Cooperativa de Comercialização

No concelho de Mira, onde a produção assenta na batata e no leite, existe uma cooperativa de comercialização formada a partir do ex-Grémio da Lavoura. Zona de pequena propriedade cultivada por agricultores dos 50 anos para cima. Os jovens fogem do campo: para as fábricas, a construção civil, os estudos. Devia haver um trabalho ao nível da escola primária. Incutir à juventude o gosto pela agricultura, diz o eng. Cupido, das Brigadas Técnicas do extinto SADA. Como em todo o Norte os intermediários proliferam ali. E dominam. Os agricultores têm má vontade contra eles mas não se manifestam. Vivem perante o dilema: entregar os produtos aos intermediários ou à cooperativa? Vivem exultantes. Sem saber como agir. Conhecem o intermediário com quem, por vezes, mantêm uma relação humana. Daí que a escolha tenha uma razão de ser. Por outro lado a cooperativa funciona (ainda) para eles como uma entidade indefinida.

Mas a Cooperativa de Comercialização de Mira conseguiu, apesar de tudo, impor-se no concelho. De início foi preciso vencer as dificuldades. E o eng. Cupido teve nisso um papel preponderante. Havia, ali antes do 25 de Abril, uma Casa da Lavoura que segundo afirmou o presidente da Cooperativa, sr. Frade, professor primário, se limitava a ser o centro onde as pessoas pagavam as quotas e a distribuir sementes nos dias de feira.

«onsequimos conciliar as tendências de constituir-se uma cooperativa em Mira e outra no Seixo. Seria bastante mau. Assentámos em Mira, a sede do concelho. Em assembleia geral decidimos ocupar as instalações e o material da antiga casa da Lavoura. Na altura contámos com a colaboração do MFA. Friso o eng. Cupido.

A cooperativa de Comercialização de Mira começou a sua actividade no dia 1 de Julho de 1975. Liga-se à Lacticoop e passa a ser responsável pela recolha de leite de todo o concelho. No ano seguinte ao arranque tiveram uma boa campanha de adubos. O Crédito Agrícola de Emergência permitiu que se efectuassem um grande número de vendas a sócios e a não sócios. Depois aconteceu o problema da batata de semente. Quanto Vagos, numa série de iniciativas espectaculares levantou a questão, a batata acabou por ser desviada para lá ficando a Cooperativa de Mira sem o fornecimento que já tinha confirmado. Governo quis calar a boca à malta de Vagos, diz o presidente da Cooperativa. Perante a ameaça de barrar a passagem da Volta a Portugal em Bicicleta o Governo capitulou.

A cooperativa funciona num edifício a cair aos bocados. No entanto há um projecto para a construção de uma nova sede no valor calculado de 5 mil

contos. Para o efeito já a câmara cedeu terreno. Falta o resto.

Temos contactos com a NOVIVE uma organização holandesa através do padre Rocha, membro da direcção da Cooperativa. Prometeram-nos um financiamento...

Neste momento há na cooperativa cerca de 600 sócios. E há uma tendência para subir porque os produtores de leite, mais mentalizados para o cooperativismo, estão a aderir. As relações entre sócios e Cooperativa consistem numa troca comercial: a Cooperativa fornece os factores de produção e garante o escoamento dos produtos. Trava-se, todavia, uma luta entre a cooperativa e os intermediários. A Cooperativa entrou no terreno deles. Dois anos depois da sua fundação há sítios onde a Cooperativa não penetra.

A Cooperativa (afirma o professor Frade) obrigou os intermediários a praticarem preços justos. Pretendemos o máximo de rendimento para o agricultor o que não acontece com os intermediários.

Para além do aspecto da comercialização a cooperativa tenta ganhar a confiança dos agricultores, prestando-lhes apoio técnico. Dentro deste âmbito está previsto o apoio veterinário aos sócios. Um apoio de que o concelho carece. Até agora o tratamento dos animais tem sido feito por curiosos.

LEITE

A cooperativa de Mira também dá assistência às 36 salas de ordenha existentes no concelho. Embora a intervenção da Cooperativa já seja importante na recolha do leite espera-se que dentro em breve todo o leite de Mira venha das salas de ordenha colectivas.

Equipadas com uma aparelhagem de refrigeração. Fechar o circuito nas salas permite a melhoria de qualidade do leite produzido no concelho — e um certo avanço no campo técnico.

O concelho produz perto de 25 mil litros de leite, grande parte do qual destina-se ao abastecimento de Lisboa. Em percentagem há 54,4 de produtores, 74,121 de vacas sendo a média de vacas por produtor na ordem de 1,27. O produto vai para o posto de concentração da Tocha que recebe ainda leite dos concelhos da Figueira da Foz, Cantanhede e Montemor-o-Velho.

Sobre o UHT sistema de conservação do leite bastante contestado visto que temos de pagar a uma patente sueca o custo da embalagem a direcção da Cooperativa acha que apesar dos contras o UHT permite às organizações da lavoura uma certa margem de manobra. E justificam a sua posição afirmando que como a Central Pausterizadora trabalha com as indústrias de base precisa de fornecer determinada quantidade de leite. Ora em férias o UHT é um recurso porque

as vacas continuam a produzir, embora a fracção destinada ao UHT seja sempre reduzida.

Também na Central da Tocha os técnicos defenderam esta teoria. E acrescentaram mais: que o nosso País necessita do UHT porque não há uma rede de frio suficiente para conservar a produção. O leite pausterizado precisa de frio em contraste com o UHT que se conserva de qualquer maneira. Segundo os técnicos perde uma percentagem mínima de vitaminas. E verdade que a patente sueca faz encarecer o preço do leite UHT pois cada embalagem custa um preço. Agravado pela desvalorização do escudo e o aumento do preço do papel.

A Central da Tocha recolhe dos quatro concelhos referidos, atrás, 124 mil litros de leite — mais coisa, menos coisa. A média enviada para Lisboa ronda os 50 a 60 mil litros: leite a granel, cru.

Nós temos como lema abastecer primeiro Lisboa. O restante depois de pausterizado, fica na região e o excesso, cerca de 12 por cento em relação ao total recolhido, vai para o UHT — sublinham os técnicos. Aliás o técnico Teixeira, responsável pelas máquinas do UHT, afirmou ser impossível fabricar-se em Portugal o tipo de filme da embalagem sueca. Tíhamos de importar material para o fabrico do filme — o que nos sairia ainda mais caro.

Visitámos a ordenha mecânica do lugar de Cabeço Verde, no concelho de Mira. Por volta das 19 horas começa a movimentação de vacas na estrada principal. Geralmente conduzidas por mulheres ou crianças que tentam chegar à sala de ordenha o mais cedo possível para marcarem a vez. Deixam ali o leite as vacas de 64 produtores. Verifica-se, no entanto, uma certa morosidade na operação da ordenha porque o posto tem apenas quatro unidades e precisava de oito. De qualquer maneira a ordenha funciona bem no concelho de Mira na medida em que as vacas se deslocam de distâncias máximas de 500 metros quando noutros concelhos fazem percursos de mais de um quilómetro.

Enquanto os produtores não tiverem a garantia de que a cooperativa lhes escoar os produtos não vão declarar guerra aberta aos intermediários, pois podem vir a precisar deles.

O preço da batata não gera o descontentamento entre agricultores do concelho de Mira. Mas o leite... o leite já provocou muita guerra.

Eis a opinião de Manuel dos Santos sobre o assunto:

Governo decidiu pagar-nos 8\$50 mais 30 de subsídio da sala de ordenha. Somos para a luta mas, não aceitaram as nossas reivindicações. Nos plenários realizados em Vagos chegámos a propor o preço de 10\$00 o litro pensando, com a negociação, descer para os 9\$00. Não compensa o preço que o Governo nos paga visto que as rações e outras despesas subiram muito. Se houvesse condições tenho a certeza que todos os lavradores participavam numa greve do leite. Aguentávamos, à vontade, uns 15 dias. Foi uma desilusão para nós a pralição não se ter feito. Na minha opinião devíamos ter avançado. Assim quem se fica a rir foram os do Governo...

UM AGRICULTOR

Já no tempo de Marcelo Aetano pensávamos em criar uma cooperativa aqui no Seixo, diz Manuel dos Santos, proprietário de três hectares e sócio fundador da Cooperativa de Comercialização de Mira. Na sua casa, uma moradia obedecendo ao padrão preferido dos emigrantes, conversámos sobre os problemas comuns aos agricultores da região.

Manuel dos Santos aderiu à Cooperativa porque acha que só em grupo nos podemos defender dos intermediários. Nele não transparecem sinais do individualismo primário característico da maioria dos agricultores do Norte. Pensa que há mais vantagem estar em

grupo que isolado. E pedreiro de profissão e agricultor por acréscimo. Trabalham nas terras a mulher e as filhas — estas nas horas vagas dos estudos. De vez em quando mete assalariados. Muito raramente porque a agricultura não dá para pagar a jornaleiros. A produção base da lavoura de Manuel dos Santos é a batata. Costuma colher 400 arrobas de la. Este ano semeou o dobro da área...

A sementeira no ano corrente ficou-nos muito cara. Comprámos a batata de semente a 1200 escudos por saco — um saco que dantes nos custava 600 ou 800 escudos com subsídio.

Batata. Fatura de batata na zona de Mira. Batata temporária visto que as terras são arenosas permitem semeá-la mais cedo. Quanto ao milho, Manuel dos Santos, disse-nos que se nota na região uma quebra na sua produção. Não compensa, dá prejuízo até...

A produção do feijão também desceu. Os lavradores empenharam-se mais na batata. Dantes havia, salienta Manuel dos Santos, uma maior diversificação de culturas porque os agricultores viviam mal. Depois a emigração veio melhorar as condições de vida. Embora a batata cumpra o circuito produtor-intermediário-armazenista-retalhista-consumidor, para o produtor.

Enquanto os produtores não tiverem a garantia de que a cooperativa lhes escoar os produtos não vão declarar guerra aberta aos intermediários, pois podem vir a precisar deles.

O preço da batata não gera o descontentamento entre agricultores do concelho de Mira. Mas o leite... o leite já provocou muita guerra.

Eis a opinião de Manuel dos Santos sobre o assunto:

Governo decidiu pagar-nos 8\$50 mais 30 de subsídio da sala de ordenha. Somos para a luta mas, não aceitaram as nossas reivindicações. Nos plenários realizados em Vagos chegámos a propor o preço de 10\$00 o litro pensando, com a negociação, descer para os 9\$00. Não compensa o preço que o Governo nos paga visto que as rações e outras despesas subiram muito. Se houvesse condições tenho a certeza que todos os lavradores participavam numa greve do leite. Aguentávamos, à vontade, uns 15 dias. Foi uma desilusão para nós a pralição não se ter feito. Na minha opinião devíamos ter avançado. Assim quem se fica a rir foram os do Governo...

Manuel dos Santos conhece um pouco do mundo. Sete anos emigrante na Venezuela, onze em França e oito meses no Canadá. Abana a cabeça e diz o mal é introduzirem a política em tudo... Mesmo sendo avesso à política ouvimos um homem progressista que não rejeita o colectivismo nem vira as costas à luta quando pensa que ela é justa.

LURDES FÉRIA

Quem vai andar nú?

«Quando era pequena», começou por dizer a mulher, «lembro-me das histórias que a minha mãe contava sobre as fugas ao Cabo de Mar que andava de praia em praia a caçar quem mostrasse o corpo mais do que permitia a lei. Mas esse tempo vai longe e hoje andamos na areia mais ou menos à vontade. Campos de nudismo? Só conheço de ouvir falar, mas sei de filhas de amigas minhas que se despem em praias desertas. Estou de acordo em que o corpo deve ser libertado».

A perspectiva concreta de libertação chegou-nos com a temperatura amena de um Abril de há três anos que viu muita gente mudar de fato por razões que nada tinham a ver com calor ou frio. O tempo passado de experiências permitiu-nos saber exactamente o género de protecção que cada um necessita não esquecendo que para mudar de fato é preciso ficar nu.

Enquanto aguardamos a legislação que virá pronunciar-se sobre o nudismo, que pensam os portugueses sobre o assunto? Com esta pergunta fomos para uma das praias da linha de Cascais cheia de gente, de barulho e em que o mar se tornou mal cheiroso.

Uma moça de 22 anos, que estuda e trabalha, de nome Rita, apontou a necessidade de uma discussão pública do problema. «A Rádio e a Televisão deviam levantar a questão e assim a gente vinha a saber o que é que se pensa por aí sobre o assunto. Para mim, vestir ou despir o corpo depende da vontade de cada um mas precisamos todos de uma mentalização que ponha termos aos tabus que advêm da ausência de educação sexual. Se quer que lhe diga nem sei como se poderiam modificar as coisas tal o atraso em que nos encontramos».

PROGRESSISMO FORÇADO

Falar sobre uma questão como o nudismo leva a maioria das pessoas a sentirem-se na obrigação de defenderem publicamente posições que ainda não são verdadeiramente aquelas com que se sentem identificadas mas as que lhes parecem deverem ser defendidas por quem é progressista. Para resolver os problemas de identidade continuam a funcionar os pequenos grupos catárticos onde a má língua permite restabelecer o equilíbrio.

Assim, uma dona de casa de 43 anos, de início francamente atrapalhada com a questão, acabou por achar que no fundo o importante é a coragem. «A gente para se pôr nu precisa de ter coragem. No meu caso, sou preguiçosa e não faço dieta, não me sentiria à vontade para tirar o fato de banho ao pé de desconhecidos». Uma miúda ao lado, provavelmente sua filha, com o corpo a crescer-lhe, acrescentou que enquanto houvesse vergonha não se andava para a frente.

«Desculpem intrometer-me», foi assim que se apresentou um operador de rádio de 53 anos, «eu sou retrógrado e embora nossa juventude esteja cada vez mais descontralada e ande para aí numa grande festa, a verdade é que ainda estamos muito atrasados e não temos uma mentalidade que permita a prática do nudismo».

Para Eduardo, um técnico de 32 anos, é incompreensível que não existam ainda entre nós campos de nudismo e isso reflecte o atraso que se observa

a muitos outros níveis. «Eu defendendo os campos de nudismo partindo do princípio de que temos respeito por nós próprios e pelos outros». Ao seu lado, Maria de Fátima, engenheira química, salientou que além do respeito, «o nudismo pressupõe uma aceitação do nosso próprio corpo sem a qual não é possível mostrarmos-nos tal como somos o que é ainda privilégio de uma minoria».

Concordando com ela, um técnico mecânico, Alberto, de 32 anos, referiu o preconceito que nos impede de olhar no nosso corpo, «com a mesma naturalidade um nariz ou um pénis. As nossas cabeças ainda estão cheias de noções de pecado, a Igreja roubou-nos o próprio corpo e temos vindo a recuperá-lo. Neste aspecto, acho escandalosa a diferença de moral exigida aos homens e às mulheres. Lembra-se da manifestação das feministas que queriam queimar os objectos símbolos da sua opressão? (Isso aconteceu por volta de Fevereiro de 75) os machos foram lá para verem as gajas descasarem-se».

«No fundo, a miséria e o atraso são tão grandes que embora ache humilhante e revoltante as grosserias que muitos homens dirigem na rua às mulheres, acabo por compreender a frustração delas». A intervenção foi de Fátima.

MANTER AS RESERVAS DE ÍNDIOS

Ficámos de repente a ouvir o silêncio deixado pelos miúdos idos para o banho e pelo terminar da algazarra do grupo que fugiu ao sol das duas horas. Eduardo começou a recordar a sua estadia na Ilha de Moçambique onde os pecadores de caranguejos entravam e saíam nus das águas enquanto ele lhes olhava os corpos e a naturalidade dos gestos correspondidos pelas mulheres, sentindo uma harmonia tão grande em tudo «que para vos explicar precisava agora de música».

«Essa naturalidade seria muito difícil de encontrar num campo de nudistas», segundo Fátima, «a sociedade de consumo degradou o corpo e não concordo com os que defendem a pornografia como forma de vencer as inibições ancestrais. Não consigo evitar uma sensação de desgosto e tristeza, mesmo de destruição».

Um intelectual viu a questão assim: «o problema do nudismo deve ser colocado em termo de espaço e de tempo pois só tem sentido numa tradição europeia porque noutras civilizações antiquíssimas e nudismo é um elemento de ordem natural que não é meditado como atitude. Estou em desacordo com o nudismo como filosofia, como religião, por que o conheço como acto de liberdade em relação ao próprio corpo. Assim como nos transportes públicos há carruagens para os que fumam e outras para os que não fumam, devem ser criadas áreas onde os nudistas não sejam incomodados nem incomodem».

A última opinião registada foi a de uma mulher de 30 anos para quem os campos de nudismo «são uma espécie de reserva de índios, pois enquanto nas praias se delimitarem espaços para os nus continuará tudo na mesma. Olhe, em relação aos campos de nudismo, aposto que por cá muita gente se pudesse tirar bilhete para assistir ao espectáculo».

HELENA BALSÀ



Entre novos e velhos, gordos e magros, vestidos e despidos um ponto comum: o gosto pelo sol e pelo banho de mar que as praias proporcionam



A exportação é uma das actividades em que assenta o desenvolvimento económico de um país.

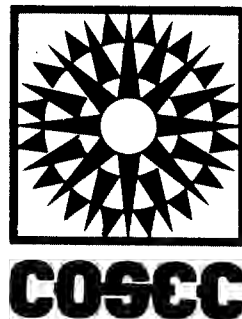
Exportar é desenvolver.

Exportar com segurança é desenvolver com segurança. Por isso, o País conta com uma **Segurança Oficial** para os **créditos à exportação**. O país conta com a **COSEC**!

Ao segurar os créditos do exportador, a **COSEC** ajuda-o a enfrentar as condições concorrenciais do mercado externo.

Mas a **COSEC** também esta preparada para dinamizar a economia interna segurando os créditos que os empresários concedem aos seus clientes, dispondo de um **seguro - caução** para a construção civil, direitos alfandegários, contratos de fornecimento, etc. estudando formas específicas de seguro de créditos, que interessam a quase todos os campos da vida económica

Que lhe interessam a si
Informe-se!



**companhia
de seguro
de créditos, e.p.**

Avenida da República 58 - Lisboa
Telefones 76 01 31 / 76 11 31 29
Telex 1285, Cosec-P - Lisboa
Rua Gonçalo Sampaio 24 - Porto
Telefones 69 60 39 - 69 60 40

Preso no Uruguai o jornalista Flávio Tavares

Continua preso no Uruguai o jornalista brasileiro Flávio Tavares, correspondente dos jornais «Excelsior» (México) e «O Estado de São Paulo». O seu sequestro, posteriormente oficializado em prisão, ocorreu no dia 14 de Julho no aeroporto de Carrasco, perto de Montevideo. Tavares que dirigia a Buenos Aires foi interceptado ao deixar a sala de embarques rumo ao aparelho que devia tomar. A sua prisão permaneceu desconhecida durante várias horas: fora visto embarcar para Buenos Aires, constava da lista de passageiros e já passara o controlo de passaportes.

Os amigos e familiares do jornalista, bem como as redacções dos dois jornais pensaram inicialmente que ele desaparecera na Argentina, facto mais do que comum naquele país e não raras vezes seguido da morte de profissionais de informação. No entanto a Direcção de Migrações argentina apressou-se a desmentir tal suposição, anunciando a sua prisão, no Uruguai. As autoridades uruguiaias levaram uma semana para reconhecer a prisão de Tavares e quase duas para permitir que o advogado enviado pelo jornal «Excelsior» pudesse avistar-se com ele.

O desaparecimento do jornalista brasileiro provocou uma pronta reacção internacional na qual se destacam gestões realizadas em sua defesa pelas Nações Unidas, através do seu secretário-geral Kurt Waldheim; da Organização dos Estados Americanos do Parlamento Europeu e da Sociedade Interamericana de Imprensa. No Brasil distintos círculos da oposição democrática mobilizaram-se para exigir o respeito à integridade física, o aparecimento e a libertação do profissional brasileiro. A atitude das autoridades diplomáticas e consulares em Montevideo e do Ministério de Assuntos Exteriores o «Itamarati» que se negaram nos primeiros dias a prestar qualquer assistência a um cidadão brasileiro em perigo de vida no estrangeiro foi duramente condenada.

BRASILEIROS «MORTO-VIVO»

Numa declaração ao «Jornal do Brasil» o chefe do departamento consular e jurídico do «Itamarati» Flávio Safrá afirmou que a prisão de Tavares era uma questão de segurança nacional e que «qualquer intervenção seria um desrespeito à soberania daquele país (Uruguai)». O jornalista será julgado e cumprirá pena lá mesmo («JB 24/7/77»). O porta-voz oficial do ministério por sua vez li-

mitou-se ao nada há a declarar.

O «lavar de mãos» à Pilatos do ministério e a condenação antecipada do jornalista a «cumprir pena lá mesmo» formulada pelo sr. Safrá, antes mesmo dos tribunais de segurança uruguiaios terem recebido qualquer instrução referente ao caso, causaram uma péssima impressão no Brasil e um grande mal-estar mesmo em círculos oficiais.

Flávio Tavares, asilado no México desde 69 é um dos 130 brasileiros banidos do território nacional entre 1969 e 1971. O «banimento» fórmula jurídica utilizada pelo regime para oficializar o envio ao exterior de presos políticos libertados na sequência do sequestro por grupos resistentes, do embaixador dos EUA e três diplomatas no citado período, criou um curioso estatuto de brasileiros «morto-vivos» ou «juridicamente mortos», aos quais é negado qualquer documento oficial ou assistência no estrangeiro, ainda que seja conhecida a sua condição de brasileiros e estejam suspensas todas as condenações políticas que estavam a ser cumpridas quando da sua libertação.

PERSEGUIÇÕES FORA DAS FRONTEIRAS

A recusa de assistência e documentação não tem sido, no entanto, a mais grave das acções do regime para criar dificuldades e exercer represálias contra os exilados brasileiros nesta situação. Paralelamente a este boicote oficial desenvolve-se a actividade das polícias políticas no exterior.

De acordo com as possibilidades que cada país oferece neste campo as «presões» dos agentes do DOI-CODI e das redes do SNI ligadas às embaixadas podem variar de pequenas formas de hostilização, pelas polícias locais interpostas, até, como no caso da Argentina e do Uruguai, os sequestros e assassinios. Pelo menos três casos fatais são conhecidos. Em meados de 71 desapareceu, no mesmo aeroporto de Carrasco, em Montevideo, o banido Edmundo Pericles, asilado no Chile, que viera ao Uruguai para submeter-se a um tratamento médico. Nunca mais foi visto...

Em Dezembro de 73, foram sequestrados, em pleno centro de Buenos Aires, os brasileiros banidos Joaquim Pires Cerveira e João Baptista Rita Pereda. Semanas mais tarde, ambos foram vistos num centro de interrogatórios do DOI-CODI, no Rio de Janeiro, e posteriormente desapareceram considerando-se como

quase certa a sua morte.

A pronta reacção dos órgãos de informação para os quais Tavares trabalhava como correspondente, a intervenção dos organismos internacionais e a nova situação política no Brasil tornaram difícil a repetição do mesmo procedimento; o regime uruguiaio foi obrigado a oficializar a sua prisão. Sabe-se no entanto que a polícia política brasileira foi previamente consultada pelos colegas uruguiaios e recomendou-lhes que fossem exercidas represálias contra Tavares.

Assim, o jornalista que se deslocara de Buenos Aires, onde reside, até Montevideo para dar assistência ao correspondente local do «Excelsior», Graciliano Pascale que se encontrava preso, caiu na mesma rabeira com a qual o regime uruguiaio decidira brincar os correspondentes do jornal mexicano, que não lhe é muito simpático.

ESPIONAGEM OU INFORMAÇÃO INCÓMODA?

Pascale foi solto após dez dias de detenção e foi quem conduziu Tavares ao Aeroporto de Carrasco, na tarde do dia 14. A pressão das autoridades uruguiaias contra a imprensa estrangeira e zelo vingativo da polícia política do país vizinho desdobraram-se no sequestro deste, que ao cabo de uma semana transformou em prisão por acusação de «espionagem».

O perfeito ridículo em que incorriam as autoridades formulantes desta esdrúxula justificação (que nunca chegou a ser secundada por qualquer providência judiciária) fez com que passados alguns dias, a acusação contra Tavares fosse transformada em «tentativa de retirada do país de documentos secretos».

No dia 22/7 o advogado enviado pelo jornal «Excelsior» conseguiu finalmente avistar-se com o cliente. Manifestou, à semelhança de alguns órgãos de informação brasileiros, a esperança de que Tavares seria libertado brevemente. No entanto o jornalista continua preso e a sua situação é considerada como indefinida.

Por outro lado desconhece-se ainda qual foi o tratamento dado a Tavares nos primeiros dias quando esteve sequestrado numa prisão não identificada da polícia política militar uruguiaia. Algumas fontes indicam que teria sofrido torturas físicas e psicológicas o que ainda não foi nem confirmado nem desmentido pelos seus advogados e família.

MARCELO DIAS

PRESSÃO INTERNACIONAL

A constante denúncia internacional das violações de direitos humanos praticadas pelos dois regimes envolvidos na prisão de Tavares e a particular intensidade das reacções provocadas pela mesma parecem porém ter surtido alguns efeitos positivos. Frente à indignação levantada no Brasil pela atitude inicial do «Itamarati» o governo de Brasília foi levado a discutir o caso na sua mais alta instância o «Conselho de Segurança Nacional», em uma série de consultas que envolveram o próprio presidente gen. Ernesto Geisel.

Na sequência destas consultas o «Itamarati» foi instruído a encaminhar um tardio «pedido de informações» à embaixada do Uruguai em Brasília. A providência evidentemente mais destinada a tentar «salvar a cara» do que a surtir algum efeito prático, foi encaráda com alguma ironia pelos círculos da oposição democrática que já haviam realizado gestão análoga, logo após o desaparecimento do profissional. Com efeito, poucos são os que acreditam que o regime já não estivesse totalmente «informado» do asilo nos seus órgãos de segurança cuja ligação com os colegas uruguiaios é tão inculcada que na época da repressão mais aguda naquele país (72/74) chegaram a dar-lhes assistência prática na organização de rusgas nas ruas de Montevideo e no treinamento de grupos de «interrogatório» dentro dos quartéis e prisões uruguiaias.

O CASO TAPAJÓS

Paralelamente ao caso Tavares, registava-se, em São Paulo a prisão de outro profissional de informação e ex-presos político. O jornalista e escritor Renato Tapajós foi detido pelo DOPS e mantido durante dez dias em regime de incomunicabilidade.

Seu crime? A autoria do excelente romance «Em Câmara Lenta» publicado pela editora «Alfa e Omega», cuja primeira edição se esgotou em poucos dias.

O romance aborda criticamente a experiência de resistência armada ao regime dos anos 68/72 e denuncia alguns casos de tortura. A prisão do jornalista e escritor seguida pela instauração de um inquérito na 3.ª Auditoria do Exército em São Paulo, provocou fortes reacções em diversos meios artísticos, culturais e jornalísticos. Vários escritores, entre os quais Jorge Amado, solidarizaram-se com Tapajós e exigiram a sua libertação.

CEE comprometeu-se a embargar venda de armas à África do Sul

Os nove países membros da Comunidade Económica Europeia (CEE) comprometeram-se ontem, em Lagos, a não vender armas à África do Sul.

Henri Simonet, presidente do Conselho de Ministros da CEE, expôs o ponto de vista dos «Nove» na Conferência das Nações Unidas sobre o «apartheid» que se realiza na capital nigeriana.

A CEE condena e rejeita o conceito de segregação racial e deplora a recusa sul-africana de criar uma sociedade não racista, única solução para os problemas do país — declarou Simonet.

Sem abordar o tema das trocas comerciais com a África do Sul, Henri Simonet disse que a CEE se compromete a:

Opor-se à política de «bantustanização», ou seja, a criação de Estados satélites regidos por nativos colaboracionistas pelo que a CEE não reconhece o Transkei.

Opor-se a qualquer acto que possa ajudar essa política.

Conceder ajuda crescente aos países limítrofes, «para lhes permitir enfrentar os problemas específicos resultantes da sua situação geográfica particular».

Contribuir economicamente para os fundos da ONU destinados à ajuda às vítimas do «apartheid» na África do Sul.

Embargar a venda de armas à África do Sul.

O Partido Socialista Francês compromete-se a cessar toda a venda de armas à África do Sul «até ao desaparecimento do regime de «apartheid», na hipótese de ser chamado ao governo em resultado das eleições legislativas da Primavera que vem».

Numa mensagem que enviou à Conferência Mundial contra o «apartheid», em curso em Lagos (Nigéria), François Mitterrand, primeiro-secretário do PS, declara que esta conferência «traduz a vontade da grande maioria dos membros da ONU de ver resolvida uma questão que choca a consciência universal» e marca «um novo passo em frente na condenação do «apartheid».

«CONVERSA FIADA»

O secretário-geral da Organização de Unidade Africana, (OUA), William Eteki, classificou de «conversa fiada» as atitudes dos países ocidentais face ao regime do «apartheid».

«A África do Sul que é um país fortemente condenado pelas potências ocidentais, continua, no entanto, em nome da

chamada civilização ocidental, a receber o seu auxílio» — disse Eteki perante os sessenta delegados à conferência de cinco dias, presidida pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Nigéria, Joseph Garba.

O dirigentes da OUA frisou que apenas a força física poderia alterar a situação na África do Sul.

Por sua vez, Olof Palme, antigo primeiro-ministro da Suécia, classificou de «hipócrita» o argumento da África do Sul de que defende a civilização ocidental.

Entretanto, o ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, ao intervir na sessão de ontem afirmou que o «apartheid» é o futuro da exploração do homem pelo homem na África do Sul com o apoio do imperialismo internacional e que desta forma a luta contra o sistema de separação racial deve ser antes de tudo uma luta anti-imperialista.

«Essa não pode ser uma luta dos negros contra os brancos. Deve ser, sim, uma luta dos povos amantes da paz em todo o mundo contra o imperialismo» — acrescentou Chissano, o terceiro orador a usar da palavra na sessão da manhã após as intervenções de Odvar Nordli, um dos convidados especiais à conferência, e do ministro gabonês dos Negócios Estrangeiros, Martin Bongo.

O chefe da diplomacia moçambicana iniciou a sua intervenção saudando as posições firmes da Nigéria contra o colonialismo, racismo e «apartheid» propondo, depois, que os discursos dos chefes de Estado da Nigéria e da Zâmbia, respectivamente general Olusegun Obasanjo e Kenneth Kaunda, fossem adoptados como documentos-base da conferência.

«A solução do problema do «apartheid» está em primeiro lugar nas mãos das forças revolucionárias da África do Sul unidas em torno do seu movimento de libertação» — prosseguiu Joaquim Chissano, afirmando que «essas forças sabem que o seu objectivo é destruir todo o sistema político, económico e social da África do Sul e substituí-lo por um novo sistema».

«Para conseguirem isso têm, em primeiro lugar, de destruir o sistema racista e fascista de Pretória e trazer o poder para as mãos da maioria» — disse, noutro passo da sua intervenção o ministro moçambicano dos Negócios Estrangeiros, que sublinhou:

«Não confundamos: quando falamos de maioria e minoria não falamos de raças. Falamos, sim, daqueles que são pela justiça e igualdade e daqueles que são pela injustiça, discriminação, opressão e crime».

Após a intervenção de Joaquim Chissano, fortemente aplaudida pela maioria dos delegados presentes, usaram da palavra ainda na sessão da manhã, o presidente do Fundo Internacional da Defesa e Auxílio, Canon Collins, o ex-Comissário das Nações Unidas para a Namíbia Sean MacBride, o poeta cubano Nicolás Guillén, os ministros dos Negócios Estrangeiros da Bélgica, Henri Simonet, e do Gana, Roger Felii.

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

© (Le Monde)

A senhora Gandhi ameaçada

O período de incerteza que se seguiu à chegada ao poder, há cinco meses, e pela primeira vez nos últimos trinta anos, de uma coligação predominantemente conservadora e nacionalista, acaba de terminar bruscamente. Até então, o governo parecia mostrar brandura e não mandara prender nenhum dos dirigentes do antigo regime, cujos abusos de poder, principalmente durante o estado de emergência, de Junho de 1975 a Março de 1977, eram, no entanto, bem claros.

Sob pressão da nova maioria parlamentar, encarregara, no entanto, a justiça, de passar ao crivo as actividades da roda

do antigo primeiro-ministro, senhora Gandhi. As acusações que hoje pesam na sua equipa, juntam-se àquelas que a imprensa, agora livre, referiu.

Dez personalidades, entre elas três colaboradores próximos do antigo chefe do governo, foram recentemente presas e acusadas de prevaricação. Parece que a polícia — que ainda há alguns meses se encontrava às suas ordens — acumulou provas suficientes para a sua culpabilidade. Este caso, de pesadas consequências políticas, surge na altura em que as acusações vão crescendo à volta da senhora Gandhi. Proximamente, o filho do antigo primeiro-ministro, Sanjav,



Indira Gandhi

contra o qual há muitas e variadas acusações, e dois antigos ministros, responderão de certo

perante uma justiça já independente, por abusos cometidos durante a sua rápida e desastrosa passagem pelo poder.

Não se trata propriamente de erros políticos dos antigos dirigentes — repressão esterilizada autoritária, expulsão de moradores de bairros de lata — que primeiro vão ser julgados e depois, talvez castigados. Antes de mais censuram-lhes o facto de se terem aproveitado das suas funções oficiais para enriquecer, numa altura em que pregavam moral.

A senhora Gandhi fez, há já várias semanas, grandes esforços para evitar uma situação sem precedentes na história contemporânea do

país, tentando desesperadamente voltar à cena política. O antigo primeiro-ministro foi ao ponto de se encontrar com o seu principal adversário, J.-P. Narayan, ontem «consciência» da oposição e hoje do governo, mas nem por isso voltou a conseguir qualquer crédito, principalmente junto da sua formação, o Congresso.

Os dirigentes do partido cuja designação ela favorecera, recusam-lhe agora acesso à direcção. Ao tomarem consciência das consequências funestas dos últimos anos da sua gestão, querem evitar a todo o custo um regresso da senhora Gandhi.

A Somália lança aviões civis na guerra contra a Etiópia

A aviação somali sofreu pesadas baixas na luta contra aparelhos etíopes na fronteira Norte entre os dois países, de acordo com fontes bem informadas de Djibouti.

Acrescentaram que o comando regional da Força Aérea em Hargeisa no Noroeste da Somália foi transferido em resultado das perdas sofridas nos combates travados nos últimos dias.

A Air Djibouti informou ter suspenso os voos para aquela região por motivos de segurança, após a suspensão, pelas Linhas Aéreas Somalis, dos seus voos para Djibouti, sem dar qualquer explicação.

A medida da companhia aérea somali provocou especulação aqui de que os seus aviões civis haviam sido requisitados para fins militares.

A Somália tem desmentido as acusações etíopes de que forças do Governo somali estão envolvidas na luta entre a Frente de Libertação da Somália Ocidental e forças etíopes na região de Ogaden, a Sul de Hargeisa.

A Etiópia afirmou que a sua Força Aérea e baterias anti-aéreas abateram 18 jactos «MIG» somalis sobre território etíope.

Fontes diplomáticas na capital da Somália, Mogadiscio, informaram que este país transferiu grande número de «MIGs» de Berbera e outras bases aéreas para Hargeisa desde o início da luta.

Os etíopes respondem com manifestações maciças e muitos alistamentos voluntários, ao apelo de mobilização geral lançado, no sábado passado, pelo chefe de Estado etíope tenente-coronel Haile Mariam.

Na Eritreia, ou na província central de Shoa, ou ainda nas províncias nortenhas de Gondar e de Wollo, milhares de manifestantes condenaram o cerco «reaccionário» à Etiópia, denunciaram o presidente Siad Barre da Somália, os secessionistas eritreus, e expressaram a sua intenção de irem combater em todas as frentes.

Por outro lado o «Sindicato de Toda a Etiópia» (AETU) deu o seu apoio ao esforço de guerra do país. Numa declaração feita ontem, a AETU afirma a sua inteira adesão ao aumento de produção, durante o período dos combates e a instauração de um fundo de socorro para as famílias dos trabalhadores recrutados pelo Exército.

CONTRA-ATAQUE ETÍOPE

Observadores militares independentes têm dito que há milhares de etíopes e de somalis mortos ou feridos desde que foram desencadeadas as hostilidades, em princípios de Junho.

Na maior guerra a que o mundo assiste desde há mais de um ano, os somalis dominaram rapidamente a maior parte

das guarnições etíopes de uma região maior do que Portugal, até chegarem à linha defensiva onde as tropas da Etiópia se concentraram para lançar a contra-ofensiva.

Havia 5000 soldados etíopes em Gode, a 200 quilómetros da fronteira somali, soldados que guardavam o antigo Palácio de Inverno do imperador Haile Selassie e a base militar da região, mas todos se retiraram antes dos somalis entrarem na povoação.

Os guerrilheiros entrevistados disseram que as tropas regulares somalis não os têm auxiliado na luta, mas todos os observadores independentes afirmaram já ser inconcebível que os 5000 elementos da Frente de Libertação dos Somalis Ocidentais tenham conseguido, só por si, derrotar uma divisão etíope de uns 20 000 homens, que tantos eram os que defendiam a província de Ogaden.

Os chefes dos guerrilheiros também afirmaram que o futuro de um Ogaden independente seria decidido depois de «completamente libertado». Ou seja, quando fosse possível conquistar Dire Dawa, Harar e Jijiga.

A Somália tem pretendido historicamente reivindicar a região de Ogaden e com ela constituir uma «Somália maior», pelo que os observadores creem que um «Ogaden livre» cairia imediatamente sob a alçada do Governo de Mogadiscio.

Notícia-se entretanto no Cairo que mais de mil muçulmanos teriam sido assassinados na mesquita principal da cidade etíope de Deir Dawa, na província de Ogaden, em 17 de Agosto.

As autoridades teriam suscitado de que na mesquita se encontravam comandos somalis — indicou o jornal egípcio «Al-Ahram».

As guerrilhas somalis que actuam na província etíope de Ogaden dizem que desde o início de Junho já ocuparam 97 por cento da região, que tem o tamanho da Grã-Bretanha, mas o Governo da Etiópia afirma que a luta continua na maior parte do Ogaden e que as suas tropas preparam uma grande contra-ofensiva.

A bandeira verde e branca da Frente de Libertação dos Somalis Ocidentais flutua hoje sobre muitas povoações da província de Ogaden, que muitos dos seus habitantes desejariam ver unida à vizinha Somália.

Em diversas localidades, os jornalistas agora chegados a Ogaden foram aplaudidos pelas populações, ouvindo-se gritos contra o regime etíope.

Os jornalistas estiveram em Werder, caída no dia 24 de Julho em poder dos guerrilheiros somalis.

O centro da vila está totalmente arrasado, bem como todos os seus edifícios militares.

O novo comandante da localidade, Mohammed Salaad, apresentou aos visitantes oito veículos norte-americanos para transporte de pessoal capturados à guarnição etíope.

Segundo Salaad, mais de 250 etíopes foram capturados e centenas morreram ou fugiram.

Na maior parte das outras povoações os comandantes apresentaram-se relutantes em revelar as suas baixas, mas Salaad disse que cerca de 100 soldados somalis foram abatidos em Werder.

A FLSO, ao emitir o seu primeiro comunicado sobre as lutas numa semana, fazia apenas

uma leve referência a uma grande batalha travada na semana passada pela posse do centro industrial etíope de Dire Dawa, situado mais próximo da fronteira somali. Uma equipa de televisão sueca regressou a noite passada a Mogadiscio após uma viagem de 1000 quilómetros em três dias no deserto de Ogaden durante a qual disseram que os únicos etíopes que viram foram sete prisioneiros de guerra.

Os suecos, acompanhados por elementos da FLSO, deslocaram-se até à cidade de Gode e visitaram também Musthail Kelafe.

Disseram que uma aldeia nos arredores de Gode estava completamente incendiada e foram informados de que 50 famílias haviam morrido aludidas entre combates entre forças etíopes e somalis.

TENG "REAPARECE" NA CHINA:

"Menos discursos, mais trabalho"

PEQUIM, 24 (por Georges Bianic da AFP) — «Menos discurso, ao trabalho», declarou o vice-presidente Teng Hsiao Ping pedindo ao undécimo congresso do Partido Comunista Chinês para olhar «de frente a realidade» os inúmeros problemas e dificuldades que a China deve atacar.

O vice-primeiro-ministro chinês, reocupou todas as suas funções há um mês e foi presidente executivo do undécimo congresso do Partido. Deu o exemplo pronunciando, em 18 de Agosto, no decorrer da reunião o discurso mais curto do congresso, difundido na quarta-feira pela agência «Nova China».

Cortava pela sua brevidade os intermináveis discursos das duas primeiras individualidades do partido, o presidente Hua Kuo Feng, (quatro horas de relatório político) e o vice-presidente Yeh Chien Ying, quase tão longo.

Teng Hsiao Ping, de 73 anos, mas mais dinâmico do que nunca, disse aos 1.500 delegados ao congresso «procurar a verdade a partir dos factos».

«Devemos recusar o brilho superficial sem conteúdo e toda a espécie de presunção. Deve haver menos discurso

oco e mais trabalho duro. Devemos ser inquebrantáveis e aplicados», declarou o alto dirigente conhecido pelo seu espírito realista.

O vice-presidente resumiu rapidamente o conteúdo do undécimo congresso sublinhando que abria um «período novo» na construção do País. Insistiu particularmente na necessidade de se ter confiança nas massas populares e de se «procurar o seu bem-estar material».

Desenhou um retrato idílico do povo e do partido, antes de lhes pedir imediatamente esforços ainda mais duros para fazer da China «um país grande, poderoso e moderno no fim deste século».

O dirigente declarou nomeadamente: «a luta de classes prosseguirá durante muito tempo e a causa revolucionária não tem fim. Devemos levar até ao fim a grande luta contra o «Bando dos Quatro» anti-partido (...) Devemos reparar os danos graves e o tempo perdido por causa da sabotagem do «Bando dos Quatro» antipartido frente à realidade, porque há muitos problemas que se têm de atacar e inúmeras dificuldades a superar».

O vice-primeiros-ministro en-

cerrou os trabalhos do 11.º congresso expressando optimismo: «A nossa causa é justa. A nossa linha é correcta o nosso objectivo deve ser alcançado. O nosso objectivo pode inevitavelmente ser alcançado».

Os observadores salientaram que Teng Hsiao Ping no seu discurso acentuou a necessidade de «avivar» a prática da «crítica e da autocritica», característica do Partido Comunista Chinês. Paradoxo ou horror num político em que a aplicação deste princípio não o poupou na segunda parte da sua carreira em que foi destituído por duas vezes das suas altas funções?

MENSAGEM DA ALBÂNIA PARA HUA KUO FENG

Enver Hodja dirigiu hoje, em nome do Comité Central do Partido do Trabalho Albanês, uma mensagem de felicitações «ao Comité Central do Partido Comunista Chinês e ao camarada Hua-Kuo Feng», anunciou a agência albanesa «ATA».

O telegrama apresenta ao PC, e à classe operária da China «saudações revolucionárias» e a Hua Kuo Feng «felicitações sinceras» do partido e do povo albanês.

«O povo chinês», prossegue a mensagem, «guiado pelo seu Partido Comunista, tendo à frente o camarada Mao Tse Tung, derrubou a burguesia, os feudais e o domínio imperialista, fundou a República Popular e colocou o país na via do socialismo. Desejamos de todo o coração que no futuro também a causa da revolução, da ditadura do proletariado e do socialismo na China progrida sem interrupção».

Na querela ideológica entre a Albânia e a China, nas últimas semanas, reveste-se de uma carga de significado especial, comentam a maioria dos observadores, os votos protocolares nesta mensagem, que os «partidos irmãos» costumam enviar em tais circunstâncias. (EP)

Segunda visita de Neto a Cuba

O presidente Agostinho Neto, de Angola chegou ontem a Havana para uma visita particular, sendo recebido no aeroporto pelo presidente Fidel Castro, anunciou a agência noticiosa cubana Prensa Latina.

A agência não deu pormenores da intenção ou duração da visita, que não foi anunciada com antecedência.

É a segunda visita de Neto a Cuba. O presidente angolano deslocou-se a Havana em Julho de 1976 para agradecer aos dirigentes cubanos o seu decisivo apoio militar ao MPLA durante a guerra civil na antiga colónia portuguesa.

Cuba continua a manter tropas naquela nação africana e a fornecer a Angola auxílio

técnico e médico.

O presidente Castro visitou Angola em Março.

Neto, de 54 anos, foi acompanhado durante a viagem pelo vice-presidente cubano, Raul Castro, que efectuou uma curta visita a Angola no termo de uma longa digressão pela URSS, Alemanha Oriental e Argélia, acrescentou a agência.

O general Castro, irmão do presidente cubano, é também ministro das Forças Armadas de Cuba.

Acompanham ainda o dirigente angolano, nesta sua inesperada visita a Cuba, os membros do Comité Central do MPLA Enrique Carvalho Santos e Hermínio Joaquim Escórcio.

ÁFRICA DO SUL

Os próprios países capitalistas condenam as experiências atómicas

A anunciada experiência nuclear que a África do Sul, segundo afirmam governo e organizações europeias bem informadas, está a provocar uma verdadeira onda de protestos e também um visível desconforto entre os aliados dos racistas de Pretória.

Brasil, Holanda, França, Inglaterra, Estados Unidos, entre outros já, manifestaram através dos seus governos, a oposição à deflagração nuclear. Ontem foi a vez do próprio ministro dos Estrangeiros sul-africano, Pieter Botha, desmentir que o seu país pensasse sequer em tal, e o presidente Carter, dos Estados Unidos apressou-se a afirmar, em conferência de imprensa, que também pensava o mesmo e que não acreditava nas anunciadas intenções de Vorster.

Aliás, o primeiro-ministro sul-africano fará hoje uma comunicação ao país sobre esta questão, ao mesmo tempo que cresce a indignação da imprensa europeia.

Vejamos o que diz, por exemplo, a Imprensa francesa de hoje.

«Não é impossível, escreve o «Figaro» (direita moderada), que os preparativos de que falava, ontem, Louis de Guiringaud, sejam destinados a convencer Washington, Londres... e Paris, de que é necessário reatar o diálogo sobre bases razoáveis com Pretória, assim

como sobre o problema rodésiano».

«(...) A África do Sul parece ter querido lembrar, pela via nuclear, que ela ainda não é de desprezar e que os problemas da África Austral não se resolverão sem ela tal como os do Próximo Oriente não se resolverão sem Israel».

«A colaboração da França com a África do Sul racista envenenou Guiringaud durante toda a sua viagem em África, nota por seu lado o «Quotidien de Paris» (independente de esquerda).

«Durante todo o seu calvário, pronunciou um «mea culpa», mas não havia muita gente que acreditasse no seu acto de contrição. Ao dizer aos sul-africanos: escolham entre a bomba atómica e nós, talvez tenha ganho para a sua causa, e por bom preço, um punhado de hesitantes. Estes dir-hão certamente, se a bomba explodir: vá, abandonem a África do Sul», escreve ainda o «Quotidien de Paris».

Quanto ao «Humanité», (comunista), escreve que «um aviso demasiado tardio não pode esconder a esmagadora responsabilidade do governo francês na ajuda nuclear fornecida à África do Sul racista». «Era preciso que Washington dirigisse um aviso à África do Sul para que a diplomacia giscardiana também se dedicasse a fazê-lo?» concluiu o jornal comunista.

Cenas & Cenários

• «O SANTO INQUÉRITO» ESTREADO EM SETEMBRO



Guida Maria, a «Branca Dias» de «O Santo Inquérito»

O Grupo de Teatro de Campolide prevê para o próximo dia 16 de Setembro a estreia da peça «C. Santo Inquérito», da autoria do dramaturgo brasileiro Alfredo-Dias Gomes, e com encenação de Joaquim Benite. João Guedes, Guida Maria e António Assunção serão os principais intérpretes.

João Guedes representará o papel de «Visitado», bispo enviado pela Inquisição ao Brasil, por volta de 1750, com o intuito de detectar heresias entre os colonos. Guida Maria fará o papel de «Branca Dias» uma jovem burguesa de uma família de cristãos-novos, que acabará perseguida pelo Santo Ofício. António Assunção será o «padre Bernardo», personagem jesuíta que se apaixonará pela jovem e levará o seu recalamento a ponto de promover a sua prisão.

Conforme noticiámos, espera-se a vinda a Portugal de Alfredo Dias Gomes por alturas da estreia da sua peça pelo Grupo de Campolide.

• RECITAL DE FLAUTA E GUITARRA

Com um recital de flauta e guitarra por Marianne Clement e Raul Sanchez prossegue hoje à noite, pelas 21.30 horas, no Palácio da Vila, em Sintra, o Festival da Costa do Sol.

No programa, intitulado «Quatro Séculos de Música Italiana», figuram obras de Caroso, Gorzanis, D'Alza, Cima, Frescobaldi, Corelli, Locatelli, Vivaldi, Cimarosa, Scarlatti, Molino e Giuliani.

Na 6.ª feira, no Palácio de Queluz, Sequeira Costa executará um programa de Sonatas de Beethoven, inicialmente previsto para o passado dia 11.

• «CASIMIRO E CAROLINA»



Uma cena de «Casimiro e Carolina»

A peça que o Teatro da Cornucópia tem vindo a apresentar, com êxito, no Teatro do Bairro Alto, continuará em cena durante mais algum tempo. «Casimiro e Carolina», além do entusiástico aplauso do público e da crítica, tem o mérito de revelar um autor: Odon Von Horvath. A obra foi escrita nas vésperas da ascensão de Hitler ao poder. Horvath, apátrida, com a obra proibida pelos nazis, veio a morrer no exílio, em Paris, atingido por um raio em plenos Campos Elísios. Actualmente, é representado por duas grandes companhias francesas e pelo National Theatre inglês, que pôs em cena a sua peça «Histórias do bosque vienense».

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

As raízes étnicas, tão fortes e profundas nas culturas ibéricas, continuam a marcar a substância da criação musical, na vizinha Espanha. A vaga serial e post-serial que varreu a música europeia a partir dos anos quarenta começa a caldear-se, na geração dos compositores espanhóis que andam hoje pela casa dos trinta e que reivindicam para si o papel mais «vanguardista», com a inesgotável fonte da tradição popular. A transição de Falla para um Luís de Pablo ou um Tomás Marco faz-se, sem dúvida, e no plano mais essencial da linguagem, não apenas em termos de Europa, mas também em termos de Espanha. Ainda recentemente, nos Encontros de Música Contemporânea realizados na Gulbenkian, ficou documentada esta tendência, que hoje cada vez mais se intensifica, da nova geração de compositores espanhóis para ensaiar a abordagem do material sonoro de origem genuinamente étnico-musical: a ligação à terra é compatível com a libertação do som de todas as escolas, preconceitos e convenções apriorísticas (libertação que se consumou talvez não há mais de dez ou quinze anos, nos meios da chamada «vanguarda» europeia). Menos compatível seria essa «ligação à terra» com a estrita disciplina serial do pós-guerra, tal como foi teorizada por um Boulez, ainda que logo por essa altura tivesse surgido quem definisse (aprioristicamente) a necessidade de tentar a conciliação entre o rigor matemático abstracto dos boulezianos e a viveza do folclore autêntico: foi o polémico crítico francês Antoine Goléa, que via aí a hipótese de reaproximação da música europeia mais avançada de uma linha humanista (ou das várias linhas humanistas das primeiras quatro ou cinco décadas do século XX) a que se referia com tanto entusiasmo e a que prenunciara tão largo futuro no seu livro (editado em 1950?) «Esthétique de la Musique Contemporaine».

«Zurekko Olerkia», agora dada em primeira audição portuguesa no Festival da Costa do Sol, vem colocar Luís de Pablo numa posição singular, dentro dos vários casos recentes de aproveitamento de material popular na pesquisa sonora de vanguarda. Talvez pela primeira vez na história da música europeia a prática étnico-musical é inserida, com a sua identidade originária, como participante ou componente activa da

"Vanguarda" e ligação à terra



Luís de Pablo

«performances».

Se em Akelarre, de Tomás Marco, o documento folclórico é como tal apresentado por mediação da banda magnética, a que responde o clarinete «solo», ou seja, é ainda o «documento recolhido» segundo procedimento tradicional do folclorista, embora inscrito «in natura» na estrutura da obra, em Zurekko Olerkia, de Luís de Pablo, o folclore perde essa condição de «documento» e surge como realidade viva, com o seu discurso autónomo não prefixado ao nível da própria execução, apenas limitado por um contexto definido pelo compositor: neste caso, articulação com instrumentos de percussão de madeira e com vozes que são vida sonora a um discurso musical inteiramente escrito pelo autor.

«Folclore», em Zurekko Olerkia, é a «txalaparta» e os «txalaparteros» que hoje fazem reviver esse instrumento de percussão tradicional, muito simplesmente constituído por grandes barrotes de diversas espécies de madeira, feridos por barras cilíndricas, também de madeira — reminiscência sonora, elevada à dignidade de arte, de uma antiga prática laboral do país basco: esmagar as maçãs para fabricar a cidra. Aos irmãos Artza, verdadeiros «virtuosos» da «txalaparta» que participaram agora na realização da obra, se fica a dever a reconstituição da técnica popular tradicional, que se encontrava em vias de extinção.

Várias oposições se estabelecem internamente neste trabalho de Luís de Pablo. Oposições a bem dizer dialécticas, que dão consistência estrutural ao conjunto. Oposição entre a improvisação dos txalaparteros e o determinismo das

vozes e das outras partes instrumentais. Oposição entre a extrema variabilidade rítmica improvisada da txalaparta (tão rica de matizes dinâmicos, tímbricos e até melódicos), mas sempre com a métrica constante, e a extrema rigidez dos desenhos rítmicos, em cada uma das intervenções atribuídas aos restantes instrumentos de percussão, que nunca improvisavam. Oposição entre o estatismo das vozes, fluindo no tempo quase em oclusas, e a linha entrecortada e pontilhista dos sons de madeira percussivos. Oposição entre os tempos de intervenção das três componentes (vozes, txalaparta, restante percussão), entre si e em relação ao tempo global.

Neste tecido de interacções, conduzido pela palavra «Askatasuna», que em basco significa «Liberdade» (único texto cantado pelas vozes), reside a própria razão de ser da obra, inclusive, da sua duração, que a alguns ouvidos exigentes pareceu excessiva.

Impossível uma duração menor, sem quebrar a lógica interna do desenvolvimento das forças em presença. Luís de Pablo conseguiu o mais difícil: não deixar que a obra se reduzisse à dimensão de satisfazer ao público a «curiosidade» de

conhecer a «txalaparta» demonstrar a necessidade das componentes de uma obra, entre as quais a «txalaparta» como elementos coerentes e actantes de um pensamento musical; escrever, enfim, um «poema de madeira», como desejava.

Esta obra de Luís de Pablo, como aliás a acima referida de Tomás Marco, no seu interesse comum pela cultura basca, cuja força e presença viva na Espanha de hoje influencia as próprias transformações globais em curso no país, revela, por outro lado, uma deslocação dos habituais centros de gravidade da divulgação ou da recuperação étnico-musicológica, quando se trata de folclore ibérico. Há muito mais música em terras de Espanha do que a Andaluzia de Falla deixa suspeitar.

Do ponto de vista de execução, são de assinalar, para além do virtuosismo de autêntica raiz popular dos irmãos Artza, o esforço notável do Grupo de Música Vocal Contemporânea, de que é director Mário Mateus, e o domínio técnico dos percussionistas da RTVE.

Todos sob a direcção de Luís de Pablo, deram-nos certamente uma versão fiel, que, de resto, teve êxito junto do público.

Uma poetisa e um músico bascos falam-nos do seu país

«A Cultura no país basco esteve sempre ligada a todo o movimento de libertação. Inicialmente, no tempo de Sabino Arana, fundador do Partido Nacionalista Basco, no fim do século passado, o movimento autonomista tinha características que lhe valeram as acusações de burgueses, reaccionário e racista. Mas há que atentar no contexto histórico: aquele movimento, em muitos aspectos quase obscurantista na valorização da cultura basca — dizia-se, por exemplo, que a língua basca era a falada no paraíso — foi indispensável para fortalecer a individualidade do nosso povo». Palavras de José Artza, um dos percussionistas de «txalaparta» que vieram participar no Festival da Costa do Sol.

«Por outro lado — prosseguiu o artista respondendo a algumas questões que lhe pusámos — o nosso idioma, a exemplo do pré-indo-europeu que subsiste, foi sempre falado sobretudo pelas classes populares (campesinato, pescadores, pequena burguesia), enquanto a média e alta burguesia o desprezavam, preferindo o castelhano ou o francês. E de salientar também que o primeiro governo formado pelo Partido Nacionalista Basco, de tradições cristãs e católicas, integrava ministros de todas as tendências políticas, incluindo os comunistas, o que na altura scandalizou a Europa, com o fascismo em ascensão e a Espanha em plena guerra civil (1937)».

Amalia Lara Alegria, poetisa, casada com José Artza, lembrou, a propósito, um episódio da guerra civil.

«O alcaide de Navarra, nacionalista basco, antes do início da guerra, não foi ouvido pelo governo central, republicano, quando pretendeu alertá-lo contra as actividades do General Mola, que organizava no Norte, em ligação com Franco, o levantamento fascista. Se, nesse momento, o país basco já fosse autónomo, projecto que nunca entusiasmara muito a esquerda, talvez a sorte da guerra civil tivesse sido diferente...»

Artza falou depois da situação actual:

«Hoje todo o movimento intelectual e artístico do país basco está nas mãos da esquerda e confunde-se com o próprio movimento de libertação. O Partido Nacionalista Basco, de tendência social-democrática, não tem, por exemplo, nenhum cantor popular nem grandes artistas realmente com projecção. Entretanto, desenvolveu-se um largo movimento de educação popular, ainda semiclandestino — o movimento das ikastolas — constituído por escolas onde são aplicados métodos pedagógicos mais livres que os oficiais, e essencialmente baseados nas raízes culturais bascas. Há neste momento 40 000 estudantes que frequentam essas escolas ao mesmo tempo que têm de frequentar também o ensino oficial, o que representa um duplo esforço intelectual e económico. Existe um grande surto de produção musical, literária e de análise sociológica. Talvez a autonomia completa ainda venha longe, mas o país basco é incontestavelmente, e cada vez mais, uma grande força moral e cultural na Espanha de hoje».

PUB

CRUZEIRO SEIXAS EXPÕE NA JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

Continua patente ao público na Galeria da Junta de Turismo da Costa do Sol, nas Arcadas do Parque (Estoril), a Exposição de Artur do Cruzeiro Seixas e que foi inaugurada no passado sábado.

As obras expostas abrangem um período que vai de 1945 a 1977, dando assim uma perspectiva global do itinerário do artista, desde os primeiros trabalhos da fase expressionista-neo-realista até à longa e fecunda fase surrealista.

Exposição de certo modo «íntima», a ela se aplicam, contudo, de forma cabal as palavras de Pedro Oom no Catálogo da Exposição de Cruzeiro Seixas em 1967, na Galeria Buchholz:

«Não é que a «mostra» que tendes diante dos olhos seja em si própria claramente reveladora. Há que juntar-lhe também o modo como Cruzeiro Seixas promove o assassinato do altar quotidiano onde padream o povo e o «homem da rua», e ver a maneira calma, o gesto seguro, com que ele recreia os Infernos».

A Galeria está aberta ao público todos os dias com excepção das segundas-feiras, das 10 às 20 horas.

Canal da Crítica

TURISMO, SIM, MAS...

Turismo. O pobre não tem culpa mas quanto custou a passar o tempo do verão! Era como se o tempo tivesse parado, tocado por qualquer maldição que é, como se sabe, a maldição do maldito.

Um apresentador escolhido para o cargo por razões que nos escapam. A razão não é com certeza, nem a naturalidade: uma expressão inquieta, os olhos nervosos, via-se o seu desejo imenso de estar a milhas dali. Vá, façam a vontade ao rapaz.

Um entrevistado, Pinto da Silva, muito prudente — e não esqueçamos que a prudência é sinal de sabedoria, mas que a excessiva prudência tem a ver com a sensaboria. Outro entrevistado, Cristiano de Freitas, obcecado pela Madeira e pela estatística.

Um depoente não identificando que relatou à sua maneira a história de uma empresa cujos trabalhadores, decretado o corte de água e luz a uma torre da Torralta como forma de obrigar o patronato a cumprir as obrigações contratuais, foram substituídos por um electricista da Câmara de Portimão, o qual se apresentou protegido

por forte aparato bélico da GNR. Parece que isto é mau porque... porque causa má impressão aos turistas. E eu a pensar que era mau porque não é sobre os trabalhadores que a repressão se deve abater...

Ingenharias minhas. Ingenharias de Abril. O Governo, desculpe, sim?

Já me esquecia de dizer que nenhum representante dos trabalhadores foi ouvido. Não faz mal. Para os defender, lá está a RTP.

(Eh, quem foi que se viu aí?)

QUE DROGA!

Duas intervenções, no entanto, ficaram na memória dos telespectadores: a de um pescador de Albufeira e a de Maurício Antão, representante do Sindicato da Hotelaria de Faro.

O primeiro recordou que o turismo faz subir o preço de tudo e depois as bôites e a droga: «A droga por aí não falta... A droga dá cabo da malta nova... Não há coragem para trabalhar...»

A droga. O turismo. Os «países nossos amigos». O turismo. A droga. A destruição da vontade. A degradação da juventude. O turismo. A necessidade de divisas. As bôites. A prostituição. O turismo. As doenças venéreas. O esfacelamento de um povo. O turismo. A droga. O imperialismo, perdão!, «os países nossos amigos».

O turismo. As divisas.

AINDA HÁ QUEM SONHE COM FONTASMAS

O turismo de qualquer maneira, sem planeamento, sem estruturação conveniente. Não é turismo: é paradoxo.

Maurício Antão referiu exactamente a urgente necessidade da criação de infra-estruturas, a defesa de uma verdade, de uma realidade que não seja a realidade existente — aldeias e vilas sem água e sem esgo-

tos, uma lixeira à ilharga de um hotel de luxo...

Denunciou a especulação, a desorganização, o desinteresse, a ausência de medidas indispensáveis num sector tão importante. Há pessoas, disse que sonham com a recuperação de privilégios... E não deixou de vincar bem a apresentação dos trabalhadores que tudo farão para defender os seus interesses.

Castanheira bem quis saber se na hotelaria de Faro os trabalhadores iriam mesmo para a greve em Outubro. Castanheira, o moderador, é um curioso. Maurício Antão recusou-se a satisfazer-lhe a vontade.

Na certeza, claro, de que os trabalhadores não deixarão a sua defesa por mãos alheias. Estavam bem arranjados...

RUFICE, BEBEDICE ADISTICE

Estámos no *Ligeiríssimo*. Cita Cidália Moreira cuja promoção atinge o ridículo. Já na Rádio ouvi eu que estava ali a sucessora de Amália Rodrigues...

Pois Cidália, num ambiente sofisticado e fabricado. Mulheres de grandes cigarros, homens com aplausos claquistas. Fumo. Fumaças. Fado.

No fado, uma vez mais, Rodrigo. A cantar letras de elevado teor poético e regional:

*Mostra lá como se canta
todo rufia
todo a gingar...*

Isto, sim. Isto é que é o fado, o autêntico, o da cepa. Toda a beleza popular que se exprime desde as redondilhas de Camões até aos poemas épicos do Rodrigo:

*O fado...
é uma doença
que mata, mas faz viver
cantar o fado e beber
e ouvir as bocas da malta...*

Reparem nisto, reparem nesta beleza verdadeiramente vinícola. Isto é um autêntico

poema de intervenção... cirúrgica. Mas há mais, há mais:

*Vivo pró fado
e a minha ideia não muda
esta fadística aguda
está-me no sangue, não finda!*

Viva a fadística, pois claro. A Constituição é bem clara nesse ponto e a televisão portuguesa não faz mais do que o seu dever ao espalhar tão nobres conceitos de convivência nacional. Depois, se o Governo faz a recuperação capitalista, por que não devia a RTP fazer a recuperação da fadística?

Letras assim é que nos ajudam. São uma espécie de subsídio da alma nacional. Brrrr!

DICÇÃO CONTRA MICÇÃO

Felizmente, em plena escuridão da TV, e quando menos se espera, rompe uma lâmina de luz. Chama-se José Campos e Sousa e quer ser ele próprio, se for possível.

Pessoalmente não sei o que é isso de ser possível. É sempre possível fazer o possível. E às vezes há coisas que parecem impossíveis como por exemplo vir cantar duas belas canções ao *Ligeiríssimo*. Parecem — e afinal não são!

Percebo o que José Campos quer dizer. O cancionista será um introspectivo. Os extrovertidos estão geralmente mais talhados para o espectáculo, para a luta corpo-a-corpo, para a fustigação trepa-trepa, género Herman José. Mas os mais sensíveis, os mais recolhidos também possuem as suas armas. Veja-se o Chico Buarque, por exemplo.

A sobriedade, a recusa das momices e dos grandes gestos, a ausência dos trunfos na manga que são a característica dos tralhas, a tónica posta na qualidade do poema, a dicção em vez de micção — tudo isto me leva a dizer ao José Campos que é possível e que vale a pena.

Agora trata-se de dobrar o cabo Bojador. Mas isso é só com ele.

Hoje



Histórias de Munique

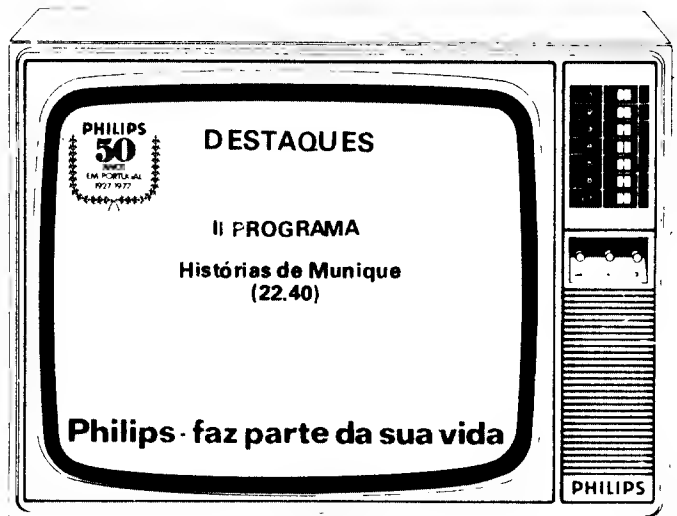
I PROGRAMA

18.30	Abertura
18.32	Telejornal
18.35	As Aventuras dum Rato em Marte
19.00	Abre-te Sésamo
19.30	Caminhos do Futuro
20.00	Telejornal
20.35	Gabriela
21.10	Boletim Meteorológico
21.15	Cinema «A Corda da Felicidade»
23.10	Volta a Portugal em Bicicleta
23.20	Telejornal
23.30	Fecho

TUDOR BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.00	Telejornal
21.30	Gabriela
22.05	Programa Cultural
22.30	Histórias de Munique
23.20	Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

18.30: Abertura 18.32: Telejornal 18.35: Espaço Arte 18.55: As Aventuras de Robinson Crusoe 19.30: Tropicália 20.00: Telejornal 20.35: Gabriela 21.05: Boletim Meteorológico 21.10: O Homem e a Terra 21.40: Colditz 22.50: Volta a Portugal em Bicicleta 23.05: Telejornal 23.20: Fecho

II PROGRAMA

21.00: Abertura e Telejornal 21.35: Gabriela 22.10: Recital 22.25: Histórias Insólitas 23.20: Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIENCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

teatro do bairro alto

teatro da Cornucópia

Casimiro e Carolina
de Odón von Horváth

«Urgente Ver» (Opção)
8ª SEMANA

Todas as noites às 21 e 30
Sábados às 18 e 21 e 30
Domingos só às 18
Subsídio da SEC

LONDRES 1 SEMANA

FÉRIAS OU NEGÓCIOS
PARTIDAS em avião especial TAP

SÉRIE «A» domingos
Agosto 7, 14, 21, 28
Setembro 4, 11, 18, 25
Outubro 2, 9, 16, 23, 30

SÉRIE «B» 588 feiras
Agosto 4, 11, 18, 25
Setembro 1, 8, 15, 22, 29
Outubro 6, 13, 20

SÉRIE «C» 288 feiras
Agosto 1, 8, 15, 22

3.980\$

Preços excepcionais desde *
* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres numa daquelas viagens baratas da...»

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu
fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade 160, 1.º e 2.º andares
PORTO Av. da Liberdade 207, 2.º e 3.º andares
COIMBRA Rua da Santa Cruz 2, 1.º e 2.º andares
FARO Rua Gomes Freixo 1, 1.º e 2.º andares

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

Academia Almadense
Telefone 2752127

Dora Leal e José Viana
em «Casal do Coco»
na divertida mini-Revista de **JOSÉ VIANA**
Atira o Barrete ao Ar!

com **VIANA — DULCE — DORA**
e pela 1.ª vez neste género **ROGÉRIO PAULO**

Sensacional EXITO da
Cooperativa Teatro Popular de **ALMADA**

Às 21.30 Aos domingos
também às 16 horas
BILHETES NA ABEP

NOVO SERVIÇO

Você e o seu carro no mesmo comboio
Diariamente Lisboa-Porto-Lisboa

Caminhos de Ferro Portugueses

ADÓQUE grupo de teatro

APRESENTA **HOJE**
As 20.30 e 22.45

AS PIADAS MAIS FRESCAS
DESTE VERÃO MUITO MORNO

Ó CALINAS CALA A BOCA!

UMA REVISTA DE RISO ABERTO

MAIS UM ÊXITO ESPECTACULAR DO GRUPO ADÓQUE

MATINEE no DOMINGO (16 horas). Não ac. m/18 anos
SEGUNDA-FEIRA: FOLGA



39.ª VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

Os sete cavaleiros do Apocalipse

Reportagem do nosso enviado especial NEVES DE SOUSA

Dois pequenos dramas envolveram a tirada para Seia: a «batalha» de António Alves em luta pela sobrevivência num barco, a meter água por todos os lados, e a esgrima (com as forças absolutas), na tentativa assinada por Adelino Teixeira, para salvar um trono que é feito de suor e algumas lágrimas.

O mocinho português que, em Espinho, vestiu a primeira camisola amarela, arrastava-se de há uns dias a esta parte, sobre a máquina, desenvolvendo grande esforço por chegar longe, adiante, à frente, onde já não morava a miragem do símbolo mais apetecido, que efemeramente conseguira cingir, mas (única e simplesmente) a pequenina glória de não largar os companheiros que, um a um, se escoavam nas curvas do caminho.

Mas havia a maldita amigdalite. A deficiência na respiração já há um ano detectada, mas por desleixo, abstracção ou incúria de quem quer que seja, ainda não debelada. E o pobre do António Alves, seco como um pau de fio, branco como a cal da parede, só atravessaria o risco branco em Seia deitado na maca da ambulância. Era o fim de um sonho.

Na outra escala, no topo da escada, encontramos Adelino Teixeira, que, durante 44 quilómetros, estava quase destituído do seu amarelo ofuscante, tacticamente dominada por

imagem da raiva, o perfil de uma navalha, o retrato do inconformismo que rouba os audaciosos ao resvalar na terra.

Hoje, nas Penhas da Saúde, o comandante terá a seu favor uma pequena multidão vinda de Lousa (Loures), só para um empurrãozinho, um brado de incentivo, um pouco de água fresca que é ouro naquele deserto coalhado de gente, construído a caminho do céu.

António Alves, a prevista derrota antes do fim da luta. Adelino Teixeira, o espadachim sem temor. Com um e com outro se escrevem exem-



Sousa Santos (pai) dá instruções a Sousa Santos (filho), de nome Joaquim (o o outro irmão chama-se José), terceiro na geral antes das Penhas da Saúde

redarem a raia miúda dos postos cimeiros da Volta.

Logo à partida houve quem tentasse a fuga: Floriano Mendes (Porto-Viuto) e José Luís Carvalho (Sangalhos). Isto enquanto as bicicletas do benfiquista Armindo Pereira e dos «coelimas» José Faia e Manuel Martins metiam ar como um rodo.

O Luso fez a primeira triagem: Alexandre Rua Aguias (Clok) Flávio Henriques (Sangalhos) e Aldomiro Nascimento (Almodovar) davam o lamiré. Na subida para o Buçaco, os sobreviventes da trofa eram a cauda do extenso pelotão. E, na contagem de montanha, destacaram-se Luís Teixeira (Paredes-Coelima), Joaquim Andrade (Coimbrões), Venceslau Fernandes (Porto-Viuto), o benfiquista Firmino Bernardino e Joaquim Sousa Santos ainda

do Bombarralense mas, segundo nos asseguram, já garantido pelo F.C. Porto para a Próxima temporada desde que venha sem a obrigatoriedade da companhia do pai (o técnico Sousa Santos), mas apareça de braço dado com o irmão José.

O bloco continuaria a sofrer desfalques: Américo Cardoso (S. Jorge), Luís Silva (Trofa), Joaquim Pinto (Coimbrões) e Manuel Évora Pereira (Benfica), achavam que aquilo era demais para as suas posses. E a equipa do Lousa, quase completamente quebrada, nem sequer aproveitava a descida para se recompor.

LABAREDES

Mais homens iam cedendo com a língua de fora: Manuel Gonçalves (Campinense-Marina) e Raúl Carvalho (Fafe). Estavam no limite da coragem. Armindo Lúcio mostrava uma roda furada. Vários grupos de corredores espalhavam-se pela estrada e, em Mortágua (meta «O Diário»), Venceslau, José Madeira (Campinense-Marina) e Joaquim Sousa Santos dominavam as operações, estabeleciam todas as táticas de combate e destruição.

Já então sete cavaleiros saltavam sobre brasas: Firmino Bernardino Joaquim Andrade, Luís Teixeira e quatro companheiros que comodamente o reboque: Marco Chagas, Venceslau Fernandes, José Madeira e Joaquim Sousa Santos. Ainda que episodicamente o sangalhesse surgisse a dar um ar da sua graça, a verdade é que todo o andamento era soberanamente imposto por Andrade e Firmino, participando Luís Teixeira com o afã de se imaginar a destruir, antes do balanço da justiça, o homem de quem é (pequenina) sombra negra.

Cá atrás, as chamas envolviam Adelino Teixeira. Por obra e graça de António Marçalo, mais de António Fernandes, ficara impossibilitado de tentar a junção com as flechas da frente. E, como da sua equipa apenas poderia esperar um auxílio via Celestino Severino (que aparece seu irmão de sangue), o camisola amarela estava mais para chorar do que para erguer os olhos. Todo ele era desânimo, consorte o estafeta Alberto Oliveira ia divulgando os avanços dos sete da vida airada: meio minuto, um minuto, minutos e meio, dois minutos...

Continua na pág. 17

A etapa de hoje

A ligação de hoje, entre Seia e Covilhã (Penhas da Saúde), das faldas ao cume (quase) da serra da Estrela, com a Alto da Torre atento e provocante, é o que se pode chamar «Etapas Rainha», uma espécie de Tourmalet e Alpes D'Huez, do «Tour», se descontamos, evidentemente, algumas (des)proporções.

Para a mais difícil desta edição da Volta a Portugal em Bicicleta, afinal uma ligação que é indissociável da própria prova e que a esta transmite (ou possibilita) parte da verdade que ela deve ter, os sobreviventes (agora 52, depois do abandono de António Alves) largam às 15 horas de Seia.

Unhais da Serra (quilómetro 57), onde os primeiros corredores devem passar por volta das 16 e 40 vem a seguir e, decerto, já com o pelotão esfrangalhado. Depois, Tortosendo (meta «O Diário»), Covilhã (meta «Turismo»), cerca das 17 e 20 e, antes das Penhas, com os homens nas alturas, a batalha titânica, e os melhores à procura do mais saboroso triunfo, o Largo do Pelourinho (cidade). De lá à meta, doze quilómetros para subir, na parte mais difícil (e decisiva) da etapa. Chegada marcada para as 17 e 40.

A PALAVRA CAMARADA



SERAFIM FERREIRA ("Jornal de Notícias")

A «Volta 77» não difere quase nada da sua irmã do ano passado. Sem qualquer distinção, amadores e profissionais de bicicleta lutam pelos mesmos prémios...

Onde está a igualdade ao quilómetro zero?

Mas, também seria giro saber quanto ganham por quilómetro estes (propagandistas dos mais diversos produtos)...

E diziam que a exploração do homem pelo homem iria acabar... Não brinquem com a gente! A DGD continua a não abrir os olhos...

Definam-se de uma vez para sempre!

Estes rapazes que andam aqui a pedalar mereciam mais e melhores condições. Ah!, mas como agora está cá o Alves Barbosa, talvez isto piore!

Classificação geral (individual)

1.º	Adelino Teixeira	32 24 35
2.º	Luís Teixeira	32 26 11
3.º	Joaquim S. Santos	32 26 12
4.º	Marco Chagas	32 26 35
5.º	Joaquim Andrade	32 27 21
6.º	Firmino Bernardino	32 27 30
7.º	Vencesl. Fernandes	m. t.
8.º	Joaquim Carvalho	32 27 52
9.º	José Sousa Santos	32 29 05
10.º	João Sampaio	32 31 01
11.º	José Madeira	32 31 48
12.º	Carlos Santos	32 32 26
13.º	António Marçalo	32 33 03
14.º	Florianos Mendes	32 35 13
15.º	Alfredo Gouveia	32 35 34
16.º	Celestino Severino	32 37 00
17.º	Fernando Fernandes	32 40 53
18.º	Manuel da Costa	32 41 58
19.º	António Fernandes	32 42 04
20.º	Alvaro Coufago	32 43 04
21.º	Armindo Lúcio	32 43 34
22.º	Alexandre Rua	32 44 02
23.º	Manuel Oliveira	32 45 13
24.º	Manuel da Silva	32 45 19
25.º	Raul de Carvalho	32 46 10
26.º	Abel Coelho	32 48 22
27.º	João Costa	32 51 53
28.º	José Sá	32 52 44
29.º	Guilherme Rocha	32 52 53
30.º	José Amaro	32 53 12
31.º	Rui Azevedo	32 55 37
32.º	Armindo Pereira	32 56 02
33.º	Luís Gregório	32 56 55
34.º	João Marta	32 57 47
35.º	Manuel Martins	32 59 29
36.º	Manuel Ev. Pereira	32 59 44
37.º	José Luís Carvalho	33 01 13
38.º	Manuel Gomes	33 03 14
39.º	Manuel Gonçalves	33 03 36
40.º	Flávio Rodrigues	33 03 39
41.º	Raul Terêncio	33 04 40
42.º	Joaquim Pinto	33 06 56
43.º	Aldom. Nascimento	33 09 51
44.º	António Faia	33 10 11
45.º	José Luis Pacheco	33 13 57
46.º	Américo Cardoso	33 16 12
47.º	Fernando Costa	33 17 59
48.º	Domingos Barbosa	33 23 59
49.º	João Duarte	33 25 00
50.º	Joaquim Colaco	33 28 34
51.º	Luís Silva	33 30 42
52.º	Rogério Duque	33 33 27

Equipas

1.º	Aguias	97 23 12
2.º	Benfica	97 28 52
3.º	Bombarralense	97 31 23
4.º	F. C. Porto	97 41 17
5.º	Coelima	97 43 03
6.º	Lousa	97 44 17
7.º	Coimbrões	98 11 27
8.º	S. Jorge	98 31 02
9.º	Campinense	98 56 40
10.º	Sangalhos	98 59 38
11.º	Trofa	99 17 15

Montanha

1.º	Luís Teixeira	33
2.º	Joaquim Andrade	26
3.º	Manuel Silva	16
4.º	Raul Carvalho	16
5.º	Venceslau Fernandes	14

Pontos

1.º	Alexandre Rua	42
2.º	Joaquim Carvalho	31
3.º	Luís Teixeira	23
4.º	Firmino Bernardino	21
5.º	Flávio Henriques	21

CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL DINAMARCA PORTUGAL

VIAGEM ESPECIAL A COPENHAGUE

DE 6 a 10 DE OUTUBRO

por somente: 9 890\$00

incluindo:

- avião a jacto ida e volta.
- transporte aerop./hotel/aerop.
- 4 noites de estadia em hotel de 2.ª central c/banho e peq. almoço.
- transporte hotel/estádio/hotel.
- bilhete para o jogo.
- guia permanente da nossa agência.

APOIE A NOSSA SELECÇÃO E VISITE A «CIDADE QUENTE»!

informações e reservas:



• ABERTOS À HORA DO ALMOÇO •

A equipa de reportagem do «DL» que acompanha a Volta a Portugal em Bicicleta viaja num automóvel



INDUSTRIAS LUSITANAS RENAULT, S.A.R.L.

um golpe de mestre congelado por Francisco Valada, interpretado pelo experiente António Marçalo, com a participação (fortuita) do portista António Fernandes. O melhor do Lousa tardou a recuperar o ritmo: mesmo assim, nunca chegara a vislumbrar o pó branco levantado pelas rodas dos sete galopantes da tarde.

Valheu-lhe, mais do que a companhia, o abraço, a palavra amiga do colega Celestino Severino, a sua própria força de ânimo. Cerrados os dentes, fincados os dedos no guidão, Adelino Teixeira tornou-se a

plos do que é o ciclismo, indubitavelmente a modalidade esportiva que ultrapassa as vulgares fronteiras de um palco desportivo para descer ao circo romano, para mergulhar das nuvens no inferno ou subir daqui ao paraíso.

ESGRIMA

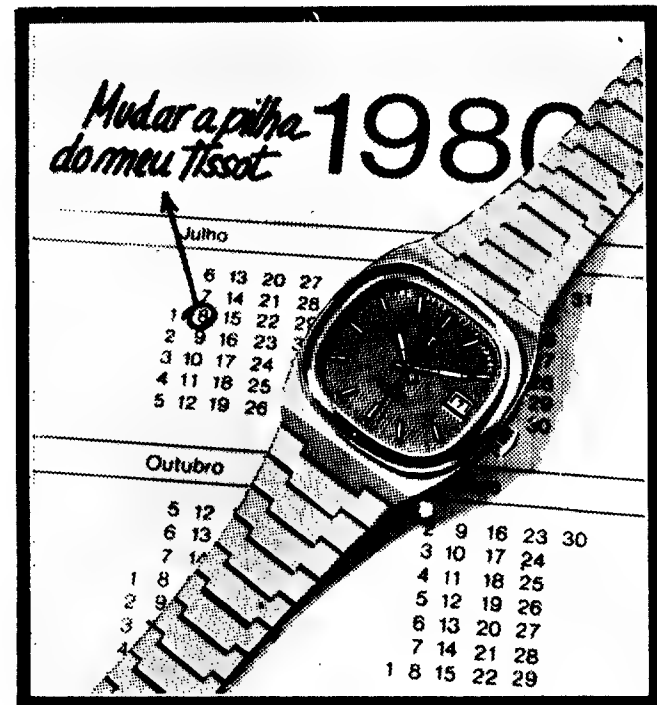
De Sangalhos para Seia foi andar bem: os sete cavaleiros do apocalipse fizeram uma média boa (38,891), espiçados pela torrente de prémios em equação (50 contos) e pela necessidade de ar-

CLASSIFICAÇÃO NA ETAPA

SANGALHOS - SEIA

Individual

1.º	F. Bernardino (Benf.)	2 46 58
2.º	M. Chagas (Aguias)	m. t.
3.º	V. Fernandes (Porto)	m. t.
4.º	Luís Teixeira (Coelima)	m. t.
5.º	José Madeira (Camp.)	m. t.
6.º	J. S. Santos (Bomb.)	m. t.
7.º	J. Andrade (Coimb.)	m. t.
8.º	J. Sampaio (Coelima)	2 48 16
9.º	A. Marçalo (Aguias)	2 48 21
10.º	J. S. Santos (Bomb.)	m. t.
11.º	João Costa (Bomb.)	m. t.
12.º	J. Carvalho (Aguias)	2 48 29
13.º	A. Teixeira (Lousa)	m. t.
14.º	F. Fernandes (Lousa)	m. t.
15.º	F. Mendes (F. C. P.)	m. t.
16.º	João Duarte (Bomb.)	m. t.
17.º	A. Gouveia (Aguias)	m. t.
18.º	Carlos Santos (Benf.)	2 48 40
19.º	C. Severino (Lousa)	m. t.
20.º	Ant. Faia (S. Jorge)	2 51 53
21.º	Abel Coelho (Lousa)	2 58 46
22.º	M. Monteiro (Coel.)	m. t.
23.º	João Marta (Bomb.)	m. t.
24.º	Fernando Costa (Trofa)	m. t.
25.º	A. Pereira (Benfica)	m. t.
26.º	R. Carvalho (S. Jorge)	m. t.
27.º	D. Barbosa (Trofa)	m. t.
28.º	Raul Terêncio (Lousa)	m. t.
29.º	M. Gomes (F. C. P.)	m. t.
30.º	Alexand. Rua (Aguias)	2 58 46
43.º	M. E. Pereira (Benf.)	m. t.
44.º	J. L. Carvalho (Sang.)	m. t.
45.º	A. Nascimento (Alm.)	m. t.
46.º	A. Cardoso (S. Jorge)	m. t.
47.º	Luís Silva (Trofa)	m. t.
48.º	Rog. Duque (Almod.)	m. t.
49.º	Joq. Colaco (Camp.)	m. t.
50.º	J. Pinto (Coimbrões)	m. t.
51.º	F. Henriques (Sang.)	m. t.
52.º	José Sá (Coelima)	m. t.



Este relógio "Tissot" funciona 1000 dias sem parar só em 1'80 tem de mudar a pilha

Acerto da hora por segundos, por acção electrónica

Mudança da data

e do fuso horário sem influenciar a precisão

TISSOT

o gosto da performance

USE **Black & Decker** NOS SEUS TEMPOS LIVRES...

Volta a Portugal em bicicleta

Continuação da pág. 16
nutos e tal...

O Teixeira tinha de Lousa era um mar de suor. A camisola, torcida, daria água para uma lagoa. Os traços fisionómicos afloravam como traços feitos com cinzel por um desvirado.

ORGULHO

Porém, os fugitivos já nem olhavam para trás. Adelino, já sem confiar numa benesse celestial, via-se com o seu orgulho atirado para o esquecimento. Subitamente, ativo como um general na campanha de promoção, ergueu a crista e, galo doido e atrevido, foi-se à vida sem companhia. Iniciava-se a subida para Seia e perante dois carros apoiantes dos desertores (Águias-Clock e Coimbrões), Francisco Valada e Sousa Santos trocavam piropos em grande intensidade vocal, ao mesmo tempo que o «amarelo» deitava babo e ranho para diminuir a desvantagem António Marçal furava e o presidente (Idalino de Freitas) censurava a condução dum veículo de apoio com as cores do Coelima.

SÚBITO DESFILE

S. João das Areias, Tábua, Vila Candeia, uma barragem em construção na estrada. Venda de Galizes, Vila Catraia Chamusca da Beira e Torrozeiro: Sampaio e Marçal, mais os bombardalenses José Sousa Santos e João Costa, começavam a tomar de assalto a «Bastilha», que já tinha os muros franqueados pelos sete magníficos. Só que o Adelino Teixeira não é homem de quebrar antes de torcer: está ali para as curvas e, também para as subidas. Até à meta foi um «ver-se-te-avias». Firmino seria o melhor, por condescendência de Marco Chagas, a renunciar em cima do risco obrigatório viagem ao «podium». Os demais escalonavam-se como podiam: e Adelino Teixeira, que não ganhara para o susto (memorável), continuava a ver desfilar, como areia fina entre os dedos, a vantagem que tão custosamente amalhara para a serra da Estrela. Por um fio conservava a «amarela». Na meta, os prémios amontoavam-se: muitos envelopes bem recheados, torradeiras e candeeiros, canetas e blusões, salvas e garrafas de anis, cjam-

panhe e «brandy», estatuetas, cortes de fato e cinzeiros, copos e mantas para o inverno.

Tudo o melhor, para Adelino Teixeira, vinha da terra cujas cores defende: hoje, em peso, Lousa vem aqui ajudá-lo a competir com os grandes gigantes, a vencer Firmino, Andrade e Luís Teixeira, e, espe-

não conseguiu agarrar os da frente. Valeu-me o Celestino Severino. Devo-lhe o continuar com a camisola amarela. Quando tinha 2 e 45 de atraso desfaleci. Pensei que já não valia a pena continuara lutar. Agora vou chegar às Penhas, a etapa da verdade. Vou estar na roda do Andrade, que é o único que



Joaquim Sousa Santos recebe das mãos de Idalino de Freitas o «Black and Decker» diariamente entregue ao vencedor de cada etapa

cialmente, com esse bloco de pedra e terra que se chama serra da Estrela que para o ciclista perde toda a graça dos postais coloridos que são a delícia do turista abismado.

PALAVRAS

Numa roda de jornalistas, Firmino declarava: «Tentei equilibrar o esforço. Quando vi o letreiro que anunciava os últimos 500 metros fiz-me mesmo à meta. Respondi a todos os ataques. Sei que o camisola-amarela está «fechado». Os seis que vinham comigo ajuda-

está feito para ganhar a volta na serra e que tem força e pedaleira na subida. Ele é que é o principal favorito para me deitar abaixo, mas se não o conseguir fazer nas Penhas, creio que me segurarei até Lisboa».

PALPITE

Em 91 quilómetros íngremes que só visto, pode seguir-se ao pôr-do-sol a vitória dos voltistas.

Muita gente vota em Andrade, muitos apostam em Marcos Chagas ou Sousa Santos, ou-

A Black & Decker oferece 1 berbequim eléctrico aos vencedores das etapas, por intermédio do «Diário de Lisboa».

ram-me. Um de nós cai ser o vencedor da volta».

Luís Teixeira já tem outra opinião: «A colaboração que houve entre nós podia ser o maior. E o camisola-amarela estaria agora com 5 ou 6 minutos perdidos, irremediavelmente batido. Dei o que podia, mas, praticamente sozinho, esgotava-me e não podia (depois) puxar para as Penhas da Saúde. Mas, aí, sim: vou tentar dar o saltinho...»

Adelino Teixeira, sentado no chão, mal podia falar: «Consegui resistir. No Buçaco, quando António Marçal «partiu», fiquei para trás. Na descida, já

tros em Firmino Bernardino ou Joaquim Carvalho. Mas, quem tenha olhos, que vote em Adelino Teixeira o intemperato homem feito de chaparia de aço.

Porém, vendo a realidade das proezas anteriores, olhando e remirando sem distorções de emblema, e torçoso que se coloque a «vista» em Luís Teixeira. O pequeno rei da montanha na última edição do «tour» caseiro que pedala em más condições físicas (tem um dedo fracturado), pode trazer a surpresa maior aos prognósticos. Pequenos genicoso cheio de brio e entusiasmo, é por ele que lançamos uma «bisca».

"Sprints" na serra

Todos os vencedores de etapas continuam a receber prendas da Black and Decker. Na repousante pausa de Sangalhos foi a vez de embolsarem os aparelhos os vencedores das derradeiras etapas: Abel Coelho triunfador da ligação Chaves-Bragança, recebeu o prémio das mãos do dirigente Manuel Tiago; Adelino Teixeira, vencedor da etapa Macedo de Cavaleiros-Guarda, foi contemplado por intermédio do nosso camarada Bruno Neves; João Sampaio, o primeiro na etapa Guarda-Viseu, recebeu o berbequim das mãos de Jorge Lara (director da corrida); Joaquim Sousa Santos, o herói da corrida Castro Daire e Oliveira de Frades, foi apresentado por Idalino de Freitas, presidente do júri da Federação; Flávio Henriques, o sangalhesense que venceu a tirada entre Oliveira de Frades e a Mealhada, teve como ofertante, António Fernandes, presidente da Associação de Ciclismo do Norte; e Joaquim Carvalho, triunfante do Circuito da Mealhada, recebeu o útil aparelho das mãos de Adolfo Rodrigues, o condutor do automóvel «Renault» em que viaja a nossa reportagem.

A partida de Sangalhos, o novo mecânico da turma local foi inscrito na corrida: Manuel Durão, que se sinistrara (trau-

matismo craniano) e por isso fora obrigado a abandonar a prova. Volta, assim, à Volta.

COLAÇO

Alguns ciclistas sujeitam-se ao controlo médico. Um dos visados pelo dr. Barreiro Magalhães é Joaquim Colaço (Campinense-Marina), que se encontra em muito má forma física.

COMANDANTES

No arranque para o último golpe da volta, eis os comandantes das diferentes classificações: Adelino Teixeira (geral-individual), Luís Teixeira (montanha e «combinado») e Alexandre Rua (pontos). O Águias/Clock lidera por equipas. A média geral da corrida cifra-se em 37,400 quilómetros/hora e a do camisola amarelo anda nos 37,137.

GENTE

Magnífico o acolhimento dispensado à caravana na zona da Bairrada: desde o Palace Hotel (Curia) à Estalagem de Sangalhos e às Caves Aliança, toda a gente foi pródiga em proporcionar o melhor ambiente ao grupo voltista.

EQUIPAS PORTUGUESAS EM ESPANHA

Benfica: nem honra nem glória

Perder (por 3-0) quando se é (apenas) campeão nacional (e por tal com a obrigação de defender europeamente a sua participação na Taça dos Campeões), mesmo num torneio-tipo-quermesse, em Espanha, não é nada abonatório. Perder, por aqueles números, perante uma equipa que nem sequer enfileira no escalão (bloco) dos seis melhores daquele país (quando se é campeão nacional), não dá nenhuma honra. Perder (finalmente), num país onde o «futebol de Verão» é convite para arrecadar «massas» (e troféus) não comporta glória.

Aconteceu ao Benfica de Mortimore, ontem, em Sevilha, no torneio local, perante 60 mil pessoas que estiveram no «Villa Marin». Aconteceu em cinco minutos, com a equipa portuguesa perfeitamente impreparada (e desorganizada), que naquele lapso fez um voo picado para a queda, o abismo. Aconteceu a uma equipa reforçada, retocada, que no seu conjunto incluiu Vítor Baptista e, no período complementar, experimentou Celso e Mário Wilson. E tudo começou num autogolo de Humberto Coelho, homem que com José Luís e Toni compôs o trio dos melhores. Depois, Shêu e Chalana, estes muito marcados e duramente «castigados».

Três-zero. E o Sevilha, com Rúbio, Biri-Biri e Scotta em grande plano, a fazer o segundo gol de «penalty», por carga de Eurico sobre o perigoso gambiano Biri-Biri. Jaen encarregou-se de o transformar e de marcar gol. Depois, o terceiro, igualmente (claro) no tempo complementar, por Biri-Biri, que com Rúbio foi o melhor homem em campo.

O Benfica (nesta sua estreia de tão «triste figura») formou: Bento; Pietra, Humberto, Eurico e Bastos Lopes; José Luís (Celso), Toni e Shêu; Nenê, Vítor Baptista (Wilson) e Chalana. Sevilha: Paco; Juanito, Gallego, Rivas e Sançós; Jaen, Rúbio e Varela. Scotta, Sanchez-Barrio e Biri-Biri.

Os outros dois participantes (este torneio é quadrangular), o Bétis (local) e o Vasas, jogam esta noite.

BOAVISTA E ESTORIL

As outras duas equipas portuguesas em Espanha (Boavista e Estoril), conheceram a mesma feição: duas derrotas. E, curiosamente, pelo mesmo resultado (desfavorável): 2-0. O Boavista, em Léon (participando num torneio que o ano passado ganhou), averbou novo desaire, agora perante a equipa local, o Cultural Leonesa, enquanto que o Estoril era «superado» pelo Gerez de la Fronteira, em Barrameda. Apresentação: Ruas; Viera, Amílcar, Fernando e Peixoto; Oscar, Zuledo (Paris) e Quim; Fernando Martins (Teimeira), Abrantes e Cepêda (Laranjeira). Hoje, os estorilistas defrontam, para o triangular em questão, o MTK da Hungria.

CAIO

Caio «Cambalhota», o magnífico e irreverente brasileiro ao serviço do Braga, foi suspenso de toda a actividade, este mês, enquanto de corre um inquérito (e processo disciplinar) a atitudes e afirmações que terá tido e feito. A decisão partiu do elenco directivo bracaraense e, segundo noticiamos os órgãos da especialidade parecem-nos vaga. Como, todavia, a TMG não fica longe (de Braga), os despedimentos avançam aceleradamente, o capital ataca e os direitos de quem trabalha são o aviltados, a medida já quase nem nos espanta.

«DINAMITE»

Roberto «Dinamite», o célebre atacante do Vasco da Gama (do Rio de Janeiro), alinhara na sua equipa que em 30 do corrente, em Alvalade, defronta o Sporting. Com o Inter de Milão, e Atlético de Madrid e o Cádiz a equipa brasileira participará, a partir de 27, no «Troféu Ramon Carranza», em Cádiz. Roberto «Dinamite» é o actual artilheiro da equipa e, entre outros dos componentes da equipa vascaína, refiram-se as presenças de Marco António (campeão do Mundo), e dos internacionais Orlando, Dirceu e Zanatti. Roberto «Dinamite» também é, obviamente, internacional. O Vasco da Gama, por seu turno, é o actual «leader» do Campeonato do Rio de Janeiro, com 55 gols, 21 dos quais com o «selo» de «Dinamite».

HONVED

O Honved está no Porto onde, esta noite (21 e 45) defronta o F.C. do Porto, no quarto encontro da equipa de Pedrito com conjuntos internacionais com vista à sua preparação. Depois de Honved, e para completar o «ramalhete», teremos

o MTK, que esta noite joga com o Estoril em Espanha.

VASAS

O Vasas de Gyor (Hungria) que anteontem chegou a Portugal (equipa), defronta esta tarde (18 horas), no Estádio «1.º de Maio», em Braga, a equipa local. Nesta sua excursão pelo nosso país o conjunto magiar medirá forças, sábado, em Portimão, com a equipa algarvia e, domingo, no Funchal, com o Marítimo.

PORTUGAL

PARQUE MAYER

Osvaldo Lopes e Agostinho Pinheiro defrontarão esta noite, no Parque Mayer, em mais uma jornada dedicada ao boxe, respectivamente, Orlando Silva e Farinha Galveias. Os dois combates marcam, antecipadamente, a perspectiva de um bom serão naquele local. Agostinho Pinheiro regressa aos ringues e, na outra luta, teremos dois campeões amadores (Osvaldo Lopes-Orlando Silva) num corpo-a-corpo que promete.

UNIVERSIADAS DE SÓFIA

Jogo de basquetebol gerou cenas de violência

O dia de ontem (sexta jornada) das Universiadas de Sófia foi marcado por dois acontecimentos de diferente significado e distinto conteúdo: terminaram as competições de atletismo dos jogos e, no encontro de basquetebol Cuba-Estados Unidos (o lado negativo da participação), gerou-se «surru» e violência. Assim se ensombrou uma prova, na capital búlgara, que, mais que a sede da vitória deveria ser assinalada pelo que se saluta tem a competição.

Vencedores das diversas provas de atletismo (Homens): 100 Metros, Silvio Leonard, Cuba, 10,08 segundos; 200 metros, Clancy Edwards, EUA, 20,46; 110 metros barreiras, Alejandro Casanas, Cuba, 13,21 s (recorde mundial); 400 metros, Alfons Bridjenbach, Bélgica, 45,18; 400 metros-barreiras, Tom Andrews, EUA, 49,52; 800 metros, Alberto Juantorena, Cuba, 1m 43,4 s (recorde mundial); 1500 metros, Josef Plachy, Checoslováquia, 3m 40,2 s; 3000 metros obstáculos, Michael Karst, RFA, 8m25,9s; 5000 metros, Enn Sellik, URSS, 13m 44,6s; 10.000 metros, Leonid Moiseyev, URSS, 29m 12,0s; 5000 metros, Valicho Stoev, Bulgária, 19,55 metros; Disco, Nikolai Vichor, URSS, 64,14 m; Dardo, lanatoly Wassili, URSS, 81,60m; Altura, Jacak Wazola, Polónia, 2,22 metros; Comprimento, Nenad Stokio, Jugoslávia, 7,97m; Varr, Vladislav Kozakiewicz, Polónia, 5,55m; Decatlo, Sepp Zailbauer, Austria, 8.097 pontos; Triplo-salto, Anatoly Piskulin, URSS, 17,30m; Martelo, Emanuel Dulgerov, Bulgária, 73,50m; 4x100 metros, URSS (Kolesnikov, Aksinin, Silov e Ignatenko), 38,75s; e 4x400 metros, EUA (Evis, Smith, Dale e Andrews), 3m 01,2s.

Senhoras: 100 metros, Ludmilla Storozhkova, URSS, 11,21s; 200 metros, Silvia Chivras, Cuba, 23,08s; 100 m-barreiras, Grazina Rabszyn, Polónia, 12,86s; 100 metros, Rosalyn Bryant, EUA, 52,10; 800 metros, Totka Petrova, Bulgária, 1m57,6s; 1500 metros, Totka Petrova, Bulgária, 4m 05,7s; Peso, Elena Stoyanova, Bulgária, 19,98 metros; Disco, Maria Vergova, Bulgária, 66,34 metros; Dardo, Nadjeda Ykubovich, URSS, 61,42 metros; Altura, Sara Simeoni, Itália, 1,92 metros; Pentatlo, Valentina Domitrova, Bulgária, 4.630 pontos e 4x100 metros: URSS (Maslakova, Anissimova, Sdo-

rova e Provocenko).

No encontro de basquetebol a que acima nos reportamos os Estados Unidos venceram Cuba por 94-78. Ao intervalo o resultado era de 42-40 já favoráveis aos norte-americanos.

De acordo com o que as agências noticiosas informam (e nem todas falam a linguagem da verdade), os lamentáveis incidentes teriam ocorrido assim: quando a equipa cubana igualou o marcador em 46-46, todos os jogadores da equipa correram inesperadamente para o banco dos norte-americanos. Jim Bailey, um dos membros da equipa, foi conduzido para fora do campo para um centro de tratamentos de emergência com o sangue a correr de um cotovelo. Um porta-voz da equipa norte-americana afirmou que um dos cubanos partiu uma garrafa e rasgou com a mesma o cotovelo do jogador estadunidense.

A polícia entrou no recinto de jogo para restabelecer a ordem e após Bailey ter saído do recinto o jogo prosseguiu sem incidentes. Este facto semelhante ao ocorrido durante um jogo igualmente registado entre os Estados Unidos e Cuba, durante os Jogos universitários Mundiais de Moscovo, em 1973, que terminou com lutas pessoais e com cadeiras a servirem de armas.

Entretanto, os Estados Unidos, a União Soviética, Cuba e o Brasil encontram-se agrupados para as semifinais, e o vencedor do grupo terá direito a participar na final. A equipa dos Estados Unidos deverá defrontar a sua congénere do Brasil num jogo a efectuar hoje em Sófia.

Classificação por medalhas (ouro, prata e bronze): URSS 19, 16, 14; Bulgária, 7, 6, 7; Roménia, 4, 6, 6; EUA, 4, 3, 5; Cuba, 4, 1, 4; Polónia, 3, 6, 2; Japão, 3, 3, 1; Checoslováquia, 2, 1, 0; Itália, 1, 3, 1; e França, 1, 1, 2.

Cooperação nas Pescas Portugal-Guiné-Bissau

Navios de pesca portugueses poderão operar em condições privilegiadas em águas sob jurisdição da República da Guiné-Bissau.

Esta situação está contemplada no acordo de cooperação entre Portugal e a Guiné-Bissau, que prevê vários outros campos de cooperação nos domínios científico, técnico e económico relativos às pescas.

O acordo, válido por um período de três anos, prorrogável por períodos sucessivos de um ano, foi assinado em Bissau no passado dia 20 de Maio pelos responsáveis do sector das Pescas de Portugal e da Guiné-Bissau, respectivamente, Pedro Coelho e Joseph Turpin e vem hoje publicado no «Diário da República».

Inaugurada a I Semana de Estudos Algarvios

LAGOS, 24 No Salão Nobre dos Passos do Concelho, está patente, até à próxima sexta-feira, uma exposição documental integrada na I Semana de Estudos Algarvios.

A exposição consta de obras editadas pela Casa do Algarve, edições do Grupo de Estudos Gonçalves, obras de Júlio Dantas, poemas de dez poetas algarvios, retratos de Júlio

Amaro, obras de António Paletti, José Higino Amado da Cunha, Vieira Cabrita, desenhos de Cristiano Cerol e fotografias de Afonso Canelas Furtado. O horário da exposição vai das 17 horas às 23 horas.

Hoje o poeta João Leal proferirá à noite um poema de dez poetas algarvios, no salão dos Paços do Concelho.

Impedidos de entrar no Hospital Pulido Valente

A comissão instaladora do Hospital Pulido Valente impediu na segunda-feira a presença de dirigentes sindicais numa assembleia geral de trabalhadores realizada naquele estabelecimento, que aí se haviam deslocado para dar informações sobre as diligências efectuadas para resolver o problema das refeições, cujo nível calórico é insatisfatório.

Num comunicado conjunto distribuído a propósito, os Sindicatos da Função Pública e dos Enfermeiros da zona sul denunciaram esse impedimento como um «grave atentado à liberdade sindical e ao direito de reunião consagrados na Constituição da República», que demonstra «um total desrespeito pelos direitos dos trabalhadores».

Recorde-se que o problema das refeições deriva do não cumprimento das disposições superiores por parte da comissão instaladora do hospital, que vem compensando em vinho o número obrigatório de calorias por refeição. Segundo os sindicatos, tal actuação levou já ao desperdício de 300 quilos de alimentos.

Desintervenção em companhias de cerveja

Por resolução do Conselho de Ministros do passado dia 10, agora publicada na folha oficial, cessou a intervenção do Estado, instituída em Junho de 75, nas empresas Companhia de Cervejas Estrela, S.A.R.L., Companhia da Fábrica de Cervejas Jansen, Lda e Companhia Produtora de Malte e Cervejas Portuguesa, S.A.R.L.

O Governo decidiu ainda devolver as três empresas «aos respectivos titulares», exonerando, com efeitos a partir de ontem, a Comissão Administrativa que se encontrava em funções. Foi levantada, por outro lado, a suspensão dos órgãos sociais daquelas companhias, determinada aquando da intervenção do Estado.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANUNCIO

1.ª Publicação

O DOUTOR MANUEL CORDEIRO DE MENDONÇA FREITAS, Juiz da 2.ª Vara do Tribunal do Trabalho de Lisboa, faz saber por este Tribunal, 2.ª Vara-2.ª Secção, correm seus termos uns autos de execução por sentença, registados sob o n.º 451/76 em que é exequente MARIA INACIA ELOI GALANDIM CAEIRO, residente na Rua C. Lote 15-3.º Fr. Anexo-Branda Amadora e executado: Silvano da Conceição Maximino, residente na Rua da Palma, n.º 245 em Lisboa e nos mesmos autos correm editos de VINTE DIAS citando os credores desconhecidos para, no prazo de DEZ DIAS, a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio deduzirem os seus direitos, nos termos do disposto no artigo 884.º e seguintes do Código de Processo Civil.

O Escrivão,
a) Vitor Reis
Verifiquei: O Juiz da 2.ª Vara
A) Manuel Cordeiro de Mendonça Freitas



tempo

Situação do tempo
09.00 H.

O céu estava muito nublado, a norte do Tejo e pouco nublado a sul e o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

BEJA Máxima.....29°
BRAGANÇA
Mínima.....6

PREVISÃO GERAL ATÉ
AS 24 H. DE AMANHÃ

Aumento gradual de nebulosidade na zona costeira a norte do Cabo Carvoeiro e nas regiões do interior a norte da Serra da Estrela, mantendo-se o céu limpo ou pouco nublado nas restantes regiões vento fraco temporariamente moderado de noroeste. No litoral oeste a sul do Cabo Carvoeiro. Possibilidades de períodos de chuva a partir do fim da tarde nas regiões do Norte.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H
PORTO.....15°
P. DOURADAS.....16°
COIMBRA.....17°
PORTALEGRE.....21°
LISBOA.....20°
SAGRES.....21°
FARO.....24°
PONTA DELGADA.....23°
FUNCHAL.....21°
V. CASTELO.....15°

MARÉS DE HOJE

PRELA-MAR	BAIXA-MAR
11.01 3,5 m	4.21 1,5 m
23.45 3,5 m	17.04 1,4 m
Dia 25	
12.12 3,7 m	5.33 1,4 m
18.10 1,2 m	
Dia 26	
0.49 3,7 m	6.31 1,2 m
13.10 3,9 m	19.03 1,0 m

AMANHÃ
NASCER AS 6.59
OCASO AS 20.19



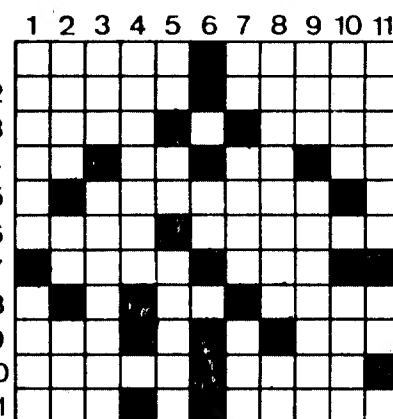
palavras cruzadas

COM PROVERBIO

PROBLEMA N.º 11822

HORIZONTAIS

- Venera. Mastiga sem engolir.
- Errar. Asa de brinco ou de arrecada.
- Antepassados. Artigodefinido. Suplica.
- Nota musical. Nome de letra. Cobre (s.q.). Abreviatura que se usa em musica.
- Cor avermelhada.
- Transpirar. Falecer.
- Caminharas. Rio da França.
- Brisa. Ilha do Pequeno Belt.
- De mios. Caminhar para cá.
- Bacanal. Prender com elos.
- Rato. Mover os remos.



VERTICAIS:

- Afias. Grande afeição.
- Débito ou despesa de uma casa comercial. Interjeição de dor. Enguia.
- Vazio. Ataque.
- Alisara.
- Apurância. Preposição. Carumias.
- Amónio (s.q.).
- Ruim. Planta textil do Ceará. Ente.
- Distribuiria por ruas. Vê.
- Fecho as asas para descer mais depressa. Adormavam.
- Alucinado (fig.). Zombaria.
- Ocultar. Grande ribeira da Ásia Russa.

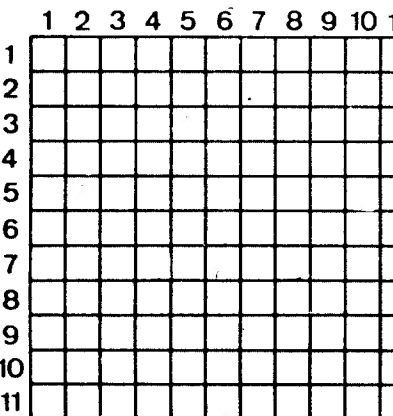
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7 883

HORIZONTAIS:

- Carumas. Venera.
- Fruto da amoreira. Versejar.
- Expulsei. Arremessa.
- Campo em que se exerce determinada acção (fig.). Prendam.
- Oferecei. Ferreiro. O mesmo que ion.
- Referente à Arábia. Rasgou.
- Sofrera.
- Antes de Cristo. Boro (s.q.). Em a. Frâncio (s.q.).
- Cobalto (s.q.). Pronome pessoal. Atmosfera. Ouro (s.q.).
- Razar. Equipe.
- Boriflar. Artigodefinido. Antes do meio-dia.



VERTICAIS:

- Balcão. Serra de Portugal.
- Reter. Enrubesça.
- Nome de peixes. Prata (s.q.).
- Rã (pop). Absorvera.
- Vai para fora. Padeceu.
- Mulo.
- Pedra de altar. Tempera.
- Inspira (fig.). Comprara garotes de um ano para reventar daí a dois anos para exportação.
- Olvidara.
- Desbastar. Reputação.
- Cercou de arames. Saíam frequentemente à rua.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11821

HORIZONTAIS:

- Farripas. Ms.
- Anais. Colei.
- Zelas. Arosa.
- Mano. Io.
- Vira. O. Rara.
- AAA. USO. Ser.
- Atara.
- Espia. Eva.
- Tarar. Soram.
- Em. Raia.
- Sarau. Valor.

VERTICAIS:

- FAZ. Valetes.
- Aenmia. Sara.
- Ralará. Pr.
- Riana. Aiaia.
- Isso. Utar.
- Osa. O.
- Acai. Ores.
- Soror. Avara.
- Lo. As. Ayal.
- MESTRE. Aio.
- Sia. Arrumar.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7 882

HORIZONTAIS:

- Corro. Virgo.
- Ares. Dior.
- Sés. Cap. Alo.
- Impo. Asna.
- Air. Tia.
- Ut. Orear. Ar.
- Rubro. Disco.
- Troas. Ao. Om.
- Ocar. Serã.
- Tas. Nós. Lar.
- Asoto. Isara.

VERTICAIS:

- Cás. Murtosa.
- Orei. Turcas.
- Resma. Boato.
- Rs. Piorar.
- Corras. No.
- V. A. Fô.
- Patada. Si.
- Id. Sirios.
- Riana. Ela.
- Gola. Açorar.
- Oro. Aromara.

PROVERBIO: O USO FAZ O MESTRE.

Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas Adjacentes

QUOTIZAÇÃO SINDICAL
AOS ASSOCIADOS DO SINDICATO
AOS DELEGADOS SINDICAIS

Está a ser distribuída, através do sistema de endereçamento, uma circular explicativa quanto aos novos mecanismos impostos pelo Decreto-Lei 57/77, e, também, um modelo da Declaração de autorização do desconto da quotização sindical no vencimento.

Dado que alguns associados não têm as suas moradas actualizadas, a Direcção anela para a militância dos trabalhadores gráficos, particularmente para os Delegados Sindicais, a fim de que a referida Declaração chegue às mãos de todos os associados.

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS.

A DIRECÇÃO

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO
Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ NISA

Teatro e Cinema

LISBOA

Até às 22 horas

AEROPORTO Av. Alm. Gago Coutinho, 101-D. Tel. 722384

ALBANO Rua Escola Politécnica, 59. Tel. 326750

ALEGRIA Estr. de Benfica, 180-A-B. Tel. 780511

ANUNCIADA Rua do Vigário, 74. Tel. 806360

ANTUNES ROSAS Praça Cidade do Luso, lote 199. Tel. 313610

CANDIDO MONTEIRO Av. Almirante Reis, 121. Tel. 45751

CARTAXO Av. da Igreja, 21-C. Tel. 897958

CASTRO FONSECA Rua 4 de Infância, 28-A. Tel. 688857

DALTON Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A. Tel. 843571

FERNANDES Rua de S. José, 187. Tel. 326476

FIGUEIRAS Av. Marquês de Tomar, 20-22. Tel. 44995

FONTOURA CARVALHO Rua Santos-o-Velho, 12. Tel. 662075

GRUJO R. do Grilo, 25. Tel. 385264

HIGIENICA Rua Heliodoro Salgado, 20-A. Tel. 844361

IBERIA Rua Barão Sabrosa, 235-A. Tel. 728277

LISBOA Rua Cláudio Nunes, 73-A. Tel. 703393

LISBONENSE Rua Leão de Oliveira, 2-B. Tel. 637020

MIRANDA Campo Pequeno, 36-B-C. Tel. 770776

MOURA Trav. da Memória, 55. Tel. 630944

NOVA JORQUE Av. E. U. da América, 140-B. Tel. 760658

PATULEIA HOS Alameda Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332

PENINSULAR Campo Mártires da Pátria, 117. Tel. 553308

RUALTO LDA Rua Alto do Carvalho, 5-A-B. Tel. 651721

S. JOÃO DE DEUS R. Pedro IV, 1-A-B. Tel. 725140

TEXEIRA LOPES Rua Áurea, 154. Tel. 324816

UNIVERSAL Rua Actor Tabor-da, 5-7. Tel. 44158

PERMANENTE

AEROPORTO Av. Alm. Gago Coutinho, 101-D. Tel. 722384

HIGIENICA Rua Heliodoro Salgado, 20-A. Tel. 844361

IBERIA Rua Barão Sabrosa, 235-A. Tel. 728277

LISBOA Rua Cláudio Nunes, 73-A. Tel. 703393

PATULEIA HOS Alameda Linhas de Torres, 262-B. Tel. 790332

FONTOURA CARVALHO R. Santos-o-Velho, 12. Tel. 662075

PENINSULAR Campo Mártires da Pátria, 117. Tel. 553308

RUALTO LDA Rua Alto do Carvalho, 5-A-B. Tel. 651721

UNIVERSAL Rua Actor Tabor-da, 5-7. Tel. 44158

TEXEIRA LOPES Rua Áurea, 154. Tel. 324816

LINHA DE CASCAIS

ALGES

Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 2113161)

CAXIAS

Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

S. DOMINGOS DE RANA

Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)

PAÇO DE ARCOS

Trindade Braz, R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034)

OEIRAS

Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090)

PAREDE

Artur Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)

AMOREIRA

Amoreira, (Tel. 262313/267314)

ESTORIL

Marques dos Santos, R. Ferreira, JA, 15 (Alto Estoril (Tel. 260116)

CASCAIS

Misericórdia, R. do Regimento, 19 n.º 41 (Tel. 280141); Cascais, R. Conde de Monte Real (B.º Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Amadora, Praç. 28 de Maio, 3-A (Tel. 935518) permanente; Clábel, R. António Sardiña, 23-D (Tel. 938551) até às 22 horas.

DAMAIA

D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)

QUELUZ

Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)

CACÉM

Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, Lote 5-D

RIO DE MOURA

Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim, (Tel. 980456)

COLARES

Abreja, (Tel. 299088)

ALGUEIRÃO

Rodrigues Rato, (Tel. 2912038)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gamero, R. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS

Gumão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)

ALMADA

Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (Tel. 2750242)

BAIXA DA BANHEIRA

Farmácia Teixeira, B.º de Moçambique, 84-B (Tel. 2040946)

BARREIRO

Higien, R. D. Manuel I, 178 (Tel. 2073017)

COVA DA PIEDADE

Garcia Reis, R. dr. Alberto Araújo, 19-A

MOITA

União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTUO

Montepio, R. Almirante Reis, 93 (Tel. 2310035)

SESIMBRA

Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)

SETUBAL

Marques, R. Arronches Junqueira, 108 (Tel. 22783) permanente; Bonfim Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 24558) ATE AS 22 HORAS

SEIXAL

Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

COSTA DA CAPARICA

Higienica, Av. da República, 23 (Tel. 2400020)

PORTO

(DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS)

CAMPOS Rua Padre Luís Cabral, 943. Tel. 680113; **ALVES MOREIRA** Avenida Rodrigues Freitas, 167. Tel. 51889; **MAIA** Rua do Campo Alegre, 192. Tel. 64450; **MONTE DOS BURGOS** Rua do Monte dos Burgos, 802. Tel. 62279; **ALIANÇA** Rua da Conceição, 2. Tel. 24203; **BOTELHO** Rua da Alegria, 863. Tel. 480069; **ESTÁCIO** Rua Sá da Bandeira, 120. Tel. 22664; **LIDADOR** Rua do Lido, 171. Tel. 683739

(DE DIA E TODA A NOITE)

MANEZES DE LIMA Praça dr. Pedro Teófilo Pereira, 227. Tel. 51764; **CLÉRIGOS** Rua dos Clérigos, 36. Tel. 315394; **CRUZ** Rua de Costa Cabral, 1082. Tel. 480041; **GUARANI** Rua Pedro Hispano 367. Tel. 62250.

COIMBRA

SILCAR Rua Ferreira Borges, 89-94. Tel. 22923; **SEBASTIÃO** Rua António Jardim. Tel. 72802

Cinemas

cinemas

cinemas

CINE

13.15, 17.00, 19.00, 21.15 e 23.15

SALA A
(Para todos)

SERENATA À CHUVA

SALA B
4.ª Semana

12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30, 23.30

CARRIE
Int. a m. 18 anos

ALVARDE

T. 897480 15.30, 18.30, 21.30

Isaac Hayes em

A LEI DO MAIS FORTE
de Jonathan Kaplan
interdito a Menores 18 anos

APOLO 70

Tel. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

O filme musical do ano!

CAR WASH
Não acons. a men. de 13 anos
2.ª semana

Hoje às 24 horas -
Grupo D (18 anos)

A BEIRA DO FM
de Richard Fleischer

AVIS

Tel. 47163 15, 18.15 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

O SOFRIMENTO DE AMOR
11.ª semana
o filme começa a projectar-se logo após o início da sessão

BERLIA

Tel. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Lino Ventura, Jacques Breil, Caroline Cellier

O CHATO
de Edouard Molinaro
n. acons. menores 13 anos

Tel. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Festival Jerry Lewis

AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYLL
Para todos

rádio

1.º Programa

16.00: «Musivária»; 17.00: Tempo de teatro «Os Cinquenta Anos de Casados»; 17.45: Volta a Portugal em Bicicleta: chegada às Penhas da Saúde; 18.00: «Música portuguesa»; 18.30: Temas de saúde. «Música Portuguesa»; 19.00: Orquestras; 19.15: «O Mundo é a nossa Casa»; 19.30: Música Variada; 20.30: Melodias; 21.00: 5.º episódio do folhetim «A Cidade e as Serras»; 22.00: «Contraponto»; 24.00: Fecho.

2.º Programa

16.15: Música de cravo francesa; 16.45: O quarteto «Kohon»; 17.20: Sinfonia n.º 9 em ré menor, de Bruckner; 18.20: Solos de piano de Ravel e Liszt; 19.00: Música do século XX; 20.00: Sonata n.º 3 em lá maior; 20.35: Poemas sinfónicos; 21.00: Ópera comentada, por Maria Helena de Freitas; 23.40: Intercâmbio musical; 00.15: A Orquestra do Estado da Saxónia; 01.00: Fecho.

3.º Programa-Nacional e Regional (290m)

16.00: «Variante»; 16.10: Casos ao acaso, por Orlando Dias Agudo; 16.20: Variante sobre rodas; 17.10: Prevenção e saúde, pelo dr. Sousa Pereira; 17.25: «Pão-pão, queijo queijo»; 18.00: «Contacto»; 18.10: Volta a Portugal em Bicicleta: chegada às Penhas da Saúde; 18.30: Actualidade; 18.45: Fórmula 1; 19.05: Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.30: Debate em directo; 19.35: A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes; 20.15: Antologia; 20.30: Pesquisa; 21.03: «Quando o telefone toca»; 23.03: «Nocturno»; 24.00: «Nocturno» (continuação); 00.15: «Dia a dia com o passado»; 02.00: Fecho.

CASTIL

Tel. 530194 15, 17, 19, 21.30

N. ac. a men. 13 anos

A RAPARIGA DA PELE QUENTE
é tudo o que o homem deseja
c/ Zendi Araya/Beba Loucar/Ugo Pagliai
de Luigi Scattini

CONDES

Tel. 322523 4.00, 16.30, 18.45 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

3.ª semana
Colorido

A LEI DO ÓDIO
um filme de Larry Pearce
Com Charlton Heston, James Coburn

EDEN

Tel. 320766 Estreia às 21.30

BUCKTOWN CIDADE CORRUPTA
interd. m/18 anos

Hoje às 14.00-16.30-19.00
últimas de
OS DOIS MISSIONÁRIOS
Para todos

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.30, 18.30, 21.30

Interd. M/18 anos

A REDENÇÃO DA CARNE
de François Joujja

ESTÚDIO 444

Tel. 555134 15, 17, 19, 21.45

Não acons. a menores de 13 anos

AS CRIATURAS
c/ Catherine Deneuve Michel Piccoli

IMPERIO

Tel. 5551345 15.15, 18.30, 21.30

Grupo B... 10 anos

O esperado regresso do mais fabuloso musical

OLIVIER
70 mm
6 Oscars

LONDRES

Tel. 801313 14.15, 16.30, 18.45, e 21.30

Não acons. a men. 13 anos

VAMO-NOS AMAR
c/ Mariby Moura e Yves Montand

MUNDIAL

Tel. 538743 15.15, 18.30, 21.30

Não acons. men. 18 anos

ESCÂNDALO EM FAMÍLIA
c/ Glória Guida, Lucretia Love e Carlo Gujire

3.º Programa-Local (187,5 m)

16.00: «Variante»; 18.00: «Compasso»; 18.15: Sai e pimenta; 18.30: Idolos do cinema; 19.45: Romance duma cidade; 20.10: Hoje convidamos...; 20.40: Serviço de agenda; 21.00: Fecho.

4.º Programa

16.00: «Gong», realização de João David Nunes; 19.00: «Em órbita»; 20.00: «Forum»; 20.54: Apelos; 21.05: 20.00: Objectivo; 21.30: O Som da Noite; 22.00: Quando o telefone toca; 23.30: Temas Vivos; 23.05: Última Hora; 23.30: Textos e Pretextos; 23.55: Meditando; 01.00: Rotação; 02.00: Fecho.

Rádio Renascença

NIMAS

Tel. 574362 14.30, 16.45, 19 e 21.30

Não acons. men. 13 anos

DAISY MILLER
um filme de Peter Bogdanovich
c/ Cybill Shepherd Barry Brown,
As 24 h
Hoje

A INICIAÇÃO SEXUAL DE CASANOVA

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15

5.ª Semana

Int. men. 18 anos
Colorido

EMANUELI E NEGRA N.º 2

PATHE

Tel. 821933 14.15, 17.45 e 21.30

Não acons. men. 18 anos

Em 4.ª semana

JURAMENTO DE AMOR
c/ Hema Malini Ferréz Khan

POLITEAMA

Tel. 326305 14.15, 16.30, 19, 21.30

Interd. m/18 anos

A BELEZA FASCINANTE DE ROBERTA

RESTELO

Tel. 610375 21.30

n. acons. M/18 anos

UM HOMEM NA SOMBRA
c/ Alan Delon

ROMA

Tel. 887778 As 16.30, 18.30, 21.30 h

OS VENCIDOS
c/ Bernie Hamilton - Adam Roarke
N/acons. m/18 anos

ROXY

Tel. 48560 14.00-16.30-19.00-21.30

O filme indiano de maior êxito

2.ª semana

AMOR E JUSTIÇA
n. acons. men. 18 anos

S. JORGE

Tel. 579144 15.15, 18.15, 21.30

CARRIE
de Brian de Palma
em 4.ª semana
Interd. a men. de 18 anos

TIVOLI

Tel. 570595

A partir de hoje às 15.15

Elvis Presley em
«ELVIS SHOW»
de Denis Sanders
Para todos

UNIVERSAL

Tel. 774402

Aceitam-se marcações pelo telefone

As 15.00, 23.00 (M/12 anos)

MONTEWALSH
Grupo C 14 anos

DOIS VULTOS NA PAISAGEM
As 19.00 n. acons. M/18 anos

OS RAPAZES DO GRUPO
As 21.00 Grupo C 14 anos

VOYBMO O INVENCIVEL

LISBOA/Teatros

QUARTETO
23.45 (18 anos)
«A Verdadeira História de Jack o Estripador»

ADÓQUE
20.30 22.45 (18 anos)
«O Calinas Cala a Boca»

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»

TEATRO B.º ALTO
21.30 (13 anos)
«Casimiro e Carolina»

VARIEDADES
21.30 (13 anos)
«Desculpa o Caetano»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«... Aqui quem manda sou eu»

TEATRO DA GRAÇA
21.30 (18 anos)
«A Estalajadeira»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
(18 anos)
«No calor de Júlia»

MONUMENTAL
21.30 (18 anos)
«Por um punhado de dólares»

CINEARTE
21.30 (13 anos)
«Milli»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Um Homem na Sombra»

PARIS
21.30 (13 anos)
«Gator» (o Implacável)

CALEIDOSCOPIO
21.30 (6 anos)
«As noites loucas do dr. Jerry»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Exibição»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Duelo na Poeira»

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Divina Criatura»

VOX
21.15 (18 anos)
«O Mecânico»

CAPITOLIO
21.00, 23.00 (18 anos)
«China Girl»

LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Um amor como o nosso»

QUARTETO

Sala-1
21.30 (13 anos)
«Destacamento de Mineiros»

Sala-2
21.30 (18 anos)
«O Fantasma do Paraíso»

Sala-3
21 e 23 (18 anos)
«A Máscara»

Sala-4
21.00, 23.00 (18 anos)
«Verão-72»

LINHA DE CASCAIS

PAÇO DE ARCOS

Chaplin
21.15 (12 anos)
«O Gladiador Invencível»

PAREDE

Royal
21.15 (18 anos)
«Santana o vingador»

ESTORIL

Palácio
21.15 (18 anos)
«Os desenhascadas»

CASCAIS

S. José
21.15 (18 anos)
«McQ um detetive acima da lei»

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Recreios desportivos
21.15 (18 anos)
«A cilada»

AMADORA

Lido
21.15 (13 anos)
«Voltar a Viver»

AMADORA

Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«Baray Lyndon»

SINTRA

Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«Emanuelle Branca
Emanuelle negra»

ALMADA

Incrível Almadaense
21.15 (18 anos)
«Prazeres Discretas da Alta
rofa»

OUTRA BANDA

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
21.30 (6 anos)
«Amar-se um só Verão»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Saló ou os 120 Dias de Sodoma»

RIVOLI
21.15 (6 anos)
«Os Demissionários»

SALA BEBÉ
21.30 (13 anos)
«A Grande Paródia»

JULIO DINIS
21.15 (6 anos)
«O Corsário Negro»

TRINDADE
421.30 (13 anos)
«O Incongruente»

CHARLOT
21.30 (18 anos)
«Fora de Estação»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Amor Eterno»

S. JOÃO
21.30 (13 anos)
«Ben-Hur»

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Bela Sangrenta»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Na Ponta do Sexo»

CHAPLIN
21.130 (13 anos)
«Ela tinha o direito de viver»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Triângulo erótico»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«A semente do Diabo»

SA DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«O Mais Quente Espectáculo do Mundo»

ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«Grizzly»

ÁGUA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Pânico no Estádio»

COIMBRA

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Por uma Mão cheia de Diamantes»

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Herdeira na Cama»



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
IND. TEL. DBOA TELEF. 12363
LISBOA PORTUGAL

Retornados pedem subsídio para a construção de casas

Ao abrigo do programa habitacional recentemente lançado pelo Alto Comissariado para os Desalojados, registaram-se já vários pedidos de subsídio para aquisição de habitação própria. A legislação em vigor limita as operações de crédito a um máximo de mil contos a seis mil escudos por metro quadrado de área coberta das habitações.

As construções iniciadas por alguns retornados com o apoio das instituições de crédito aplicam-se a casas localizadas no interior do País ou nos arredores das grandes cidades, acima de um raio calculado em mais de 50 quilómetros, onde o custo habitacional se aproxima daqueles limites.

Aguarda-se que o Ministério das Finanças altere a legislação vigente no sentido de tornar mais amplas as possibilidades de aplicação do programa habitacional para os retornados.

Relativamente ao problema da desocupação de hotéis, o Alto Comissariado decidiu prorrogar até ao próximo dia 15 de Setembro o prazo para a formulação dos pedidos de subsídio de integração a conceder aos que deixaram de ter alojamento por conta do Estado. Estima-se em 40 mil o número de pessoas actualmente alojadas por conta do Estado.

"Somague" soma empreitadas

A «Sociedade de Empreitadas Somague» obteve no ano passado, como resultado do seu exercício, um lucro de cerca de oito milhões e 200 mil escudos.

A empresa possui um capital social de 40 milhões de escudos.

No relatório, Balanço e Contas do Exercício de 1976, hoje publicado no «Diário da República», sublinha-se como «circunstância animadora, o aumento sensível de concursos públicos em Portugal».

No mercado interno, a «Somague» tem a seu cargo as obras das barragens do Poci-

nho (Douro) e da Varosa, do Porto de Portimão, dos Estaleiros Navais da Setenave, da Ponte da Barra em Aveiro, do Cais Acostável para a Mague em Setúbal, do bloco de sete edifícios em Lisboa para a Fundação Gulbenkian, das instalações Portuárias da Gaslimpo em Setúbal e ainda do troço da Auto-estrada Vila Franca de Xira-Carregado e Carregado-Aveiras de Cima.

No mercado estrangeiro, a Somague venceu o concurso internacional para a adjudicação das obras de abrigo do Porto de La Guaira (Venezuela).

AMANHÃ NO FUNCHAL

Picasso, Miró, Matisse em exposição

Inaugura-se amanhã, dia 25, no Museu de Arte Sacra, no Funchal, uma importante exposição itinerante organizada pela Fundação Gulbenkian. A exposição que permanecerá dez dias patente ao público, percorrendo depois os Açores e o Continente (Lisboa, Porto e Coimbra), é constituída por litografias que foram encomendadas a grandes artistas da nossa época pelo editor francês Perrière.

Sob a epígrafe «De Bonnard a Miró — homenagem a Perrière», serão apresentadas, em grande formato, e separadas do texto que originalmente se

destinavam a ilustrar, numerosas litografias de Matisse, Bonnard, Rouault, Chagall, Léger, Picasso e Giacommetti, entre outros.

As edições de que são extraídas estas litografias, também patentes na exposição, revestem-se do maior interesse artístico e bibliográfico. Figuram, entre elas, «As Cartas da Religiosa Portuguesa» (Maria Ana Alcoforada), com ilustrações de Matisse, «O Canto dos Mortos» de Pierre Reverdy, com ilustrações de Picasso, «Ubu Roi», por Miró, «O Circo» e «A Bíblia», por Chagall.

Nova fábrica de amidos no Norte do País

Está prevista para breve a instalação no Norte do País de uma fábrica de amidos, segundo confirmou a Anop junto de fonte oficial.

Um informador do Ministério da Indústria e Tecnologia disse a Anop que a instalação da referida fábrica era já do conhecimento das autoridades quando se estudou o processo de desintervenção da Copam (outra fábrica de amidos).

A este propósito, o informador ministerial negou o «carácter monopolista da Copam», reivindicado pela comissão de trabalhadores, pois, disse, «a fábrica só seria efectivamente monopolista se fosse proibida

a instalação de qualquer outra fábrica».

O diferendo que actualmente opõe trabalhadores da Copam à administração da empresa reside na circunstância de aqueles considerarem «monopolista» a situação da Copam e pretenderem, por isso, a nacionalização do capital privado português.

As autoridades ministeriais afirmam «não poderem aceitar, em termos legais, esse carácter, pois qualquer entidade que requeira a instalação de uma fábrica de amidos pode fazê-lo, em virtude de não existir qualquer proibição nesse sentido».

"Cimeira insular" em Belém

Está a decorrer desde esta manhã, no Palácio de Belém, a anunciada reunião entre o Presidente da República e os Presidentes das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, destinada a discutir problemas específicos destes arquipélagos.

Participam também no encontro o Primeiro-Ministro, Mário Soares, e os ministros das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, Galvão de Figueiredo e Lino Miguel, respectivamente.

Além de problemas de âmbito local, serão ainda tratadas na reunião questões que interessam, no quadro nacional, àquelas regiões.

Entretanto, Mota Amaral, chefe do Governo Regional dos Açores, declarou ontem, à sua chegada a Lisboa, que «as posições do PS correspondem a certa mudança relativamente a determinadas atitudes, que tinha tomado anteriormente».

Pronunciando-se sobre o re-

cente comunicado do PS nos Açores, Mota Amaral comentaria que «é uma posição que consideramos importante, na medida em que faz desaparecer um debate que se mantinha latente, sobre o próprio sistema em si (ou seja, a autonomia política e administrativa das Regiões Autónomas) e permite garantir, embora mantendo cada um dos partidos a sua posição, um funcionamento que visa a consolidação das instituições democráticas na Região Autónoma dos Açores».

Sobre a possibilidade de um Governo «convergente» PSD/PS nos Açores, Mota Amaral declarou que «essa questão estava absolutamente fora de causa, na medida em que os Governos Regionais estão mandatados pela maioria dos eleitores do PSD».

«Nós nos Açores», disse, «excluímos qualquer hipótese de que os entendimentos eventualmente a fazer para o conjunto do País, tenham reflexo necessário na cooperação do

Governo Regional dos Açores».

Por outro lado, em entrevista publicada no «Diário de Notícias», de Lisboa, o presidente do Governo Regional da Madeira, Ornelas Camacho, anunciou para Outubro uma nova orgânica no Governo daquela Região Autónoma.

«É possível que se criem novos departamentos, o que, naturalmente, pode envolver um ou outro nome diferente», precisou Ornelas Camacho.

O presidente do Governo Regional da Madeira sublinhou que «nunca foi abordada a questão da entrada de elementos do PS para o Governo madeirense como contrapartida de um eventual reajustamento do Governo central em relação ao PSD», frisando no entanto que «todo o entendimento que possa verificar-se no continente entre o PS e o PSD terá reflexos positivos nas relações do Governo central com os Governos regionais».

NOVAS PRESSÕES SOBRE O MAS

Dívida da Previdência aos hospitais ultrapassa os dois milhões de contos

Assume proporções graves a dívida da Previdência aos hospitais. Enquanto os hospitais de Aveiro ameaçam com a suspensão de consultas, noutros distritos o pessoal hospitalar recebe um possível atraso no pagamento dos seus vencimentos deste mês. A responsabilidade da situação é geralmente atribuída à Previdência, que deve aos hospitais centrais e às maternidades cerca de dois milhões e quatrocentos mil contos.

Informações confiadas ao «DL» por fonte autorizada permitem-nos referir que a dívida da Previdência aos hospitais centrais era de 1400 mil contos no fim de Maio, aumentando para 1800 mil contos em 31 de Junho. Por seu turno, os hospitais distritais tinham a haver da «Caixa» cerca de 800 mil contos no princípio de Junho, sabendo-se que entretan-

to a dívida da Previdência aumentou razoavelmente.

Em contacto com o Serviço de Imprensa do Ministério dos Assuntos Sociais foi-nos dito que se estavam a fazer esforços no sentido de resolver os casos «mais graves», não sendo aconselhável, por parte dos hospitais, quaisquer posições de força (como a da Associação Nacional das Farmácias, por exemplo) já que o MAS estava a «tratar de pagar». Sobre a ameaça dos hospitais do distrito de Aveiro de suspenderem as consultas aos utentes caso não recibam as dívidas dos Serviços Médico-Sociais (51.605 contos) o porta-voz do MAS adiantou que uma tal posição era oficialmente desconhecida. Ainda assim, um jornal desta manhã adiantava que essa seria a atitude a tomar por aqueles hospitais a partir do próximo dia

31. Todavia, «os hospitais sabem que se está a tratar do assunto», sublinham do ministério.

Por outro lado, e ainda por motivos dos «atrasos» da Previdência, há neste momento hospitais que se debatem com dificuldades para pagar os vencimentos dos respectivos trabalhadores. Nesta situação encontram-se, por exemplo, os hospitais de Torres Novas, Torres Vedras e Vila Franca de Xira, entre outros. As circunstâncias fazem supor que a verba para o pagamento destes salários terá de ser avançada pela Direcção-Geral dos Hospitais.

Ainda assim, o MAS considera que o problema não deve ser dramatizado, pois está-se a fazer um esforço para pôr «as contas em dia».

CONSELHO DE MINISTROS

Adiada para amanhã a reunião do Governo

Foi adiada para amanhã a reunião do Conselho de Ministros prevista para hoje, soube a ANOP de fonte oficial.

O Governo costuma reunir habitualmente às quartas-feiras, mas, excepcionalmente, o plenário de hoje foi adiado para amanhã, acrescentou a mesma fonte.

O adiamento deve estar relacionado com a

reunião que está a decorrer desde esta manhã, em Belém, para debater os problemas das regiões insulares. Conforme noticiamos noutra local, o general Ramalho Eanes convocou para hoje uma reunião preparatória entre os principais responsáveis do PS e do PSD com vista a serem abordados assuntos inerentes às regiões autónomas.

Septuagenário resiste a "barbudos" armados

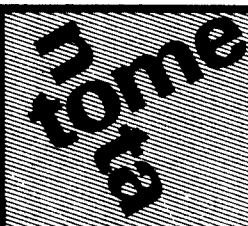
Um septuagenário, ajudante técnico de farmácia, resistiu a três assaltantes «barbudos» e armados, que na tarde de ontem invadiram a sua farmácia.

A tentativa de assalto foi perpetrada na Farmácia Rio de Janeiro, em Alvalade. Na cir-

cunstância, Mateus Gonçalves, de 72 anos, foi «convidado» a encostar-se à parede e, como resistisse, acabou por ser agredido com uma coronhada.

Entretanto, o segundo septuagenário, um dos assaltantes tirava medicamentos com «dro-

ga» de um armário. Queriam também dinheiro, mas como o velho ajudante de farmácia continuasse a debater-se e a gritar, o grupo acabou por fugir. Antes, porém, «voltaram a bater-me e partiram-me um dedo», conta Mateus Gonçalves.



DESINFORMAÇÃO I

O diário da manhã «O Dia» anuncia hoje, em grandes caracteres, nas páginas centrais: **Desencontro inesperado (?) em Luanda — Manuel Alegre não encontrou Neto ao chegar ontem à antiga colónia — O presidente do MPLA furtou-se ao «abraço amigo» do seu ex-camarada de luta.** Na última página, porém, escreve: «Contrariamente ao que noticiamos nas páginas centrais e que se baseava num telegrama da agência noticiosa oficial, ANOP, Manuel Alegre decidiu inesperadamente permanecer no Maputo por mais um dia, adiando assim para amanhã a sua chegada a Luanda».

DESINFORMAÇÃO II

Mas o referido diário da manhã não se limita a este «inesperado» erro cujas «culpas» pode atribuir à ANOP. Na já referida notícia das centrais, começa por noticiar: «O amigo pessoal de Agostinho Neto», referindo-se a Manuel Alegre. Mais adiante «informa» o seguinte: «Neto e Raul de Castro, que se faziam acompanhar de Henrique Carvalhal Santos e Hermínio Joaquim Escórcio, membros destacados do Movimento que domina Luanda, eram aguardados no aeroporto pelo ditador cubano... Um primor informativo...»

DESINFORMAÇÃO III

A Imprensa reacçãoária, fascista e neofascista, apoiada na impunidade de que tem gozado, sobe de tom nos seus ataques à democracia, refina nas suas intrigas, provocações, mentiras e invenções. Não contente em fomentar um clima de ódio e desestabilizador, no campo interno, fá-lo igualmente no campo externo, procurando com uma campanha vergonhosa, aumentar dificuldades e envenenar relações com os novos países de língua portuguesa e com os países socialistas.

Quem leia esse estrebuchar odioso fica com a impressão de que os fomentadores de tais campanhas se esquecem, no seu desespero, de que o fascismo terminou entre nós a 24 de Abril de 1974.

Assaltante e vítima travam duelo à navalhada

António Pousinho, de 35 anos, motorista da Carris, entrou por arrombamento na residência de Mário Negrier, na Av. Viegas, ao Lumiar.

Surpreendido pelo locatário, o assaltante puxou de uma navalha com a qual procurou atingir a vítima, mas esta armou-se de um instrumento igual, que esgrimiou com mais perícia, atingindo o intruso no pescoço e obrigando-o a fugir.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM JULHO: 46 100 exs.

Hoje 20 páginas